FON
FON
ANNO XXIII — Nº 10
Rio, 9 de Março de 1929.

A MORTE DO VAQUEIRO

QUEM, saindo da povoação de Taquara demanda Cariré, depois de percorrer uma legua, depara, num escampado, a casa quasi secular da fazenda Santo Antonio.

E era abrigada na sala de frente dessa habitação de estylo rustico que, num dia santificado, palestrava a familia do vaqueiro Paulino, enchendo de risos e gracejos horas e horas.

Cotovelos apoiados numa janella, que dava para o pateo, o velho Julio, ouvidos fechados á conversa, contemplava embevecido o bello quadro campestre, que se desenhava com as cores vivas da realidade ante os seus olhos.

Era em setembro. Meio-dia. Um sol inclemente dardejava sobre o sertão já adusto os seus raios abrazadores.

Um pouco afastados de casa, alguns animaes tosavam a grama resequida.

Mais ao longe, como um espelho de crystal deitado sobre a terra, brilhavam, feridas pelos raios solares, as aguas de um açude.

Bandos de marrecas, de quando em quando, cortavam em vôo lento o espaço azul, indo poisar na parede do pequeno reservatorio.

Ao lado direito alevantava-se o curral, feito de grossos troncos de aroeira, onde, fugindo aos rigores da soalheira, alguns munjolos gozavam a sombra projectada por uma latada.

Estava o velho Julio nessa doce contemplação quando, de repente, lobrigou na curva da estrada, que se estendia monotona e interminavel sertão a dentro, um cavalleiro.

Demorou por instantes os olhos no vulto, que lentamente se approximava, e, reconhecendo-o, voltou-se para roda, dizendo:

— Lá vem o Cicero.

•

LANCEMOS um olhar retrospectivo para a vida do caboclo sertanejo, cujo nome acabamos de lêr.

Ao leitor que vive em contacto com a população nordestina, é quasi dispensavel dizer o motivo por que recebêra elle, ao batizar-se, o supradito nome.

Sua mãe promettera ao patriarcha do Joazeiro que, se sobrevivesse aos soffrimentos atrozes do parto, poria no mascituro o nome de Cicero.

O heresiarcha joazeirense é tido pelo povo matuto nortista como uma personalidade super-humana, a quem os ceus outorgassem o poder de obrar milagres, havendo até fanaticos que o julguem novo theantropo, não hesitando em comparal-o ao Rabbi da Galiléa.

Mezes depois, aquella mãe, partindo de Riacho Fundo, onde morava, conduzia á capella de Taquara o fructo de suas entranhas, cumprindo fielmente a sua promessa.

Até os dez annos atravessára elle a existencia no lar paterno, fazendo de muito em raro ligeiros passeios pelas fazendas circumvizinhas.

Seu pae, á imitação de quasi todo o sertanejo, dedicava-se á criação e á agricultura.

Quando as crises climatericas não assolavam a "terra martyr", fazia elle plantios, colhendo alegremente no fim da estação hibernal os frutos de seus trabalhos.

Mas a sua principal preoccupação era criar. Sempre que montava o seu famoso "Alazão", um sorriso denunciava a alegria, que lhe ia n'alma.

Influenciado desde pequeno pelos habitos de seu genitor, Cicero não podia deixar de amar a vida agitada do campo.

O COMMENTARIO

A luta contra o cancro. Esta enfermidade é hoje o pesadelo das nações. Propagando-se de maneira assombrosa, traz actualmente em continua vigilancia as nações civilizadas. Institutos especiaes estudam-na dia e noite. Sabios encanecidos no trato dos livros e no uso do microscopio dedicam todos os minutos de sua vida ás pesquisas do microbio terrivel! Os premios promettidos aos descobridores da cura do cancro são formidaveis. E, por toda a parte, os governos e a sciencia esforçam-se pela solução do problema.

Tudo em vão. Os annos passam e mal se avança algumas linhas, vacillando. As devastações insidiosas do cancro continuam. E as estatisticas amedrontam. Entretanto, os jornaes vivem cheios de noticias de charlatães e exploradores que já fizeram isto e aquillo, que até já descobriram tudo.

No dia em que se descobrir a cura do cancro, a humanidade respirará alliviada.

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

Aos quinze annos, pela primeira vez, envergando um gibão, calças de coiro ajustadas ás pernas, partira elle matta a dentro, montando um possante cavallo, com o fim de trazer ao curral um garrote arisco, que já havia tirado a fama de muitos vaqueiros destros.

E que alegria não experimentou elle, quando, dando duas mucicas na rez rebelde, a encaminhou subjugada e vencida para o terreiro da fazenda!

Durante quatro ou cinco annos, mostrou elle com orgulho a sua pericia rara nas carreiras violentas, através de varzeas extensas e de catingas cerradas.

Afim de attenuar a monotonia da vida rustica, dirigiu-se Cicero uma noite de luar á fazenda Santo Antonio, onde deveria effectuar-se um samba, ao relento.

Quando lá chegou, já haviam começado as danças e elle, aproveitando occasião opportuna, enlaçou a cinta de uma morena, discorrendo em sensuaes meneios pelo terreiro.

Não era passada ainda uma

hora, e já estava o Cicero loucamente apaixonado por aquella sertaneja de rosto lindo e fórmas encantadoras, possuidora de uma cabelleira de ébano, onde, como astros pregados em noite caliginosa, branquejavam duas saudades.

Foi, pois, alli, banhado pela prata do luar e ouvindo o som choroso das violas habilmente dedilhadas, que aquelle caboclo sentiu a voz do amor acariciar sua alma.

*

E era attrahido pelo olhar seductor da bella camponeza, arrastado por irresistivel paixão, que elle demandava, naquelle dia santo, á fazenda Santo Antonio.

Logo que chegou, cumprimentou as pessôas que se lhe apresentaram e, durante não pequeno espaço de tempo, deu largas ao seu genio expansivo.

Convidou-o então o Paulino, pae de Marianna, a escolhida de seu coração a fazer parte de um grupo de vaqueiros, que, na quarta-feira da semana vindoira, haviam de dar busca ao "Bargado", boi que só puzéra os pés no curral, quando garrote.

Cicero, de muito bom grado, acceitou o convite e, momentos depois, volveu á sua casa de morada.

Os dias que antecederam quarta-feira foram exclusivamente applicados aos apprestos, que exigia aquelle torneio campestre.

Na hora aprazada do dia determinado, reuniram-se pela manhã todos os vaqueiros convidados.

Saboreada uma chicara de café, abandonaram elles a casa da fazenda Santo Antonio, internando-se, depois que atravessaram o pateo, na matta sombria.

A' tarde, quando vivo rubor começava a tingir o horizonte, chegaram ao terreiro da morada sertaneja, vindos de diversos pontos, os vaqueiros, á excepção de Cicero. D'elle nada se sabia.

Até o rumo que tomára era desconhecido pelos seus companheiros.

Passaram-se dois dias e a seu respeito nenhuma nova se obteve.

No terceiro dia, porém, para o norte, maculando a saphira do firmamento, moviam-se incessantemente, como uma nuvem negra e irrequieta, dezenas de urubús.

Dirigindo-se para lá, o velho Paulino encontrou, já com as or-

bitas vazias e os intestinos carcomidos, o cadaver de Cicero.

Uma estilha de pau branco, que o acaso atravessára por entre a mataria, guardava ainda na ponta homicida porção de seus luzidios cabellos, denunciando a enorme pancada, que lhe espatifára o craneo.

Coitado! Elle, que tantas vezes pensára em colher os laureis immorredoiros da victoria, naquella pugna campestre, afim de enaltecer-se perante a eleita de seu coração, nem de leve presentiu que o destino cruel, em vez dos louros ambicionados, lhe r e s e r v a r a aquella morte sinistra.

ANTONIO MARROCOS DE ARAUJO

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

Rio de Janeiro

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	25$000

Venda avulsa em todo o Brasil. 1$000.

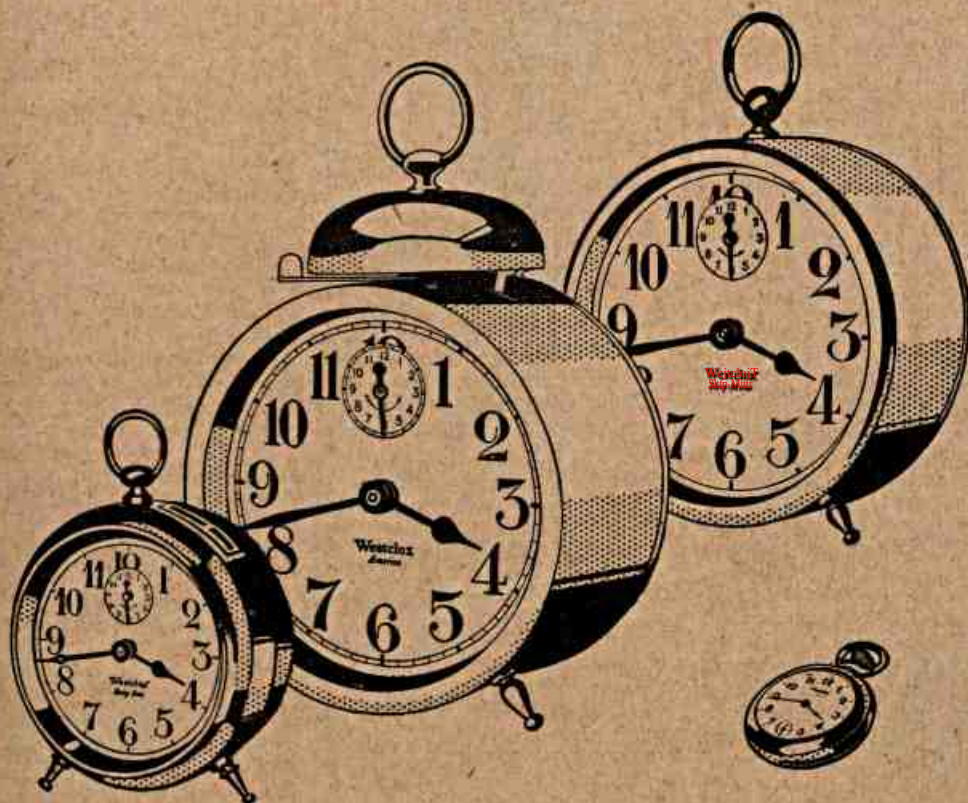
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPREZA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.
Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Westclox

Relogios de qualidade

QUANDO o Sr. compra um Westclox, obtem um fiel marcador de tempo, porque na fabricação dos despertadores e relogios que levam este nome são empregados unicamente a mais perito mão de obra e os materiaes da mais alta qualidade.

Escolha qualquer estilo de Westclox que preferir, e terá a certeza de obter o melhor e mais satisfactorio serviço por longo tempo.

WESTERN CLOCK COMPANY, LA SALLE, ILLINOIS, E. U. A.

Fabricantes de Westclox: Big Ben, Baby Ben, Pocket Ben, Bom Dia

SALVAÇÕES

De JOSÉ GABRIEL

A O leitor deve ter occorrido, como a mim, ouvir e ver escripta, mais de uma vez, uma observação, do seguinte teôr: "Entre as especies animaes, é natural um determinado costume; só a especie é que a proscreve sob o epitheto de immoral".

Precisamente nestes ultimos dias, abrindo um livro argentino, no qual são considerados os problemas do amôr, tropeço, logo de inicio, com uma calorosa invocação da polygamia animal, contra a monogamia humana.

Tratando das questões do sexo e do matrimonio, é quando os pensadores ou pseudo-pensadores nos apresentam, mais a meúdo, o exemplo dos animaes.

Apenas é necessario advertir que não continuei a ler um tal livro, em que semelhante invocação era feita. Antes de tudo (quem não leu mais do que a "Physica do amor", de Remy de Gourmont, o sabe), é mister recusar terminantemente a maioria dessas allegações da pureza animal, fundadas em observações insufficientes, pois por pouco que se investigue, com attenção, logo se deixará de vêr que, sobretudo, em materia de observações sexuaes, nada podemos ensinar aos homens e aos animaes.

A especie humana é a unica que se recata deante de determinados usos que, entre os irracionaes, são perfeitamente naturaes. Mas a especie humana é tambem a unica que póde produzir a *Illiada*, a *Divina Comedia*, o *D. Quixote*, *As Meninas*, *Moysés*, Jesus e, si querem, a machina a vapor.

NATUREZA E CULTURA

De par com a allusão nostalgica aos habitos animaes, se offerece esta outra allusão á natureza contra a cultura.

Desde que Rousseau, com aquella sua magistral arte oratoria, deu em dizer que todos os males que affligem o homem se devem á cultura, quantos não são os que têm terminado, (theoricamente, entende-se) retornando á natureza.

Romanticismo dos romanticismos é esta doutrina da natureza, sempre que não se limite a pedir um sopro da vida para as fórmas vasias, naquelles momentos da historia em que, por esgotamento do contido nas fórmas, pretendem bastar-se a si mesmas, como acaso acontecia na época de Rousseau.

Fóra desse terreno, é pueril candidez apresentar como exemplo a natureza. A natureza só tem sentido, vista através da cultura.

MONOGAMIA E POLYGAMIA

E já que, por via de exemplo, acabo de referir-me á diversidade de costumes "matrimoniaes", entre homens e animaes, notemos que a polygamia, effectivamente, é um facto natural; mas a monogamia é um facto de cultura.

Não é natural a união exclusiva entre dois sêres, como não é natural o vestir, nem respeitar, sob o ponto de vista do amor, paes a filhas, irmãos a irmãs, ne[illegible] trabalhar emquanto se opera o processo digestivo.

Mas quem disse que deviamos viver conforme [illegible] natureza?

O que é preciso averiguar é si é culto.

LEI E ANARCHIA

Eis aqui outro terreno em que a invocação á na[illegible]tureza constitue o argumento mais solido: — o da or[illegible]ganização social.

Os anarchistas baseiam a sua doutrina no exemp[illegible] da natureza. Falsa base, desde logo; pois si algum [illegible] exemplo póde dar-nos a natureza neste sentido, é [illegible] de que ella governa a força material.

Supponhamos, porém, que na natureza as co[illegible] occorrem de outro modo; que a apparente liberd[illegible] individual que ha nella, não fosse, como é, na real[illegible]dade, uma escravidão collectiva: que poderiam[illegible] oppôr?

Não o esqueçamos: o homem não vive confor[illegible] a natureza. A lei é culta? Tal é a pergunta que co[illegible] responde. Não nos preoccupe saber si é ou não natur[illegible]

MATERIA E ESPIRITO

Um amigo para quem sou — oh, ironia! — sou po[illegible]sitivista, me reprova a meudo o meu excessivo ap[illegible] ao material.

— E' necessario cultivar o espirito, diz insis[illegible]tentemente.

O meu amigo — devo dizel-o antes de tudo — é [illegible] enamorado da civilização oriental. Já esse dado, se[illegible]gundo creio, o filia com precisão. Affecto ao orien[illegible] equivale dizer, affecto ás coisas vagas.

Agora, reflictamos.

Existe espirito?

Existe, sem duvida alguma. Para mim, pelo men[illegible] que não acceito as doutrinas materialistas. Por[illegible] por que meios se manifesta? Por meios mater[illegible] Logo, como é que, querendo cultivar o espirito, p[illegible] cindiremos da sua manifestação?

No seculo XIX, a sereia positivista desviou a [illegible] dos navegantes com a sua attraente ode aos pro[illegible]ctos do espirito. Mais melodioso que o seu predece[illegible] em nosso seculo se ouve o canto da sereia oriental[illegible] espirito mesmo, e si não nos seguramos bem, corr[illegible] risco, nós outros, navegantes da cultura, de extra[illegible] tambem o nosso roteiro.

A rota que conduz a porto seguro não é a [illegible] fetichismo scientifico nem a da theosophia. Para [illegible] outros, gente occidental, a orientação polar é a do [illegible]tellectualismo socratico.

Si havemos conseguido emancipar-nos do posi[illegible]vismo, procuremos, pois, agora, não cahir escra[illegible] do orientalismo divagador.

Cultivar o espirito (falo com relação aos orien[illegible]taes), vale tanto quanto voltar á natureza (falo a[illegible] em relação aos inimigos da cultura).

Recusamos, além do mais, esses espiritualista[illegible] por uma razão de honestidade. Quem nos acons[illegible] cultivar o espirito, abstractamente, nos aborrece[illegible]

Aconselha-o, porém não o faz — porque não [illegible] onde é que o espirito está.

INVEROSIMILHANÇAS

De HENRIQUE MENDEZ CALZADA

O que vou narrar — disse o Mestre — occorreu ha muitos annos; tantos annos que parece não ter occorrido nunca.

Um homem que saía de sua casa ao amanhecer e se dirigia ao seu trabalho, ao passar junto a uma lagôa, na qual as aguas estagnadas e as immundicies accumuladas haviam formado uma esterqueira, viu um pequeno objecto de fórma espherica, cuja brancura espelhante resaltava sobre o fundo negro e opaco que lhe offerecia o lodaçal.

Era muito cedo. Tanto que o homem pensou que o brilho irisado da pequena esphera reluzente não fosse senão um simples reflexo do vasto circulo de ouro, rosa, carmim e tenue malva, em que a estação descansava, na parte do Oriente, a invertida copa de turqueza do céo.

Aquelle viandante madrugador era um homem de sentido commum, um homem razoavel que não acreditava em coisas impossiveis, como o são em regra geral os homens madrugadores. E, conjecturando sobre si o objecto visto ao passar podia ser ou não, uma perola, ia dizendo:

— "E' impossivel, de qualquer modo. Uma perola em um lodaçal! E', sem duvida, uma pedrinha qualquer, ou talvez um fragmento de porcelana ou marmore, que brilha com as irisações do amanhecer. E' um simples phenomeno d'optica, produzido pela refracção da luz, e de acordo com as leis da sciencia physica, que recordo haver estudado. Tem de ser isso, e nada mais. Não é esta uma paragem para encontrar joias nem objectos de valor algum. Por aqui só passam pobres como eu."

* * *

E seguiu o seu caminho, pois era, segundo disse, um homem distincto.

Atraz delle, passou um outro homem. Era o que se costuma chamar — um homem distincto, cujas vestes attrahiam a attenção pela sua elegancia.

Bem se via que era um homem de qualidade. Tambem esse cavalheiro viu, ao passar, aquella pedra; e duvidou, como o anterior, que fosse uma perola.

E dizia de si para si:

— "Si me baixo para apanhal-a, acontece que não é perola, nem coisa que se pareça. Os que me vissem levar esse engano, ririam de mim, certamente. Tornar-me ia ridiculo, e deixaria de ser o homem mais distincto da cidade. Um homem elegante deve proceder sempre como si alguem estivesse vendo. Só debaixo dessa condição é possivel que se conduza realmente bem, quando o estão olhando."

E proseguiu o seu caminho, sem se recordar do encontro que tivera. Pois era um pobre homem, um desditoso que possuia o sentido do ridiculo, que é o mais poderoso inimigo da Felicidade.

E aconteceu passar outro homem, que viu do mesmo modo a tal perola — pois, na verdade, era aquella uma perola, ainda que se ignóre como pôde ter ido parar na

quelle sitio — e tampouco se inclinou a apanhal-a. Elle ia depressa, afim de chegar á hora do trabalho.

E pelo caminho ia dizendo:

— "Uma perola devia ser, não ha duvida, e de muito preço. Tolo que fui, em não me baixar para colhel-a. Quando saír do meu trabalho, irei buscal-a no seu lodaçal. E si encontral-a, offerecel-a-ei de presente á minha noiva.

Como ficará alegre! Que linda não ficará ella, quando a collocar no peito!"

* * *

Assim ia elle dizendo, de si para si; pois era um homem de bôa fé, ingenuo e infantil. E como as crianças, não conhecia a duvida. Nem a vaidade. Nem o ridiculo.

E assim fez.

Quando tornou a passar, viu que um porco gordo e luzidio, andava fuçando por ali, e não achou a perola.

E disse de si para si:

— "Este porco do demonio deve tel-a comido. Vou matal-o, porque uma linda perola vale mais que um cerdo, e ainda mais que muitos homens.

E correu á sua casa, que não era longe, e apanhou uma faca. E ia enfial-a já no pescoço do porco, quando foi visto pelo dono do porco, e com o qual teve uma tróca de palavras.

— Eh, lá! Com mil demonios! — gritou o homem. Por que vae matar o porco?

— Porque engoliu uma perola, que não é alimento para esses animaes — argumentou o simplorio. Quando encontrar a perola duplicarei o preço.

Então se empenharam em luta e o dono do porco levou a peor parte, porque recebeu uma facada no coração.

O assassino compareceu deante do tribunal, onde os juizes se mostraram confundidos.

Uns sustentavam que aquelle homem era um assassino vulgar; outros allegavam que não era senão um louco, posto que admittisse sem duas coisas egualmente absurdas: si se tratava de um criminoso, porque a este a lei pune; ou si se tratava de um louco, porque não soffreria com o castigo, nem havia para elle cura mais radical.

* * *

Quando o Mestre acabou de narrar esta parabola, disse aos seus discipulos:

— "Eis ahi o premio que recebem os homens que têm fé. Já vêdes, por ahi, quanto vale não crêr em coisa alguma: não já na verdade das coisas falsas ou illusorias, mas na verdade das coisas verdadeiras."

— "Não creio — respondeu ao Mestre um dos discipulos — que este seja o ensinamento do caso. O que delle se deprehende, a meu ver, é que nessas contendas de fé, succumbe sempre aquelle que crê e o que não crê, o que affirma e o que nega; e até se perde de vista a verdade, como occorreu com a perola do conto, sepultada nas entranhas do porco. Assim é como ninguem se salva.

Quer dizer — concluiu — o unico que se salva é o que duvida."

A LUA

De Abel Bonnard

(LENDA ORIENTAL)

ESTA noite, para meu consolo e minha alegria, apparece uma lua opulenta, que põe toda a paizagem em liberdade. O rio que se estende por sob ella, dá a impressão de ser a sua cauda.

As montanhas, destacadas, nadam em uma claridade leitosa. No jardim, em torno á minha pessôa, as flores parecem escapar da sua haste, e, como fusos, brilhar antes que desabrochar, no estranho vapor do ar.

Olho com amor o astro preferido, o grande sol feminino, que reina sobre todos os poetas da Asia e que os põe em extase.

Então me vem á mente a historia do imperador Huan-Tsung, dos Tang.

Uma noite em que elle admirava assim a branca Diana, de um balcão florido, com o patriarcha Chen e o doutor da Razão Ye Fa-Chan, deixou escapar o desejo de ser transportado.

— Hoje, disse o patriarcha, a coisa vae bem.

E tendo recitado algumas invocações magicas, pediu ao doutor atirasse no ar o seu bastão.

Logo que isso foi feito, elles encontraram uma ponte, por onde caminharam.

Depois de terem seguido em frente, alguns instantes, uma longa distancia, se viram deante de um grande portico. Atravessaram-n'o e se depararam com magnificos palacios, vidrados e scintillantes, de um grande fausto hybernal.

Elles mesmos estavam admirados, e o orvalho gelava as suas vestes.

A fachada mais ampla trazia a seguinte inscripção: "Palacio do Grande Frio e do Vasio claro".

O doutor da Razão lhes disse que ella habitava alli — a famosa Tchang-ugô, que, ao tempo do imperador Yao, havia roubado ao marido a droga da immortalidade; depois havia fugido para a lua.

Dois soldados velavam á porta, tão encolhidos e gelados, que os visitantes acreditaram que elles não se opporiam á sua passagem.

Mas quando se aproximaram, os guardas, baixando as suas lanças de gelo, fizeram um passo tal, que os tres companheiros se detiveram.

Graças á arte do patriarcha, foram então transportados sobre um dos vapores brancos, elevados no ar. Elles viram de lá todo o vae-e-vem do palacio. Sobre nuvens atreladas a grous, os immortaes se visitavam. As damas lunares, vestidas de branco, se pavoneavam ou dançavam com uma graça fina, sob as arvores cobertas de neve.

Uma impeccavel melodia regulava todos os seus movimentos, e o imperador, que era grande amador de musica, procurou retel-a de memoria.

Depois, era preciso partir de novo. Como passavam por cima da cidade Lutcheu, Ye Fachan, saudando o imperador, lhe pediu que parasse um instante, executasse uma aria na sua flauta de jade e atirasse uma sapeca de ouro.

Regressaram, em seguida, ao palacio imperial. Huan-Tsung não viu mais a ponte que elles haviam seguido e acreditou ter sahido das fumaças da embriaguez.

No dia seguinte, como elle olhasse de novo a lua, com os mesmos companheiros, desejou voltar a ella.

Mas a data não convinha mais; e não puderam senão admirar a esphera luminosa.

Oito dias depois, um relatorio veiu ter ao throno, no qual as autoridades de Lu-Tchu communicavam, respeitosamente, que, na decima quinta noite, do oitavo mez, uma musica aerea se havia feito ouvir, por cima da cidade, emquanto do céo cahia uma moeda de ouro, que juntavam ao relatorio.

O imperador, nas bellas noites, não podia destacar os olhos da lua; e ao contemplal-a, fazia esforços para encontrar as arias que escutára.

O seu professor de musica, ao lado delle, annotava o que lhe vinha á cabeça.

E foi assim que se creou *la Chanson des vêtements de grésil et des robes de plumes blanches*"...

ELY (Capital) — Li attenciosamente a sua missiva lilaz. Lilaz! Essa *nuance* me dá sempre a idéa de hypocrisia e insinceridade. Mas será esse o seu caso? Não o creio. Que necessidade teria V. Ex. de dizer-me tantas gentilezas, sob rigoroso anonymato, quando não sentisse o que affirma?

Emfim, de uma mulher tudo se deve esperar e suspeitar.

De V. Ex., espero que seja verdadeira e suspeito que esteja a fazer *una broma*...

E' bem possivel (a sua letra é a das pessôas fingidas) que V. Ex. hoje não esteja mentindo. Platonica, sonhadora, — com determinadas pessôas, veja-se bem! — V. Ex. parece estar presa de uma grande melancolia. Como me não conhece, tomou-me para Christo das suas maguas e dos seus queixumes — maguas e queixumes, certamente, de um amor mal correspondido, que V. Ex. desprezou, sem um motivo plausivel, e agora se doé n'um profundo remorso... Quem sabe lá? Ha tanta incongruencia no coração de uma mulher...

Por mim, só peço a Nossa Senhora das Damas Fingidas que me dê paciencia e bom humor.

Não tive mais noticias de *Rosario*. Tenho della uma excellente impressão.

Quanto a livros, por ora não penso em outro. A minha vida atribulada não me dá vagares para escrever senão para o *gosto diario*. ?.

E quando tiver uma nova crise de tristeza, pode telephonar, como o outro dia, ou então escrever-me n'uma cartinha lilaz, com tinta rôxa... O *Saibam todos* ás vezes desempenha a funcção de Assistencia Municipal dos Corações ou de Hospital do Prompto Soccorro ás Almas Melancolicas e Afflictas...

LUISA (São Paulo) — A sua carta é magnifica para ser publicada nesta secção. Sabe o motivo? Porque diz coisas que penso e sinto, mas não me convém dizer.

Por isso resolvo dal-a aqui na integra:

Yves, — O receio das suas ironias tem contido o meu desejo de escrever-lhe. Hoje, o temor desvaneceu-se, mesmo porque acredito que você é bastante cavalheiro, para deixar de lado uma arma que eu não saberia manejar.

Convenho que você precisa defender-se das importunações, pois creio, sem ter necessidade de você afirmar, que se a sua "secção" lhe traz algum prazer, isto faz-se pagar bem caro.

Agora, viria muito a proposito escrever uma longa tirada eloquente, recheiada de adjectivos sonoros ou retumbantes, em elogio a seu bello talento e... depois, pedir com um ar supplicante de menina mimada: Yves, seja bonzinho, faça a minha graphologia.

Ora, Yves, eu não sou uma mulher como as outras, prefiro que você me diga: — "Você, Luiza, não sabe ser gentil, deve ser muito velha e terrivelmente feia, portanto não me convem fazer o que me pede" — a que você pense: — ésta quiz com umas phrazes ocas, comprar a minha vontade.

Dir-lhe-ei sinceramente que não é a curiosidade de desoccupada, que me impelle a fazer esse pedido. E' o desejo de me conhecer melhor, de saber até que ponto me cabe a culpa de minha desventura. O soffrimento fez de mim uma revoltada e se hoje não detesto os homens, devo ao meu pae e ao meu pequenino.

Só hoje comprehendi a profunda sabedoria do conto arabe, em que o diabo dava a escolher, á um rapaz que morria: a vida, mas com um dos tres estygmas: ladrão, assassino ou bebado. E dos tres elles, elle escolheu o que lhe pareceu menos cruel, e, a bebida, tornou-o ladrão e assassino.

Yves, não posso nem devo dizer mais: já que perdoei, é preciso esquecer, mas nunca pensei que fosse tão difficil.

Ao seu cavalheirismo confio o meu verdadeiro nome, pedindo que para a resposta, use somente o primeiro."

Conhecido o texto da sua missiva, vamos agora ao que a interessa: a graphologia.

A sua letra revela um temperamento calmo, sereno e tranquillo. As suas maneiras são gentis e brandas; dão a perceber que V. Ex. é uma creatura delicada e de um fino espirito de cortezia. Intellectualmente, as suas idéas são claras.

Revela raciocinio facil, prompto e o bom humor ferino dos sarcastas. E' uma zombeteira. Ordenada, ama os principios de methodização, principalmente quando se trata dos problemas sérios de sua vida. Não é uma egoista. Mas não é uma creatura altruista, visto como não é capaz de sacrificios por ninguem. E' fria, commodista e sem nenhuma ambição. Dissimula os seus sentimentos, com grande habilidade, afim de não revelar a sua alma aos olhos investigadores, como os dos graphologos. Ha uma tendencia accentuada na sua letra para a melancolia. V. Ex. é sóbria, repousada e sem nenhuma vibração de alegria ou de enthusiasmo. Desconfiada, muito desconfiada. A sua força de vontade é nulla. Quasi nenhuma.

Em V. Ex. o que predomina é o cerebro e não o coração.

VELHO (?) — O senhor começa o amontoado de vocabulos, a que dá o nome de soneto, com as palavras seguintes: "Queres que te diga com franqueza, sem ambages, tolices inuteis, a causa desta minha tristeza?" e eu, por minha vez, começo este commentario com palavras identicas.

Sim, caro poeta, quer que lhe diga sem *ambages* a causa da minha tristeza? E' ver que toda a gente, neste paiz, deseja fazer poesia, mesmo quando não sabe escrever a propria lingua. Francamente, esse espectaulo, a quem está observando o nosso movimento mental, é de causar a maior desolação.

A's vezes, os casos de pobreza cultural são tão impressionantes que chego a duvidar que haja um cidadão, no uso perfeito das suas faculdades mentaes, capaz de ridiculos como o do seu soneto *Porque sou triste*.

E' sério, meu *Velho*.

Será verdade que me enviou o seu trabalho, com o intuito de vel-o publicado, ou foi apenas para fazer pilheria comsigo mesmo?

Eis aqui o seu soneto:

PORQUE SOU TRISTE

Queres que te diga com franqueza,
Sem ambages, tolices inuteis,
A causa desta minha tristeza,
A' qual attribues motivos futeis?

Ouça-me: soffro com dôres crueis,
Provando-lhes sempre da amar-
[gueza.
O esvaecer de aspirações fieis,
Quando mais as tinha em certeza.

Amei com estro, com ardentia,
Bella joven, que me fez antever
Um paraizo que antes não cria.

O resto é banal... mas vou dizer:
Feneceu, mui cedo, a minha Lia
Esperanças, sonhos, meu bem
[querer.

Diga, por Nossa Senhora! o senhor não estará pilheriando com a sua pobreza de espirito, illustre poeta?

SINHAZINHA (Minas) — Creio que a Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, possue os livros que procura. Quanto á 3.ª edição d'O *Doce Enlevo*, V. Ex. deve encontral-a na filial daquelle estabelecimento, da capital do seu Estado. A Livraria Alves comprou-me essa 3.ª edição. Eu nada tenho com ella.

Terei de adquiril-a, ao preço de venda, como qualquer freguez.

Não posso fazer o estudo da sua letra. Seria uma inconveniencia da minha parte dizer-lhe coisas desagradaveis.

ANHANGA' (São Paulo) — Muito bem, caro poeta. Leiamos attenciosamente e em voz alta a sua carta.

Ei-la:

"Sr. Yves. — Eu não lhe escrevo uma carta azul ou cor de rosa, dessas pequeninas cartas perfumadas, que só as mulheres sabem traçar e o senhor, na sua requintada ironia, qualifica de gentis, fidalgas, sentimentaes. Nem haveria razões para isso: sou um rapaz, vinte annos; quase bonito e quase intelligente. Um rapaz vulgar, já se vê; tão vulgar que amo a poesia (A poesia está na alma do brasileiro, como a musica na do italiano e a physica na do tudesco. Confere?...)

Pois eu amo e cultivo o meigo idioma.

Pretendo agora ensaiar um passo mais largo do que os que tenho dado. Explico-me: collaboro nalguns jornaes do interior. Mas uma composição publicada aqui não será lida por mais de meia-duzia de eleitos que apreciam os versos... Escolhi então alguns versos ineditos. Teria grande prazer em vel-os no Fon-Fon. Sua benevolencia consenti-lo-á?

Elles ahi vão. Espero-lhe a resposta — *Anhangá.*"

Li os seus versos e guardei-os para publical-os num local que mais lhes convenha. Dou-lhe os meus parabens por me haver remettido trabalhos que o honram como poeta.

E proclamando, desse modo, o seu valor literario, não lhe faço favor algum, visto como os seus poemetos revelam, na verdade, um temperamento de artista.

Si todos os que procuram esta pagina, pudessem confirmar o merito que lhe reconheço com justiça, estou certo de que só teria ensejo de applaudil-os, de incentival-os, e não de crear inimigos gratuitos, a quem a sinceridade da minha critica, por vezes fére e desagrada.

Mas que fazer? Não é possivel que esta pagina me tenha sido confiada para exercer fiscalização sobre os noviços em arte, e a transforme em tribuna de applauso á mediocridade, só para me poupar o aborrecimento de ataques e aggressões de cavalheiros despeitados.

BONEQUINHA DE SÈVRES (São Paulo) — Côr de rosa, fina, elegante, perfumada, a sua missiva mostra bem que veio das mãos fidalgas de uma paulista. Li-a com prazer, e com esse enthusiasmo que me inspiram as minhas patricias de São Paulo.

Ella me fez lembrar os versos de Raquel Sáenz:

¡ Oh, la carta esperada!
Ya está aqui, y en mi mano apri-
[sionada!

¡ Paloma mensajera!
¿ Qué le traerás a mi quimera!

Ven, ven aqui, sobre mi seno
Reposa en tanto mi inquietud
[sereno.

. . . .

Gosto desses versos da poetisa uruguaya...

Mas, agora, vamos ás respostas que lhe devo.

Pergunta V. Ex. por que me interesso mais pelas minhas ironias (?). Eu? Quem se póde interessar por ellas são as leitoras desta secção... Principalmente as *jeunes filles*, irmãs dos anjos e das borboletas de abril. (Gostou das "borboletas de abril"?)

E por falar nisso, creio que V. Ex. é uma dessas irmãs dos anjos e das borboletas. Não será? Si é, não m'o negue.

E ahi está uma razão para que eu não lhe dê uma lista de livros que concorram para a formação do espirito de uma joven de dezeseis annos."

Deus me livre! Não quero morrer com esse peccado mortal.

A esse respeito, tenho uma idéa que póde parecer um pouco iro-

MABEL (São Paulo) — Grato nica, mas que não o é de facto. Essa idéa é a seguinte: é tão lindo um espirito innocente, de uma joven de dezeseis annos, (e haverá mulher que não seja joven, e tenha mais que essa idade?) que não vale a pena envenenal-o com a cultura deste seculo. Seria bom conserval-o na sua pureza e ingenuidade primitivas, dando-lhe apenas a carta de *A B C* e, quando muito, a *Historia da Princeza Magalona*...

Fala-me V. Ex. em "Sayonára". E pondéra que ella abandonou esta secção...

Sayonára! Que estranho mysterio e que estranha attracção é a que essa joven exerce sôbre tantos espiritos! Será possivel que só della é que se fala, e só ella preoccupe as suas "collegas"?

E' verdade que essa illustre dama ou senhora, ou senhorita ou *jeune fille* do *Sacré Coeur?*) me dá a impressão de ser muito talentosa (si de facto é ella a autora de suas cartas); mas as suas idéas são á 1830.

Certa vez, me repetiu todos os logares-communs do diccionario, e das encyclopedias, para sustentar que as "convenções sociaes" impediam que uma moça se apresentasse a um escriptor, que desejava verificar, *de visu*, si ella ainda não havia passado dos 35 e pouco...

Ora, uma mentalidade moderna não se apéga a argumentações de tal ordem.

São as proprias "convenções sociaes" que obrigam a uma senhora (ou senhorita?) a estreitar relações de amizade com os representantes da nossa cultura literaria, —uma vez que essa senhora (ou senhorita?) manifesta inclinação para as letras.

O que "as convenções sociaes" não podem obrigar é que se leve a serio a literatura de uma *jeune fille* (ou senhora?) que tanto póde ser filha como filho de Eva...

N'uma palavra, desconfio muito da authenticidade da intelligencia da senhorita que se esconde sob o anonymato de "Sayonára". Quem dirá que essa essa *jeune fille* (ou senhora?) não é um sympathico e divertido marmanjo?

E' verdade: Mme. Sayonára offereceu-me um vidro de perfume carissimo. Pudéra! Ella tem a nota... (Desculpe a gyria.)

Isso quer dizer que não usa mais aquelle *Narcisse Noir*, que me dava dava tantas dôres de cabeça e tonteiras, quando abria as suas cartas...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 9-3-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

. . . .

pelas suas palavras de cumprimentos e sympathia, no dia do meu natalicio. Mas quer que lhe diga uma coisa? Não ha nada que me entristeça mais do que assistir a essa derrocada da minha mocidade. E' horrivel. Já hoje me sinto mais velho do que hontem. Imagine o que é o decorrer de um anno...

Que bom si nós, homens, nos pudessemos defender da velhice, heroicamente, com *rouges*, crêmes, massagens, pó de arroz e... calças curtas!

Parece tambem, que não gosta mais de perfumes de 2$500 o garrafão (ou o tonel?).

Emfim, d. Sayonára é uma figura que interessa a toda gente. E' tão mysteriosa, tão complicada que chego a crêr que ella não existe — que é algum espirito brincalhão que desce lá do Astral para fazer pilherias com os vivos...

Chi lo sà?

F. E. M. (São Paulo) — Hum! Mais depressa se apanha uma mentirosa do que uma lesma das mais espertas.

A sua carta é interessante. Tem um grande valor psychologico. Por ella se póde ver o quanto uma mulher é fingida.

Então, V. Ex. suppõe que engana um graphologo? Mes quando esse graphologo é apenas um amador?

Por mais de uma vez, V. Ex. me tem aggredido com uma linguagem descortez. E sem motivo que justifique essa attitude. No entanto, agora entende de me dirigir uma missiva gentil e elogiosa, falando n'*O Suave Enlevo*, — só para merecer um estudo graphologico.

Perdôe, mademoiselle, o seu elogio não me compra. A minha paixão pela sciencia de Desbarolles já me tem dado prejuizo monetario. Os tratados de graphologia são carissimos. Os leitores não m'os fornecem, para que lhes faça o exame da letra. Eu é que tenho de adquiril-os. Mas, apezar disso, não sou homem para me vender por um applauso insincero.

Perdôe a minha franqueza.

E, agora, para que se veja o que poderia dizer da letra, vae aqui a sua missiva, na integra:

"Yves, — Depois de grande hesitação, hoje animei-me e lhe pedir um grande favor: o meu estudo graphologico.

Interesso-me muitissimo pela graphologia, tenho lido muita coisa a seu respeito, e estou convencida que é infallivel essa sciencia.

Ha muito tempo desejo saber os multiplos defeitos que revela a minha letra tão feia.

Confio na sua bondade, na sua gentileza, para attender ao pedido que ousadamente lhe faço. E digo ousadamente, porque o encantador poeta do "Suave enlevo" está habituado a tratar com as lindas e ricas paulistas e cariocas, que perfumam suas cartas com aromas finissimos de Carron...

Eu tambem sou paulista, mas uma humilde "caipirinha" do interior do Estado...

Si fôr attendida, desde já lhe envio meus mais sinceros agradecimentos. E si não merecer de Yves esta grande consideração, da mesma maneira lhe envio meus agradecimentos, pelas horas agradaveis que tenho passado lendo seus versos lindos...

Peço-lhe o obsequio de responder para F. E. M.

Com toda a sympathia e admiração, de etc."

PAULISTANA CURIOSA (São Paulo) — Não sou graphologo.

PAPOULA (São Paulo) — Com... sou extremamente sensivel aos termos da sua carta de felicitações. Faço votos para que não esteja, como eu, perto da casa dos entas: quarenta etc.

YVES

Lina, a Bôa Garota

De SEVERINE

— Plan! Rataplan! Comprehendeste?

— Sim, senhor.

— E o imperador passou...

— O senhor viu?

— Como te estou vendo.

— Como era elle?

— Grande como o mundo! Bello como um deus! E, entretanto, não tinha sobre si senão um ordinario *redingote*, emquanto os outros, ao redor, eram *dorés sur tranches*, com plumas, pennachos, botas altas, e sabres de fantasia!

Lina franze o beiço e curva a cabeça, que marca, vertical e profundo, entre as sobrancelhas, o sulco da reflexão. Depois, subitamente:

— Por que então a vovó diz: "Seu Bonaparte? Pffut! Era um patife. Um homemzinho feio e enfezado, que soffria de sarna, e era descortez com as mulheres!"

O antigo *grognard* sobresaltou-se. Esquece que brincam com elle. E diz n'um tom um pouco aspero:

— E' que a sua vovó é realista.

E elle se esforça, energicamente, para conquistar a pequena alma, em homenagem ao seu idolo morto. Mas não é muito agradavel isso. Ella se revolta, discute, põe objecções. Quando elle procura contar as victorias, Lina interrompe o narrador.

— Não; fale-me da campanha da França.

— Por que? Fomos vencidos. Não é agradavel relembrar essa derrota.

— E' bello, quando nos defendemos.

— Essa garota é extraordinaria. Bonaparte desconhecido, Napoleão derrotado, isto sim. Mas o imperador glorioso, não a interessa.

— Amo os vencedores.

— Que pequena jacobina! Ouve, vou contar-te como os pontoneiros se empenharam em salvar os destroços do exercito, na passagem da Bérésina.

— Sim, sim, senhor! Ou então a historia do pequeno tambor que marchava sem fuzil!

O velho narrador começou.

Lina o escuta, devotamente, sentada sobre a cadeira baixa, e o contempla. E' uma especie de gigante, de olhos claros, e rosto enrugado.

Pertence a essa nobreza que se liga ao Imperio e com quem a Restauração foi clemente. Depois de ter sido official, foi funccionario. Possue bellas maneiras, beija a mão ás damas, recita versos e evóca os grandes combates.

O sr. Grombard de la Charleterie — o pae Grombard — é o commensal assiduo da casa; vem ao menos duas vezes, por semana, sentar-se á mesa dos paes de Lina. Estes não desconfiam de nada; admiram-se apenas de que elle tenha a paciencia de discutir com uma creança. Elles não vêem que essas discussões heroicas rompem o circulo da rotina em que a infancia se move, a fronte penetrada da Historia, pela pequena porta da anecdota — e que Historia: vivida, vehementemente, fóra de toda lei e de todas as regras, no frenesi da victoria, ou no fracasso das derrotas!

A frágil argila que é o espirito de uma adolescente recebe a marca dessas fortes mãos. Ella não toma o amor pelo sabre, mas o gosto da acção; o odor da polvora não a embriaga mais; aspira, apenas, ás a embriaguez, o cheio verde, o cheiro áspero dos loureiros — os bellos loureiros que foram mutilados.

* * *

Muitas vezes, depois do jantar, emquanto se trocam idéas, em torno á mesa, n'uma atmosphera já adormecida, uma vibração de sineta se faz ouvir.

— E' Schwartz! disse o pae de Lina, alegremente.

Schwartz é, como elle, um filho da sombria Lorena. Nasceram na mesma cidade, Robert-Espagne, perto do legendario Vaucouleurs. Usaram juntos a primeira calça, a treparam nas arvores, ou se deixaram escorregar ao longo das ladeiras.

Tremeram, lado a lado, na floresta das Sete Fontes, junto das Fadas, de volta da colheita dos lirios.

Mas não eram da mesma raça. Emquanto um permanecia senhor dos estudos, até os vinte annos contra as saias maternas, depois funccionario modesto e consciencioso, agarrado ás bancas das repartições publicas — o outro, passaro audaz, de azas largas, tomava o seu vôo, e lá se ia, por cima do horizonte, do oceano, ao paiz de iniciativas, dos esforços praticos, dos vastos emprehendimentos.

Engenheiro, foi emissario, *enquêteur*, representante de companhias poderosas; consumiu a sua mocidade na sua cidade natal, em trabalhos, em expedições. Percorreu em todos os sentidos as Americas, fez fortuna, por duas ou tres vezes; arruinou-se. A procura do absoluto; voltou emfim, com uma sorte mediocre, mas millionario em impressões, em emoções, em saudades.

Os oculos sobre o nariz finamente aquilino, cabellos grisalhos, olhar vivo, a palavra facil, tal é Schwartz.

Republicano.

Lina o impressiona e elle se sente pago do seu regresso. Emquanto sua mãe se entretem com madame Schwart, Lina se colloca entre os dois homens, escuta, interroga.

Schwartz muitas vezes fala por ella, evoca as casas altas, os lagos immensos, os pampas mysteriosos, a vida intensa das jazidas, das minas, das usinas; celebra, em palavras prestigiosas, a attracção do desconhecido a alegria do exodo, o encanto do imprevisto: aspectos, animaes, gentes, costumes...

Ha tanto prazer em ouvil-o que, muitas vezes, o pae e a filha vão reconduzir o *menage* ás alturas de Rouchechouart. O olhar pueril de Lina procura o Cruzeiro do Sul, no céo parisiense, e se admira de não encontral-o.

* * *

Mas si Lina escuta avidamente um, fervorosamente outro, todas as suas preferencias, todas as suas ternuras vão a um terceiro personagem. Aquelle não tem a attitude marcial, nem a bagagem gloriosa do

Si a autorisada opinião dos mais notaveis scientistas sobre a maravilhosa planta Grindelia Robusta, não é sufficiente para o convencer do valor do "Xarope de Grindelia", de Oliveira Junior...

Si, ante o testemunho insuspeito de milhares de pessôas que se curaram de tosses rebeldes, bronchites e demais molestias das vias respiratorias com o "Xarope de Grindelia" de Oliveira Junior, o senhor continúa indifferente...

Não se deseja que o senhor se resfrie ou adquira Tosse propositadamente para constatar a efficacia desse xarope; mas na primeira opportunidade, quando o senhor fôr atacado pelos primeiros accessos de Tosse, certifique-se por si e o senhor se arrependerá de não ter conhecido ha mais tempo o famoso

GRINDELIA

DE OLIVEIRA JUNIOR

TOSSE - RESFRIADO - BRONCHITE - ROUQUIDÃO

UM REMEDIO QUE NÃO FALHA!

LINA, A BOA GAROTA

(Conclusão)

* * *

pae Grombard; nem o verbo captivante, a vida cerebral de Eloi Schwartz.

E' um homem extraordinariamente moreno, magro, vestido elegantemente. Sua idade? Quem poderia dizel-a? Elle possue a mascara legendaria de Berlioz, e o seu nome é feito de dois pronomes.

E' um artista, um comediante, regente n'um theatro de drama do boulevard. A perfeita dignidade da sua vida permitte-lhe ser admittido nesse meio burguez. Depois, segundo pretende a fabula, as formigas condescendem com a vizinhança da cigarra.

Ha razão para que se estimem pelas suas solidas virtudes.

Mas a cigarra se expande entre as formigas, de modo que pouco se observa esse facto; mas a semente que o vento trouxe da Attica para os aridos jardins de Lycurgo, que ahi nasce sem florir, ah! como ella soffreu a lei das especies, como essa reconhece a raça!

Hector Harry não é como os outros, o amigo dos paes de Lina: elle é amigo de Lina. A menina, deante da sua pobreza altiva, tem delicadezas de dama. Ella sabe apagar a amargura da condição presente com a recordação de alguns successos que registra a ingrata carreira.

O velho actor conheceu Hugo, todos os grandes romanticos. Os seus versos lhe cantam nos labios, em tiradas inflammadas. Depois, tambem elle, correu muitos paizes. Não em trens, cujos trilhos tremiam, mas na *charrette* do *Roman comique*, onde não se ceia todas as noites.

Elle explica como se deram essas coisas, em phrases simples e tocantes. Fala da obsessão da arte, do respeito á belleza, da indifferença pelo ganho, pelo lucro, do culto do ideal. E as suas palavras são mais que commoventes, naquella bocca murcha, as litanias que Banville chamou a "sainte bohéme".

Um pequeno coração, junto a elle, bate as respostas... Harry é o seu professor de Sonho! E quando, mais tarde, exasperada, a familia de Lina, em côro lhe gritar:

— Mas, emfim, ó tolinha, onde aprendeste essas coisas?

Ella poderá responder:

— Não aprendi nada disto. Eu me recordei...

O que nem todos sabem

A terra não é inteiramente redonda, mas um pouco achatada nos polos. O diametro equatorial terrestre é de 7.926,6 milhas e o polar de 7.899,6 milhas.

* * *

Cego da guerra, coberto de feridas, o pintor francez Jean-Julian Lemordant deveria conhecer um novo martyrio. Perder o uso da palavra. O artista ficou mudo, ha varios mezes. Na posse de sua vibrante intelligencia, a despeito de tanta adversidade, pensou elle em aproveitar o seu sentido do tacto, e fez-se architecto.

Quando foi atacado de paralysia da lingua, Lemordant preparava uma obra sobre a arte regional, que foi forçado a interromper. A proposito dessa obra, escrevia elle, ultimamente, a George Huismans:

"Penso nesse livro. Mas actualmente esse novo golpe torna-me o trabalho mais lento, mais difficil ainda. Tenho, porém, confiança. O destino fere-me em vão. Elle gastar-se-á contra a minha resistencia."

* * *

A madeira mais cara do mundo é a do *cabol*, uma arvore da Africa, que se vende até a dez contos de réis o metro cubico.

Varios nomes têm ainda confusa a sua graphia. Nenhum delles, porém, é escripto de tantas maneiras como o de Shakespeare.

Os pesquizadores inglezes, que examinaram manuscriptos do immortal dramaturgo, encontraram as seguintes variantes orthographicas de seu nome, em numero de 24:

Chakspet, Shaxpure, Shaxper, Skhaksper, Shakesper, Shakespeyr, Shagspere, Saxpere, Shaxpere, Shaxpeare, Shaspere, Shaxpear, Shakpeere, Shakspeare, Schackespeare, Shackespere, Shakspeyre, Shaksper, Shakespere, Shayspere, Shakespire, Shakespeaire, Shakespear e Shakespeare.

Parece, porém, segundo varios autographos, que o autor do *Hamlet* dava preferencia á graphia de Shakspere.

* * *

Em Londres chove quarenta e cinco por cento dos dias do anno.

O que Vejo!...

Só agora reconheço que levado pela precipitação deixei de adquirir o Auto da Elite.

PHAETON "75"
Construido tambem como Phaeton de 7 passageiros

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

Historias de Animaes

De J. H. ROSNY

— Sem duvida!... Sem duvida! — concordou Henrique Delatour. — A individualidade é menos pronunciada entre os animaes que entre os homens. Mas não me digaes que não ha vivas differenças entre animaes da mesma especie, ou seja da mesma familia. Eu experimentei muitas vezes o contrario, e vou dar-vos disso dois exemplos, e não será difficil apresentar-vos outros mais.

"Quando eu morava em Londres, no extremo do arrabalde de Clapton, estive ás voltas seriamente amolado, com dois ratos. Esses innocentes roedores viviam em buracos inexploraveis, que communicavam mysteriosamente com a minha despensa. A' noite invadiam a cozinha e a sala de jantar, limpavam os guarda-comidas e carregavam com o pão, o assucar, a carne...

"Desenvolviam uma tenacidade e uma astucia desconcertantes.

"Eu era moço. Acreditava nas velhas fabulas em que se vê Micifuz destruir exercitos de ratos, sem pensar que se tratava de bons velhos ratões negros confinados actualmente no mais profundo das campinas desertas.

"Os que devastavam minha residencia eram as terriveis ratas, que acabarão por fazer desmoronarem nossas grandes cidades, si não se tiver cuidado.

"Eu, ingenuamente, comprei gatos. A maior parte delles se afastava, cuidadosamente, do caminho dos roedores. Outros depois de alguns simulacros de guerra, deixavam o campo livre áquelles inimigos demasiado terriveis.

"Afinal, no emtanto, veiu um gato branco, com manchas vermelhas, que demonstrou um humor differente.

"Nada o differenciava, exteriormente, de seus congeneres. Era como elles, um bom gato de Londres, semelhante em tudo aos que se vêem correr aos milhares pelos telhados e pelos muros dos jardins.

"E, não obstante, se mostrava muito atrevido e aggressivo quando os outros se mostravam pusilanimes.

* * *

DESDE a primeira noite deu inicio á luta. Esta foi terrivel. Numa semana deu conta de nove ratos e ostentou mais de quinze feridas. Longe de ficar abatido pelas mordeduras, parecia mais sobreexcitado depois de cada encontro. E si o inimigo fosse menos numeroso, certamente teria triumphado. Mas, como dizia o veterano: eram muitos!...

"Um sabbado teve sua batalha decisiva. Foi seu Waterloo. Pela manhã, o encontrei meio morto, todo coberto de sangue seu e dos ratos. Seis cadaveres jaziam em redor delle. Chamei um veterinario; todos os cuidados foram inuteis... Após tres dias de soffrimento, o heroico animal entrou na agonia. Era ao cahir da tarde. O pobre felino, deitado em uma grande cesta expirava já, serenamente.

"Subito se fez ouvir um ruido, em baixo, no corredor que conduzia á cozinha. O moribundo se mexeu e endireitou-se. Um brilho de féra appareceu em seus grandes olhos amarellos. De um salto se precipitou, desceu brincando

os degráos, e eu pude — inclinado sobre a varandinha — pude vêl-o agarrado com um enorme roedor. Aquillo não durou longo tempo. Apesar de seus soffrimentos e de sua fraqueza, em um minuto o gato degolou seu adversario. Depois morreu, como um heróe, esgotado sobre seu ultimo campo de batalha.

* * *

OUTRO exemplo é ainda mais typico.

"Naquella época morava eu no campo. Havia recebido de presente dois cães de regular tamanho, dois irmãos nascidos no mesmo dia, e muito parecidos quanto ao pello, maneiras e figura, o que não impedia que tivessem caracteres bem diversos. Um, Briscardo, era ligeiro, aturdido, carinhoso e egoista. Outro, Mufat, se mostrava serio, vigilante, mais reservado e de uma abnegação admiravel, tanto para seu dono como para o sitio.

"Eu gostava de ambos sem excesso. Juntos, faziamos longas caminhadas através do bosque de Fontargues, que é uma selva velhissima. Essa selva havia servido de refugio para numerosas gerações de bandidos. Mas, na época em que a conheci, não tinha fama de perigosa. Tudo o mais que encerrava eram javalis resmungadores e os ultimos lobos do terreno.

"Passei ali talvez os melhores momentos de minha vida, porque minha alma se accommoda inteiramente á natureza, e, fóra do amor, não conheço nada que apaixone mais do que um bosque selvagem, um longo cercado de vegetações, um crepusculo que acende seus fócos sobre colinas desertas...

"Certa manhã haviamos sahido com a alvorada. Visitavamos o sitio Clemorne, cheio de cannaviaes e de aguas estancadas. Caminhavamos sob grandes arvores, quando dois homens surgiram na sombra.

"Eu não senti desconfiança alguma.

"Mufat e Briscardo, depois de um breve latido, se conservaram em guarda.

"Os recem-apparecidos fizeram gesto de passar pela esquerda, emquanto eu torcia ligeiramente á direita, e bruscamente se realizou o ataque. Foi tão imprevisto, que ao mesmo tempo que iniciei meu primeiro movimento de defesa, me senti agarrado pela garganta e pelos braços. A solução não me parecia duvidosa: ia ser lindamente estrangulado em plena juventude. Julgo inutil assegurar-vos que estava disso pesaroso e até espantado. Defendia-me o melhor que podia, mas sem outro resultado além de retardar o successo...

No emtanto, eu confiava um pouco em meus cães. Briscardo, todo tremulo sobre suas patas, grunhia, ladrava, mas guardava a distancia conveniente. Quanto a Mufat, em poucos saltos estava perto de mim. Depois me pareceu que vacillava, no que eu me enganava redondamente: como cão astuto, calculava muito bem o ataque antes de effectual-o.

"Aquelle cão, pouco apto para a luta, brincou ás costas de um dos salteadores e abriu-lhe a carotida com duas formidáveis dentadas. O sangue daquelle homem brotou como o jorro de agua de uma fonte, e mufat, com um instincto superior, o abandonou e saltou sobre o segundo dos bandidos. Este era o que me segurava pela garganta. Ao sentir as presas do animal, elle me soltou... Eu dei alguns passos, vacillando. Depois, reanimado por uma grande onda de ar, saquei meu revolver e corri em soccorro do cão...

"Um minuto depois, um dos bandidos expirava com a cabeça arrebentada por uma bala, emquanto que o outro, debilitado por uma perda de sangue muito abundante, cahia sobre o musgo.

"Mufat, que não tinha siquer um arranhão, lambia-me as mãos com tanta naturalidade e modestia como si voltasse de um pequeno passeio pelas dependencias do sitio. Briscardo, ainda atemorisado, ladrava na penumbra..."

— Vossos exemplos apenas me surprehendem — observou o entomólogo Picquart, depois de uma pausa. — Durante esta estação me occupei, muito especialmente, da combatividade entre os insectos. E cheguei á conclusão de que entre elles existem as mesmas differenças tão accentuadas como nos mammiferos.

"Ha vespas heroicas e outras relativamente covardes. Besouros que se deixam matar antes de

HISTORIAS DE ANIMAES

(Conclusão)

ceder a um inimigo mais poderoso, e outros que fogem quando se vêem sem forças.

"Si pudessemos ver as cousas mais de perto, verificariamos que, até entre os mais humildes seres da creação, existem tantos individuos como caracteres...

"Sem contar que cada sêr vivente soffre ainda variações que fazem, ás vezes, muito delicada a apreciação de seu temperamento, um animal, exactamente como o homem, é um dia covarde e outro valente; grosseiro em certa hora e amavel em outra...

Construimos systemas e formulamos regras — porque não ha outro meio de entender-se. Mas não temos fé nelles sinão pela metade."

DEZESETE... (A. CASTELLANOS)

MANHÃ formosa de outomno. Formosa e clara. Agostinho Pantaleão, passeando lentamente seus sessenta e cinco annos pelos asphaltos do tapete municipal, pelo seu bairro opulento, medita sobre a incognita de um problema que ha já tempo o vem preoccupando profundamente, e que elle está decidido a resolver seja de que modo fôr: o casamento de sua filha unica. A pobre mulher, desde que ficou sem mãe, se fez devota, não procura sinão, o convivio de padres e freiras, e tão desleixada se tornou, tanto no vestir como no cuidado de seu physico, que não parece apenas uma mendiga, sinão, tambem uma velha. Ninguem, por isso mesmo, lhe dá attenção.

— Escuta um pouco — disse, detendo-o, a seu intimo amigo Cleto Venancio, individuo tambem muito rico. — Tenho uma confidencia a fazer-te.

— Estou ás tuas ordens — respondeu Cleto, parando instinctivamente, porque suppõe tratar-se de algum negocio.

— Não te preoccupes. Não tem importancia. Questão de familia. Apenas.

Depois, com muita calma, pondo todos os pontos nos ii, Agostinho Pantaleão explicou a Cleto a causa de sua preoccupação profundissima, confessando-lhe de passagem, os remedios que lhe occorreram para desviar sua filha do mysticismo e votal-a para o casamento. Separal-a por completo da vida de recolhimento, obrigal-a a vestir-se com elegancia, leval-a ao theatro, dar-lhe perfumes e até material para pintar-se. Em sua opinião, não ha melhor meio para conseguir que algum homem, — ao menos um — comece interessar-se por ella.

— Já tem trinta e oito annos e deves comprehender que não quero que ella fique para *titia*. Além disso, creio numa cousa: cahirá na primeira declaração que se lhe faça.

— Pois, fica tranquillo. Hás de conseguir o que queras. Mas, não será por esse systema. E' preciso que sejas mais pratico. Digo-te por experiencia.

— Hein?

— Isso de afastal-a da vida mystica e fazel-a ir ao theatro, e vestir-se com elegancia, e pintar-se, é muito difficil. E' muito difficil, porque ella já está habituada a isso. E levarias dez annos para conseguil-o. Muito melhor é seguires outro procedimento.

— Qual?

— O mesmo que fiz eu, em relação a minhas filhas. Mais feias, mais retrahidas e mais velhas mil vezes que a tua. Pois bem: todas, hoje, já estão casadas.

— E que fizeste, homem? Dize! Dize depressa!

Cleto Venancio detém-se solennemente, olha fixamente seu amigo Agostinho, e pergunta-lhe á queima roupa.

— Qual é a tua fortuna?

— Oitocentos contos de réis — responde Agostinho Pantaleão, depois de hesitar num momento, porque teve receio de dizer a verdade. — Apenas oitocentos contos...

— Limpos?

— Limpos.

— Autorizas-me a annunciar esta tarde, na Sociedade contra o Celibato que me disseste, em segredo, que darás a tua filha, no dia em que ella se casar, seiscentos contos de réis?

— Quinhentos — concertou Agostinho.

— Muito bem. Quinhentos. E amanhã, a esta hora, aqui te esperarei. Não faltes.

— Fica tranquillo. Aqui estarei, pontual como um inglez.

* * *

VINTE e quatro horas depois, muito sorridente, sem as preoccupações que tão sombrio o traziam, Agostinho Pantaleão se aproximou de seu amigo Cleto Venancio. E este lhe perguntou:

— Que ha de bom, que vens tão *rejuvenescido*?

— Já chegou alguma declaração?

E Agostinho, baixando a voz, mysteriosamente, sem duvida para que nenhum dos outros ricaços que por alli passassem participassem de sua alegria immensa, responde, emocionado:

— Dezesete...

A menina Ignez.

Filhinha do casal Julio Albino Giugno.

Assim nos diz seu pae.

Porto Alegre, 7 de Novembro de 1928.

Illmos Snrs. Directores da Comp. Nestlé.

Rio de Janeiro — Caixa 760.

Foi graças ao seu preparado "FARINHA LACTEA NESTLE" que a minha filhinha Ignez ficou assim forte e sadia, conforme a photographia que a esta junto e que tenho o prazer de offerecer.

Já de ha muito que conhecia o valor da sua farinha Lactea como alimento perfeito para crianças.

De facto, empregando-a como alimento da minha filhinha, consegui sem demora os melhores resultados.

Deixando aqui consignados os meus agradecimentos pelo valioso concurso que o seu producto veio trazer á saude da minha filhinha, subscrevo-me com estima e apreço.

De VV. SS. Attº. Amgº. Obrgº.

Assignado — Julio A. Giugno.

Rua Garibaldi nº. 1318. — Porto-Alegre.

A's mães cujos bebês não progridem, recommendamos que se dirijam á Companhia Nestlé, Rua da Misericordia nº. 12 — Rio — afim de receber gratuitamente uma amostra de Farinha Lactea Nestlé e um interessantissimo livro sobre os deveres de mãe, assim como um brinde para o pequerrucho.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

A tua cutis mimosa,
Macia como a da rosa,
Tem um brilho cor de sol!
Quem te deu essa belleza!
Oh! Virgem minha lindeza!
O sabonete EUCALOL.

Benedicto Lima.

Rua Pedro I, 23 — Rio.

O VASO DE SÉVRES

De ANNA MARLIANI

prefeito de Tremor-sur-Loc está atacado de uma graphomania ao mesmo tempo aguda e chronica.

A presença da sua prosa e da sua assignatura, manuscriptos, poly-copiados, impressos, o enche de uma doce exaltação. Essa paixão baptisada de novo remonta quasi á epoca da pedra polida.

Desgraçadamente, a pequena cidade de Trémor medôrra trezentos e sessenta e cinco dias por anno. As gallinhas, no gallinheiro da prefeitura, ciscam a terra á vontade enquanto a penna do prefeito, não arranhando o papel, se atira com melancolia, no escriptorio, ao pé de uma tinta mais grossa que a lama das poças onde os patos espojam.

Uma bella manhã, dando o nó á sua gravata, o sr. prefeito notou que o tedio o desolava. Elle ensaiou um bello gesto "á Gambetta", ao mesmo tempo que esse pequeno discurso: "Felisberto! Tu te enervás! Reage, homem de Deus! Põe cordas novas na tua lyra! Organisa alguma coisa. Um concurso, por exemplo. — Mas um concurso de que? — Um premio de literatu ganiza alguma coisa. Um concurso, so..., um concurso...

Ora essa! Um concurso de pesca!"

O sr. prefeito correu a fechar-se no seu escriptorio.

Fumou diversos cachimbos, como a sonhar... Renovou a sua pena, a sua tinta, tomou lindas folhas de papel e dirigiu diversas cartas ao "Sr. Presidente da Republica" ao "Sr. Prefeito de Les-et-Bohar", "aos notaveis habitantes de Trémor"...

Com a expressão da sua alta consideração, solicitou da "sua benevolencia" — de cada um delles — um premio para os vencedores do concurso.

"Placards" encheram as paredes e muros e alegraram os commerciantes. As casas que vendiam artigos de pesca triplicaram essas palavras de reclame em proveito proprio. E o chapeleiro se viu livre de um *stock* de largos chapéos de palha, que amarelleciam, ha um quarto de seculo, no seu deposito.

* * *

Numa floresta, proximo a uma grande pedra, dorme um pequeno lago, ennegrecido pelos reflexos dos castanheiros.

O seu somno havia de ser perturbado. Levantar-se-ia uma tenda onde fossem expostos os premios e onde escorresse o "champagne de honra", offerecido pelo "Syndicato dos Ebrios".

Na vespera do grande dia, voluntarios montariam guarda á borda do lago, com medo que candidatos desleaes viessem atirar a isca em certo ponto da agua. E no domingo de manhã, os locaes seriam tirades por sorte. Chegada a hora do certamen, o prefeito daria então o signal...

... Lançados por setenta e dois pescadores, cairam nagua setenta e dois anzoes.

Num silencio austero, os assistentes contemplam de longe esse conjuncto orchestral.

Escamas de prata, luzem e scintillam. Um rumor de admiração contida sublinha as capturas. Muitas vezes o peixe engana o homem e foge para o fundo do lago.

Para annunciar a pesca feita, o sr. prefeito sôa gentilmente a corneta de caça. Executa uma tonitroante fanfarra, que não revela, felizmente, nenhum Fafner. E os concorrentes, com docilidade, se dirigem para a commissão de fiscalização.

O lago se mostrou muito pouco piscoso, e os setenta e dois pescadores não trouxeram para fóra dágua mais do que quarenta e cinco peixes, que empestam a lama.

Sobre uma mesa, vêem-se as recompensas. Ao centro se ergue uma amphora de um azul violento, banhado de um ouro côr de gemma, e trazendo esta tiqueta:

> GRANDE CONCURSO DE PESCA DE TRÉMOR-S-LOC
>
> *Primeiro premio*
>
> VASO DE SÉVRES
>
> *Offerecido pelo Presidente da Republica.*

Um pequeno relogio de parede, que o sr. prefeito offerece, constitue o segundo premio. Admira-se um "pelle á glace", um serviço "á hors-d'oeuvre", um cortador de papel, um corpete de rendas, um cabaz... etc.

A multidão é compacta. O prefeito toma a palavra

— O primeiro premio é adjudicado a Faitensac (Arsenio) jardineiro que pescou cinco peixes. Approximae-vos, Faitensac, approximae-vos, meu amigo, a Republica é feliz e sente-se orgulhosa em poder coróar os vossos esforços.

Faitensac (Arsenio), empurrado pelos seus vizinhos, avança. Elle esvasiou, desde que amanheceu, innumeras garrafas. Cambaleia, a sua face irradia.

Coçando a cabeça, considera o vaso de Sévres; bate nas pernas e se põe a rir com uma bella impertinencia.

— Oh! Mas que vasinho mais fino, mais fraco!

Curvado, as mãos nos joelhos, examina os outros premios com alguns "Pouh... pouh... pouh..." de desdem. Elle vê, finalmente, o cabaz.

— Ahi está! Um premio! Falam-me de um premio. Fico com esse cesto.

E o idiota se vae, alegre com o seu premio grosseiro. Indica ainda o primeiro premio.

— Ora essa! Mas que vasinho de nada! Que droguinha aquella! Sem valor!

Empallidecendo deante da injuria feita ao chefe de Estado, o prefeito se apressa em gritar:

— Segundo premio: Piédu (Anatole), ajudante de açougueiro. Quatro peixes.

Sem hesitar, Piédu designa o corpete de rendas. E todas as senhoras cochicham.

— Vejam só! E' para a cozinheira do castello.

O terceiro laureado, Fouinard, merceiro, da praça Champ-l'Eve que se dirige para o relogio de parede.

Mas o prefeito, com um olhar imperioso, lhe indica a amphora official.

Pronunciam-se algumas palavras em voz baixa:

— Sr. Prefeito ; que Mme. Fouinard preferiria...

— Uma attitude bonita, meu amigo. E' uma questão de patriotismo, ora bolas! O sr. me enviará vinte kilos de chocolate.

— Está bem, sr. prefeito. A's vossas ordens.

O sr. prefeito toma solennemente o vaso de Sévres. Emquanto a assistencia applaude, elle o colloca — emfim! — sobre o coração de Fouinard, que sustenta o objecto, naquella altura, todo desageitado, como si o vaso fosse uma criança.

Columbia

Gravação Electrica
Viva-tonal

"Notas Magicas"

UMA NOVA EPOCA

Os primeiros discos da celebre marca
COLUMBIA VIVA - TONAL
de gravação nacional

REPERTORIO BRASILEIRO

(DISCOS DE 25 CMS. — 12$000)

5003-B — MEU AMÔR (Catullo Cearense) canção — FLOR AMOROSA (Catullo Cearense) canção — ABIGAIL ALESSIO PARECIS

5004-B — SAE GERERÉ, samba carnavalesco — GUEISHINHA, samba carnavalesco — A. CLORETTI e sua orchestra

5005-B — JA' TE DOU-TE, maxixe — A JURA QUE ME FIZESTE, samba — A. PESCUNA e Orchestra Columbia de Jazz

5006-B — SIA MARIA, samba cantado, dueto com violões — A JURITY, Embolada do Norte — PARAGUASSU' e PILE'

5007-B — NHÔ JUCA, catêrêtê com violões — NÃO GOSTO DE VOCÊ, samba, com violões — Tenor PARAGUASSU'

5008-B — CONVENCIDA, valsa, com orchestra — SAUDADES DA MINHA INFANCIA, canção — BAPTISTA JUNIOR com quarteto instrumental

5009-B — O RELOGIO CARILLON (serenata) — PINTA MEU BEM, samba (cantada) — BAPTISTA JUNIOR com acompanhamento

5010-B — FUTEBOL, cançoneta comica — CHUVINHA, toada sertaneja, canto — BAPTISTA JUNIOR com acompanhamento

5012-B — MIENTE, tango cantado — COMPADRITO, tango cantado — LULY MALAGA, com acompanhamento

5013-B — JACY, canção — BEIJOS E BEIJINHOS, canção — JAYME REDONDO, com acompanhamento

A' VENDA EM TODAS AS CASAS DO RAMO

BYINGTON & COMPANHIA

RUA GENERAL CAMARA N. 65 — RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIDORES GERAES PARA O BRASIL DA

COLUMBIA PHONOGRAPH COMPANY, INCORPORATED

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
O melhor meio de limpar e clarear os dentes é escoval-os com a pasta "Odol". E o melhor meio de previnir a carie e desinfectar a bocca é usar o liquido "Odol" ao escovar os dentes.
Odol
Pasta dentifrica
Odol
Frasco grande
Lingner-Werke A.G.
Dresde
Rio de Janeiro

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 10

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 9 de Março de 1929.

QUARESMA...

ÃO ha nobreza em falar mal pelas costas. E o Carnaval já vae um pouco longe...

Antes falar da Quaresma.

Quarenta dias e quarenta noites... Não. Isso assim seria o Diluvio. Na Quaresma não chega a haver quarenta... sermões. Um por semana, cinco ou seis, ao todo. Claro que me refiro aos "grandes sermões", aos cursos officiaes de penitencia, que abalam almas, enchem naves e fazem tremer pulpitos...

Pois a Quaresma ahi está, signal certo de que já lá foi o Carnaval. Eu ia malsinar a ignobil correria de tres dias e tres noites... Tres, aliás quatro, que o sabbado já está definitivamente integrado na conta sacrilega.

Ficam assim accommodados na "razão quadrupla" o Carnaval e a Quaresma. 4 por 40. Os quatro valem quarenta. E os quarenta não valem quatro caracoles. Pelo menos, hoje em dia...

O Carnaval e a Quaresma são, aliás, bem parecidos, na sua hypocrisia alegre, na sua penitencia triste. Um, tem Janus (o deus de cara dupla), a outra tem Judas, o homem de dois sorrisos, um para beijar o Mestre, outro para receber o preço do beijo.

Na Quaresma, ha o caso da Veronica — a effigie do Santo estampada num lenço. Um milagre. No Carnaval, com a effigie dos mandões estampada em cedulas e moedas (ah! o Dinheiro!), faz-se tambem o milagre. E' só dar a nota...

Mas — por Nossa Senhora! — esta pagina vae sendo um sacrilegio.

Confundir Carnaval e Quaresma! Christianismo e paganismo!

Paganismo? Antes fosse.

O nosso paganismo carnavalesco leva um *t* a maior: Pagantismo. Paga-se tudo ao quadruplo (sempre a "razão quadrupla").

E, si descermos a outros capitulos... *ui!*

HERMES - FONTES

"GATO ESCALDADO DE AGUA FRIA TEM MEDO".

Um miado um pouco mais forte fez-me despertar da somnolencia da sésta.

Era Néro, o meu gato de estimação, que vive em minha companhia ha oito annos, descontadas as férias que elle costuma ir passar em casa dos meus vizinhos que têm gatas...

Néro pulou sobre a minha mesa. E, sem qualquer preambulo, sentado, começou a falar:

— Meu caro Mattos... creio que oito annos de convivencia justificam esta intimidade... Sempre fui um gato cumpridor dos meus deveres. Não pára rato nesta casa. E' verdade que, ás vezes, dou um assalto á panella da carne assada. Mas convém observar que nesta casa só comi sardinha uma vez e, mesmo assim, de lata, em molho de tomate, invenção de muito máo gosto, a meu vêr. Como sabe, os gatos não possuem abridores de latas. Após este ligeiro reparo, entremos no assumpto. Ha

dias o meu caro dono teve esta phrase, que não foi a primeira vez que ouvi: «Gato escaldado de agua fria tem medo».

Ha uma inverdade neste dictado. Os gatos não têm medo d'agua. Si assim fôsse, morreriam de sêde. O que elles receiam são os resfriados, uma vez que a asthma já não os deixa socegados. Perguntar-me-á o meu caro Mattos: «Por que, então, os gatos não tomam banho? "Respondo: porque banho é luxo inventado pelos homens. Nós, os gatos, nos limpamos e lavamos com a nossa propria saliva. Economico e pratico. Além disso, a saliva tem propriedades dissolventes que a agua não possúe. Ora, nós, os gatos, não usamos sabonete pela simples razão de que

DOMINGO passado, houve um chá-dançante nos salões do Praia Club. Foi uma festa como todas as que alli se realizam: bonita, animada e cheia de lindos sorrisos de Copacabana..»

gua é algo semelhante á dos homens. Tambem não usamos toalhas. Não achamos as toalhas hygienicas. Nada como deixar o corpo enxugar por si mesmo. Não temos manicures. Mas trazemos sempre as unhas bem tratadas. Não lavamos os dentes com dentifricios. E os temos sempre claros e bons. Não vamos ao barbeiro. E temos excellentes bigódes. Aliás, ando com idéas de raspar o meu, a pedido da Naná, a gatinha do sr. Vasconcellos. Caprichos femininos.... Bem. Aproveito a opportunidade para participar-lhe o meu contracto de casamento com mlle. Naná. Bôa alma. Muito prendadazinha.

Poz-se a lamber as patas.

Dias depois, dei por falta da minha gillette e de um abridor de latas. De tarde, Néro appareceu-me sem os bigódes. E deliciava-se com as sardinhas de uma lata escancarada...

MATTOS ALÉM.

O Praia Club teve, domingo ultimo, uma tarde de elegancia e de belleza. Uma festiva tarde em que se dançou animadamente ao som da musica da orchestra e ouvindo-se, perto, a musica do mar...

os nossos donos não nos pagam ordenado. Isto não é uma reclamação, veja bem.

Torceu os bigodes e cruzou a perna.

— Como vê, andamos mais limpos e asseiados que muitos homens. E isto só com o auxilio da nossa saliva. Os homens julgam que temos lingua de lixa. Puro engano. A nossa lin-

CONVERSA DE RUA

— Encontro-me momentaneamente em uma pequena difficuldade financeira.

— Que homem feliz que você é! Pois eu, meu caro, permanentemente, me encontro em uma grande difficuldade financeira...

Inverno

Zefa, chegou o inverno!
Formigas de azas e tanajuras!
Chegou o inverno!
Lama e mais lama,
Chuva e mais chuva, Zefa!
Vae nascer tudo, Zefa!
Vae haver verde,
verde do bom:
verde nos galhos,
verde na terra,
verde em ti, Zefa,
que eu quero bem!
Formigas de azas e tanajuras!
O rio cheio,
barrigas cheias, Zefa
Aguas nas locas,
pitus gostosos,
carás cabojes,
e chuva e mais chuva!
Vae nascer tudo:
milho, feijão!
até de novo
teu coração, Zefa!
Formigas de azas e tanajuras!
Folhagens verdes, fructas maduras!
Chegou o inverno!
Chuva e mais chuva!
Vae casar tudo!
moça e viuva!
Chegou o inverno!
Cóvas bem fundas
p'ra enterrar canna;
Canna caianna e flor de Cuba!
Terra tão molle
que as enxadas
nella se afundam
com ôlho e tudo!
Leite e mais leite
p'ra requeijões!
Cargas de imbu'!
Em Junho o milho,
milho e canjica,
por São João!

E tudo isso, Zefa...
E' mais gostoso
que isso tudo:
Noites de frio,
lá fóra o escuro,
lá fóra a chuva,
trovão, corisco,
terras cahidas,
córgos gemendo,
os caborés piando, Zefa!
Os cururús cantando, Zefa!
Dentro da nossa
casa de palha:
carne do sol
chia nas brazas,
farinha dagua,
café, cigarro,
cachaça, Zefa...

Tempo gostoso!
Vae nascer tudo!
Lá fóra chuva.
chuva e mais chuva,
trovão, corisco,
terras cahidas
e vento e chuva,
chuva e mais chuva!
Mas tudo isso, Zefa,
vamos dizer
só com os poderes
de Jesus Christo!

Jorge de Lima

E vanidade...

AS MULHERES CHEIAS DE DEFEITOS

— Bôas! Então, para você, a mulher ideal é aquella que possue maiores defeitos...

— Defeitos aos olhos das demais. Não acho que as mulheres possuam defeito algum...

— Emfim, de qualquer modo, a mulher que representa o seu ideal...

Atalhei:

— E' a que não possue angelitudes, no julgamento das suas irmãs de sexo.

Maria Helena ficou um pouco séria. Depois, falou de um modo distrahido, como si estivesse a considerar o motivo da sua resposta:

— Uma creatura dissipada, de vida um tanto reprovavel, etc, etc... E' o seu ideal, não é?

— Não é tanto assim. Você traduz as coisas ao pé da letra...

Um silencio. Maria Helena ergueu-se da "rêveuse" que umas palmeiras de estufa escondiam no pequeno jardim de inverno do seu palacete sumptuoso. Sentou-se novamente.

Disse-lhe então, cruzando as pernas, displicentemente, na poltrona de marroquim que ella mesma puzera junto á sua.

— Primeiramente, é necessario que observe: não ha mulheres bôas nem más. E isso é tanto mais logico quanto é certo que todas ellas se julgam superiores, umas ás outras. Si um de nós avança um conceito que desagrada á senhorita X, falando da senhorita Z, a primeira retrucará, fatalmente: "Olhe lá! Eu cá não sou como essas que andam por ahi... A senhorita Z não está á minha altura." Si são invertidos os papeis, a senhorita Z, logo adverte: "Está enganado! Que pensa de minha pessoa? Vejá lá se me comparo a essas moças de hoje. De resto, a senhorita X não está no meu nivel social". No fim de contas, todas as mulheres, sendo profundamente eguaes, se julgam profundamente differentes, — entre si. Dahi, tambem, a preoccupação de originalidade — o que aliás as nivela, cada vez mais, n'um parallelo de vulgaridade. Sim, porque, desejando todas serem invulgares, e não podendo sair da orbita dos phenomenos, na qual devem gravitar, acontece que acabam fazendo aquillo que só uma pretendia fazer.

Maria Helena irritou-se:

— Um exemplo! Uma prova mais objectiva, mais palpavel, — exigiu.

Sorri, e disse com lentidão:

— A moda. Veja a moda, entre ellas. Todas querem ser originaes, não é? Entretanto, são tão absurdas nos seus propositos, que se uniformizam, em detalhes de indumentaria, como não constituissem uma collectividade de...

— De que?

— ... de creaturas originaes...

— E' ironia, isso?

— Não é ironia, é um ponto de vista...

O silencio que se fez nesse momento foi um pouco desconcertador. Para fugir a elle, voltei ao primeiro argumento, que fôra o "pivot" da minha these:

— Gosto das mulheres cheias de defeitos, mas quando esses defeitos são attitudes que definem um temperamento, num cerebro forte, uma alma, em opposição ás creaturas illibadas, que são capazes daquellas mesmas attitudes, e não têm o heroismo de revelal-as.

— Você é um demolidor terrivel dos bons costumes, da bôa ordem, da moral.

— Tolices, Maria Helena. Você está imbuida das phrases feitas, do moralismo burguez, chato e vulgar, que se fundamenta, quasi sempre, n'um principio de ordem economica. Em taes casos, não são as bases da organização social e da moralidade que se abalam: são os interesses unilateraes de um individuo, ou de um pequeno grupo de individuos...

— Onde quer você encontrar os representantes da sã moral, senão nesses meios onde predomina o que você chama — "moralismo burguez?..."

Calei-me um instante. E depois de uma nova insistencia de Maria Helena:

BELLEZA PARANAENSE

Senhorita Consuelo Fontana, uma galante silhueta da alta sociedade de Curityba.

— *Escute. Eu lhe falo não como um derrotista; falo como homem que desejaria vêr o mundo melhor do que é: mais clemencia e sinceridade nos meus semelhantes. Escute: figuremos que ali vae descendo uma grossa enxurrada. De envolta com o volume d'agua, passam detrictos de toda natureza: galhos seccos, fôlhas mortas, fragmentos de arvores, pequenos seixos, etc. Mas, ás vezes, acontece passar uma rosa, muito branca, arrancada ao seio da campina, e ali atirada pela furia do vento. Assim é a mulher cheia de defeitos: no intimo, ella guarda a rosa branca da sua alma para nos offerecer, entre um sorriso e um beijo.*

Maria Helena fitou-me com as pupillas brilhantes, por uma incasão subita de lagrimas. E baixou os olhos, envergonhada das suas virtudes falsas.

RHAPSODIA HUNGARA — DE YVES — Ha uma canção zingara que diz:

A tzigana,
que se enamora de homem
[de outra raça,
é como a pomba que se en-
[gana
e quer pousar na ponta de
[um punhal...
Falta-lhe apoio, e a lamina
[luzente,
de repente,
lhe atravessa o coração,
n'um golpe tragico e fatal!...

Ouviste, ó ciganita de olhos negros e cabellos luzidios? Tu que és uma cigana perfeita, ladra de amor, traficante e embusteira, ao lêr a *buena dicha* dos homens, mysteriosa e nomada como zingaros das planicies hungaras, fica certa de que não corres o risco da calomba da canção tzigana...

Tu és da minha raça. E o meu amor não é como um punhal assassino.

Si és como a pomba, que vôa e revôa, em torno do meu amor, toma cuidado com elle, que estás deante de um alçapão traiçoeiro...

Uma armadilha? Sim. Mas si cahires nella, é para viveres n'uma gaiola de ouro. Essa gaiola, ciganita da minha raça, será o meu coração grande e sincero...

Dentro delle, serás, para mim, aquelle "passaro azul" que não se encontrava nunca: — o "passaro azul" da felicidade...

Eu é que te terei encontrado — assim com esse typo de zingara, das planicies da Hungria; esses olhos tão cheios de lume e negruras, e essa bocca flammante, onde guardas os philtros venenosos, que são a arma e o segredo dos ciganos, que se vingam, e das mulheres que amam...

GRAÇA, belleza e coquetteria — eis o triangulo em que «ellas» se debatem...

MELANCOLIA — Mme. Sevigné, escrevendo a um dos seus amigos, pedia que elle fitasse a lua, a uma certa hora da noite. Seria um "rendez-vous" espiritual, que ambos se dariam de onde estivessem. Os seus olhos pousando na face branca e macia do luar, aproximariam de certo os seus pensamentos de amor.

E, assim, elle teria a certeza de que ella, olhando Selene, estaria pensando no seu affecto; e ella ficaria convencida de que toda a alma do seu amigo naquella hora de extase e encantamento fugia para ella.

Lindo, não é?

Este luar fino e transparente, que parece feito de cambraia de sêda — uma flôr de cambraia, sobre o crystal polido da noite azul — é que me traz essas suaves suggestões de luminosas ternuras.

Ah, minha amiga!

Si pudesses sentir, como eu, toda a grandiosa imponencia desta noite, cheia da luz esmaecente do luar, luz tão suave, tão fina, tão magnificente, que nos faz crêr possuir sonoridades celestiaes — de harpas e violinos; — si pudesses assistir commigo a marcha desta Diana formosa, caçadora de estrellas e de nuvens, eu, como o poeta, picaria, hoje, com um alfinete de ouro, um trevo "port-bonheur" na folhinha do meu calendario...

Sabes que representa o meu calendario? Um par de amantes felizes, caminhando pela noite parada sob o banho lustral da lua branca e cheia de doçuras.

Oh! o luar desta noite vasia!

Pela minha janella alta, vejo lá no céo claro a face virgem da lua. Erguida na brancura da noite, como um longo cypreste, hieratico e estylizado, a torre fina de uma egreja.

Por traz, os ramos seccos de uma arvore secular. Ao fundo, limitando o quadro da paizagem, n'um maravilhamento pictorico, o dôrso ondulado dos morros altos, sobre os quaes, por um effeito magico de luz, se destaca, em perfis negros, e pontilhados de clarões — reticencias das horas mudas, que passam, nas grandes cidades cosmopolitas, — o casario immenso e agrupado.

Acóde-me ao espirito a melodia doce destes versos...

La lune en croissant,
Ce soir a la forme
D'un berceau d'enfant.
Je rêve sous l'orme

Vienne que viendra.
Brillez, lucioles.
M'aime qui voudra.
J'entends des violes.

Je rêve et j'attends
Sous l'orme. Que sais-je!
Les fleurs du printemps
Ont un sortilége.

. . . .

Et l'astre d'or bleu,
Suave fiole,
Verse une eau de feu.
Bois donc, ame folle.

A minuit les fous
Verront la Fortune
Frapper douze coups
De poing sur la Lune...

Quem espera sempre alcança...

OS HOMENS... AS MULHERES... — A sua lenda é hispida, impiedosa, cruel para as mulheres.

— Por que?

— Porque as fére. O senhor é terrivel.

— Eu?

— O senhor mesmo.

— Só porque ironizo as suas irmãs de sexo?

— E acha pouco? Os homens necessitam de nós como do ar que respiram.

— Velha chapa!

— Mas sempre opportuna. Sempre serve para demonstrar que os senhores são todos uns despeitados.

— Tolices. E' sabido que entre os dois sexos não é possivel haver paz. Já leu Xarés, o grande philosopho? — "Entre l'homme et la femme, il y a la chair, hélas! De lá, la guerre ou l'amour; et la quête des délices, jusqu'á la mort."

— Talvez haja nisso uma observação errada.

— Errada? Errada em que, minha amiga?

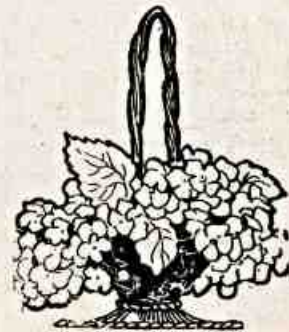
Nelly não soube mais se explicar. Deu-se por vencida.

Então, aproveitei o ensejo para esclarecer o meu modo de agir.

Em geral, os homens têm uma palavra de galanteio para as mulheres. Elles procuram demonstrar que as creaturas de saias devem estar sempre cercadas das nossas attenções. O habito é fatigante. A' força de ouvir sempre as mesmas formulas de galanteria e louvor, as filhas de Eva acabam por achar certos homens insupportaveis.

E' bom notar que os madrigaes que temos para as nossas semelhantes são como "marrons glacés": magnificos, no começo, enjoativos no fim.

De mais a mais, as mulheres são contradictorias. Não gostam de quem está de accordo com as suas idéas. Ha quem diga, como mme. de Fresne: "O homem credulo é um néscio; mas o que duvida de tudo é um grosseiro. Ora, eu sou um incredulo. Logo, não sou um nescio. Mas si a autora daquelle pensamento acha que o homem, que duvida de tudo, inclusive o amor feminino, é um grosseiro, confesso que o sou duplamente.

Fiz uma pausa. Nelly tomou a palavra:

— Pois olhe, o homem que me contraria é o que nunca poderá conseguir o meu affecto.

— Nem mesmo a sua attenção?

— Nem mesmo esta.

— Ahi está como você prova ser contradictoria. Contradictoria como todas as mulheres.

— Você é tolo, não é?

— Não sou. Sou é observador. Vejo, por exemplo, que você só se preoccupa commigo porque não lhe digo pieguices, nem galanteios.

— Convencido!

SOBERBIA

De Livans Tettamanti.

De animo sereno e de alma pura,
vencendo a magna prova do meu fado,
vou forçando como um predestinado
a grandeza da minha desventura.

Nada me abate; e na peleja impura,
em que lucto com a sorte lado a lado,
por luz interior illuminado
vou desvendando a minha noite escura.

E' por isso que em meu tormento mudo
nas minhas grandes dôres me concentro,
e bello, e revoltado contra tudo,

deste orgulho immortal que é minha gloria!
em meio á humanidade hedionda e escória,
passo trancado a sete chaves, dentro

BLAGUE — De Yves — Litterata? Moça de cultura? Não sei. A verdade é que ella discutia litteratura franceza com uma abundancia de detalhes, que era para admirar, no cerebro de uma melindrosa.

O cerebro de uma melindrosa é como prateleiras de armarinhos de turco. Ha alli toda especie de contrabandos e de bugigangas inuteis: *torcidas* de foot-ball, passos de danças modernas, nomes e figuras de artistas cinematographicos, scenas de estações de agua, episodios de balnearios, recordações de *flirts*, pensamentos e aspirações de fastigio — entre os quaes a idéa fixa de um bungalow e um automovel — e outras coisas semelhantes.

Mas nunca ouvi dizer que no cerebro de uma melindrosa se arrumasse algum reflexo de cultura literaria, e muito menos franceza.

Pois essa melindrosa, que chamarei mlle. Dondóca, discutia litteratura n'uma roda de almofadas de calças largas e de attitudes infantis. As outras melindrosas faziam *pendant* com aquelles representantes do ridiculo humano.

Ora muito bem...

Cheguei justamente no momento culminante da polemica. Cheguei, parei e fiquei á margem.

Mlle. Dondóca confundia arte com moral. Não lia — nem era distincto ler — escriptores que não prégassem os rigidos principios de moralidade e decencia social.

E citou: Verlaine, Rimbaud, Baudelaire, genios da poesia franceza — mas corruptores de costumes e sentimentos. A arte delles era um corrosivo violento atirado ás flores dos sentimentos puros e elevados.

E gesticulava, furibunda, inflando as carótidas, congestionando a physionomia, como si estivesse a jogar um *match* de box Caricato, a tal demoiselle Dondóca...

Alguem pediu a minha opinião:

— Que diz o senhor?

— Eu?

— Sim. Que pensa dessa questão da arte em face da moral? Deve uma depender da outra?

— Sou analphabeto.

— Não faça blague. Diga o que pensa a respeito.

Tomei uma attitude que não era accaciana, nem parecia com a *pose* dos personagens de romances que se "ageitam na cadeira" ou "accendem um cigarro". Tomei uma attitude que queria dizer na sua expressão um tanto perfida: "Dondóca, tu és uma lôrpa."

Pigarrei. Engrossei a voz, e cantei como um *chantecler:*

— A arte nada tem que ver com a moral. Si assim fosse, as Venus estariam vestidas de crêpe georgette ou voile de seda, em vez de apparecerem como Eva no Paraiso. Pela mesma razão, Apollo usaria *frack* ou casaca, quando fosse collocado nos museus. E, de certo, o estudo da anatomia seria excluido das escolas de bellas artes e academias de pintura.

— Muito bem! Muito bem! — applaude um almofada.

Não me senti honrado com esse aparte, e continuei:

— De resto, a moral é coisa muito relativa. Alguem já disse que é uma questão de longitude e de latitude. Esse alguem é um escriptor italiano, que escreve: "Con un giorno di piroscafo possiamo dal paese ove la poligamia é um delitto, alla terra ove é prescritta dalle sacre scriture"...

Entre as proprias melindrosas (alvoroço, arrastar de cadeiras, movimento de attenção, entre os presentes), a moral é uma coisa relativa: ha as que vão sozinhas ao cinema e dão alarma á approximação de um almofadinha audacioso, e ha as que não sáem de casa, para receber os "pequenos" no jardim fechado e discreto como um cofre. E cada uma dellas ha de dizer que a sua moral é excellente.

— Apoiado! — berrou uma melindrosa.

Não gostei do "apoiado". E por espirito de contradicção e de paradoxalismo, emendei:

— Mas é bom notar que, sem moralidade não ha arte. Um ébrio, um ladrão, não podem conceber idéas puras e superiores. E a arte só é arte quando nos transmitte um sentimento que possua um perfume de pureza divina.

Todos os presentes encabularam.

MOCIDADE ROMANTICA

De Esdras-Farias.

E' noite. Meu violão. Cigarros. Alguns versos
e a symphonia azul das noites brasileiras.
Nada mais. Eu sózinho, e um violão, nos diversos
caminhos do arrabalde, ao luar, noites inteiras.

Que a madrugada vem, eu sei. As derradeiras
estrellas já se vão. Apagam-se os dispersos
mundos; clarões de aurora accendem-se; lareiras
fumegam. Foge a noite, e astros, no azul immersos.

E eu passei toda a noite acordado, soffrendo!
soffrendo e amando! Amando ao luar! E amar sentindo
uma noite de luar dentro do coração,

E' morrer de saudade amorosa, vivendo
sua pobre canção romantica, florindo
em luz de luar, em luz de amor, pela amplidão.

O chapéo é o complemento mais elegante da «toilette». Sem elle, uma dama não se póde considerar chic e do bom tom. O ultimo modelo de Paris, em «paillasson» de séda (multicôr) é este que offerecemos ás leitoras, e foi lançado por Jean Patou.

(Photo Luigi Diaz — Especial para FON-FON.)

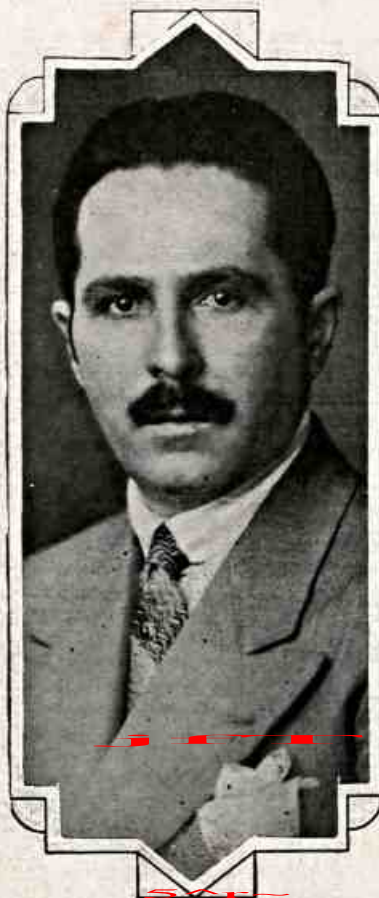
LANTERNAS DE PAPEL

POBRE REI AMMANULLAH!...

As crianças pobres que visitam as casas das crianças ricas ficam melancolicas e inquietas. O aspecto da felicidade material das outras enche-as de desejos e tira-lhes a resignação. Do mesmo modo os filhos de fazendeiros educados na cidade não querem mais saber do sertão e os filhos de brasileiros cultivados na Europa não se acostumam mais no Brasil.

O mesmo phenomeno passa-se com os chefes de Estados atrazados ou barbaros, quando visitam povos mais adeantados. Enche-se-lhes a cabeça do que viram, criam caraminholas no sotão e entendem de applicar aos seus povos ainda não preparados o que resulta duma experiencia de civilização millenar.

Verdadeiros desenraizados, perdem o contacto moral e mental com sua gente e tornam-se alienigenas exaltados, querendo impôr costumes e leis, que quasi sempre se não coadunam com a indole dos seus governados. Estes resistem ou deixam-se silenciosamente levar ao abysmo pela maluquice dos seus guias. E, em logar de espalhar civilização, esses reformadores apressados somente conseguem semear o dissidio e a desgraça.

Foi o caso do Paraguay de Solano Lopez. Deslumbrado pelas côrtes européas e pelos triumphos guerreiros de Napoleão III, que viu de perto, na sua faulhante trajectoria de rico filho á papa pelo Velho Mundo, o supremo paraguayo entendeu de se tornar potencia militar no continente e de influir nos destinos internacionaes. O resultado foi a sua morte nos barrancos dum riacho perdido nos desvãos das Cordilheiras e o sossôbro do seu pobre paiz heroico e submisso.

E' o caso do pobre rei Ammanullah. O soberano do Afghanistan vivia nas suas asperas serras, no meio dum povo valente e rude, governando tranquillamente, gozando o seu harem e deliciando-se com uma crueldadesinha especial de tempos a tempos. Mas visitou a Europa e entendeu de plantar a Europa entre as selvagens tribus do seu paiz. Esse deslumbramento perdeu-o.

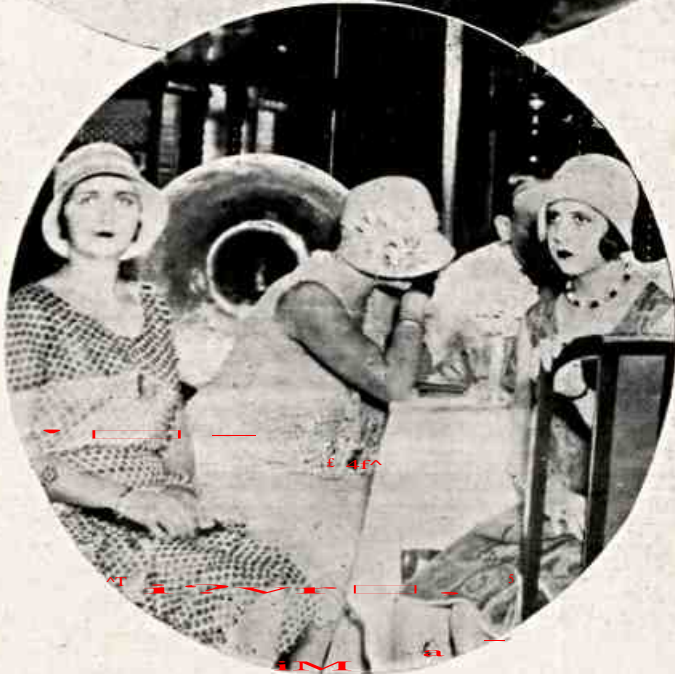
Arranjou um parlamento, sem pensar nos males que essa inutilidade dispendiosa tem causado aos occidentaes, legislou sobre roupas, usos e costumes, abolio velhos habitos, diminuio a amplitude das bombachas, prohibio os turbantes, liquidou os harens e arrancou os véos tradicionaes das escravas. Quiz, emfim, banalizar o curioso, bizarro e original Afghanistan, reduzindo-o a uma copia mal feita da Europa, estendendo sobre elle a chatice do casaco e do chapéo de palha... As tribus revoltaram-se e puzeram-no fóra do throno.

Foi bem feito. As crianças pobres não devem visitar as crianças ricas...

CLAUDIO FRANÇA

OS NOSSOS ESCRIPTORES

C. da Veiga Lima, ou apenas, o nosso Veiga Lima, o medico, o cavalheiro e o escriptor, é uma personalidade que se impõe em nosso meio literario pelo brilho e o alcance philosophico da sua obra. A obra de Veiga Lima se compõe, até agora, de quatro livros. Mas em todos elles se encontram firmadas as caracteristicas de um pensador e de um artista subtil, cujo estylo possue scintillações irisadas. As suas paginas reflectem de preferencia as grandes tragedias humanas; mas, ao mesmo tempo, o leitor encontra um doce consolo, no desenrolar dessas tragedias, porque Veiga Lima derrama, sobre ellas, o filtro de uma clemencia luminosa e o conforto de uma resignação que fortalece. Explica-se, assim, o interesse que está despertando o apparecimento da sua ultima novella — «Depois do Paraiso...», — livro esse onde o brilhante prosador imprimiu, mais uma vez, o sinete da sua arte de «élite».

seixos

O dia, hoje, está triste. E quasi frio.

Eu, que gosto dos dias assim, porque se parecem com a minha alma, estou contente. Mas um contentamento discreto: sorrio interiormente.

Os dias assim não têm aurora. São um crepusculo maior que os outros crepusculos. E toda a sua melancolia nos traz saudades... Vagas, inexpressivas, ou fortes, duradouras. Saudades de tudo que se acabou um dia...

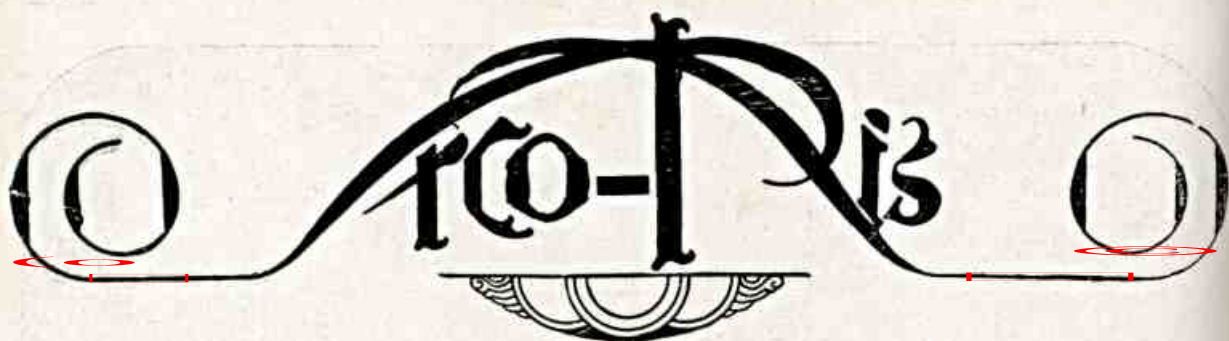
■ ■

O Botafogo Football Club promoveu, no ultimo domingo, um jantar dançante em sua luxuosa séde.

Assim, evocando episodios, ou relembrando phrases, deante de retratos e cartas amarellecidos, a gente se põe a sonhar, quasi sem querer, o velho sonho de esperança e de ventura, que, outr'ora, nos fizeram crêr em Deus e no Amôr...

Em dias de tédio, como o de hoje, que vontade se tem de principiar a escrever o romance cheio de torturas e cheio de illusões, de nossa vida!...

■ ■

E proporcionou, assim, aos seus associados, mais uma festa encantadora, a que não faltou a graça rutilante da mulher.

O ABUTRE

Acorrentado ao Caucaso da Vida,
mais do que o corpo em sangue, a alma em
[ferida...

— Pára ahi. Com que então
queres fazer, de novo, a narração
de tudo que se deu
com o pobre Prometheu?

Olha, rapaz,
eu te fazia muito mais sagaz.

Prometheu-seculo XX
sabe de cór a Biblia e a Encyclopedia
e resume a tragedia,
sem emphase, com "verve", arte requinte.

Mesmo porque, hoje, Prometheu é outro.
Nem se deixa amarrar á cauda de algum pôtro
impaciente e bravio,
e tem medo
de ficar agrilhoado no rochedo,
com a vida por um fio.

E aquella historia tragica do abutre,
ora, vamos dahi, vamos, sê franco:
Pois acreditas lá que aquelle abutre
vá se nutrir de figados? se nutre
não sejas paco: o abutre
não quer lorota,
só quer é nota,
só se nutre de cedulas de Banco.

RÉPRISE

— Não creia em mulher, menino,
dizia-me um infeliz.
Pois eu creio. E' meu destino
crêr em tudo que se diz.

A mulher engana...? Engana.
Mente? mas sabe, ao que mente,
em meio á mentira humana,
mentir elegantemente...

A mulher engana... E, acaso,
não engana o homem, tambem?
Eu prefiro, em todo caso,
o engano que me faz bem.

Si tudo tem seu ensejo,
antes o laço que a foice.
A mulher tráe, — fica um beijo.
O homem tráe, que resta? um coice

Si o beijo é falso e enganoso,
o coice é firme e certeiro.
Eu prefiro o falso; é um goso
abrir mão do verdadeiro.

A vida é farça, e mais nada,
riso e dôr no mesmo rór.
Mas, entre o beijo e a facada,
o beijo é sempre melhor...

HERMES FONTES,

Teus amigos aqui reunidos não precisariam de mais nada para significar, além da presença, o grato convivio desta hora cordial.

Mas é de velha praxe, mesmo nesses casos, se determine que seja um, dentre os demais, que fale por todos.

Tenho eu a honra de ser esse interprete indicado. Não nego o meu regosijo, nem diminúo, por falsa modestia, a comprehensão do nobre objectivo que me deram.

Sou dos que mais de perto palmilham comtigo o chão da asperrima jornada; pela constancia do affecto e pela afinação da confiança reciproca, criamos um rythmo intercordio, de sonora vibratilidade no mundo acustico da intelligencia e do sentimento communs.

Conheço o teu temperamento e sou capaz de definir as tuas attitudes.

E's daquelles raros, que assomam e triumpham, sem depressão da personalidade. Nunca mutilarias a esculptura carlyleana da tua configuração moral pela volúpia de ser plastico ou servil.

Esse feitio, tão natural, te tem valido a arguição de orgulhoso!

Não é, em verdade, muito dos nossos costumes essa physionomia de homem autonomo, a despeito de pobre.

Por isso, estranham-te os assomos, quando em vez de fitares a marca dos pés nas vias-crucis, levantas a cabeça e contemplas o lume das estrellas.

Não fôras tu Poeta! E Poeta, que sugou a sensibilidade do seu tempo, imitado por outros poetas.

Ainda agora, vinte annos depois da tua ascenção estellar, outro maior não te disputa o legitimo principado.

Mas, não é do Poeta, que nos importa salientar aqui a consagração definitiva. Não é tão pouco o homem de caracter, magnificamente probo, como um epitheto moral, que se quer fixar neste lance da nossa homenagem.

Um e outro já se completavam na admiração escorreita dos teus amigos.

O aspecto que nos interessa, neste momento, é o do homem publico, que soubeste encarnar, definindo uma das mais sensiveis expressões da intelligencia, em funcção triplice do patriotismo, da operosidade e da honradez.

OS amigos e admiradores de Hermes Fontes reuniram-se, sabbado ultimo, no Club dos Bandeirantes, para prestar a esse altissimo poeta uma significativa homenagem, que teve um cunho de verdadeira consagração publica. Tomaram parte nessa brilhante festa nomes de grande evidencia politica, social e literaria, que foram levar a Hermes Fontes o testemunho cordial de seu inconfundivel apreço. Traduzindo o sentimento dos homenageantes, o illustre escriptor Povina Cavalcanti fez o discurso, que reproduzimos, em primeira mão, nesta pagina, e cujos conceitos reflectem, tambem, o nosso modo de pensar a respeito do companheiro querido e do grande poeta que é Hermes Fontes.

* * *

Não avaliam os que te não conhecerem de perto que extraordinario indice de ordem e de efficiencia marca a tua capacidade de trabalho.

Eu não sei o que pretende de ti o teu Estado natal. Mas sei que maior desvelo, mais decisiva solicitude, mais enternecido amor pelas cousas de Sergipe, não se póde exigir de alguem, como tu, que nenhuma obrigação politica jamais tiveste.

E por falar em politica, quero crer que a consciencia clara dos responsaveis pela selecção dos valores da tua terra já tenha fixado o teu nome, como o de um authentico representativo.

Emquanto o baptismo politico aspira o chrisma das glorias mentaes — regra geral na vida brasileira — tu culminaste antes na consagração literaria.

Estou que assim deveria sempre ser, para gaudio da politica, que é de si mesma absorvente.

Fizeste, pois, sem intenção, pela curiosidade do espirito e pela ternura da alma, ambos voltados para a scena lyrica do teu pequenino Estado, — um curso, que não existe no Brasil: o do aperfeiçoamento politico.

Hoje estás, por assim dizer, brevetado... Mas não te importa nenhuma demonstração; o que tu queres acima de tudo, neste seculo de antennas maravilhosas e de finalidades philosophicas utilitarias, é ser um homem do teu tempo.

Certo que o és. Se não o fôras, nós aqui beberiamos só pelo Poeta, evocando esse mundo luminoso e sensivel, que elle habita, coroado de estrellas.

Mas nós bebemos, principalmente, pela tua efficiencia na funcção publica.

Hermes: os teus amigos — pela tua felicidade!

TREPAÇÕES

E' interessante.

Ella, durante muitos annos, viveu obsecada por elle. E elle não pensava senão naquelles olhos claros côr de uva moscatel e naquelles cabellos côr de ouro.

Um dia, houve um capricho que os separou.

E' claro que mademoiselle já não podia passar sem elle, que era seu noivo official, um desses noivos que se não podem desprezar — mas que se devem agarrar com unhas e dentes... Comprehende-se o porquê...

Mas o capricho era mais forte que tudo: ella rompeu com o rapaz e casou-se com outro.

Elle permaneceu solteiro.

Os annos passaram. O moço nunca mais conseguiu esquecel-a. E ella, coitadinha!, peorou. Ella nunca poude ser feliz, porque para sua imaginação não concebia a idéa de viver longe daquelle que fôra o seu primeiro sonho.

O rapaz continuou a vida, sem grandes emoções. Mas um dia (e esse dia foi ha pouco) elle teve uma surpreza violenta: ella, o seu antigo caso, voltou como uma Magdalena arrependida...

DESDE o baile do sabbado carnavalesco, no grande hotel, que a vida do elegante casal se desorganizou para não mais concertar.

E' de lastimar, na verdade, que o marido pacato de sempre, um modelo de esposo, tivesse perdido a linha, deixando-se prender pela belleza da outra, que, afinal, tinha dono...

A esposa seguiu-lhe os passos, observou o enthusiasmo doido, febril, delirante, do marido, e não teve paciencia para aturar a injuria.

A principio, quiz attribuir ao *champagne*, aquella inquietação, a mudança brusca dos habitos do marido...

Mas, perdeu a calma, e houve barulho na zona...

O caso podia ter morrido nesta altura, pela intervenção de um casal amigo, si o nosso heróe tivesse recuado, moderado o seu enthusiasmo.

Porém, sob um pretexto futil, elle deu nova fugida, e *madame*, céga de raiva, foi surprehendel-o, novamente, nos braços da outra, todo dengoso, feliz como nunca...

Resultado: *madame* perdeu a cabeça, soprou qualquer coisa de muito forte ao ouvido dos dançarinos, avançando, resoluta, caminho da escada.

Quando o *marido modelo* recobrou os sentidos, verificou que estava isolado em meio á mascarada.

A creatura dos seus olhos abandonára-o, indignada pela insolencia do insulto, que ainda lhe magoava o ouvido, e a esposa havia tomado o caminho de casa.

Choro, supplicas, pedidos de perdão, tudo debalde.

GRAÇA INFANTIL

Francisco, o interessante filhinho do casal Guilherme Capistrano.

(Annunciato Photo.)

. . .

E a vida do casal parece que não tem concerto, tão dolorosa foi a desillusão soffrida por *madame*.

O joven medico era muito bem visto pela familia da morena espevitada. Todos faziam fé — e gosto — na união dos dois jovens, pois o esculapio é rapaz de posses largas. Para não espantal-o, a familia de *mademoiselle* dava a esta uma certa liberdade, que ella, por sua vez, dilatava mais do que devia.

O medico conversava com ella á porta do hotel. Ora, para um doutor e uma *demoiselle* de linha essa palestra assim, publicamente, não era elegante.

Os vizinhos, os hospedes começaram a murmurar. A familia de *mademoiselle* resolveu, então, coagir um pouco mais a joven morena. Só sahia, dahi por deante, acompanhada.

O unico recurso era o cinema. O medico, a primeira vez, ficou firme: não *estrillou*. Mas depois o cinema foi ficando caro, — e o discipulo de Galleno disparou...

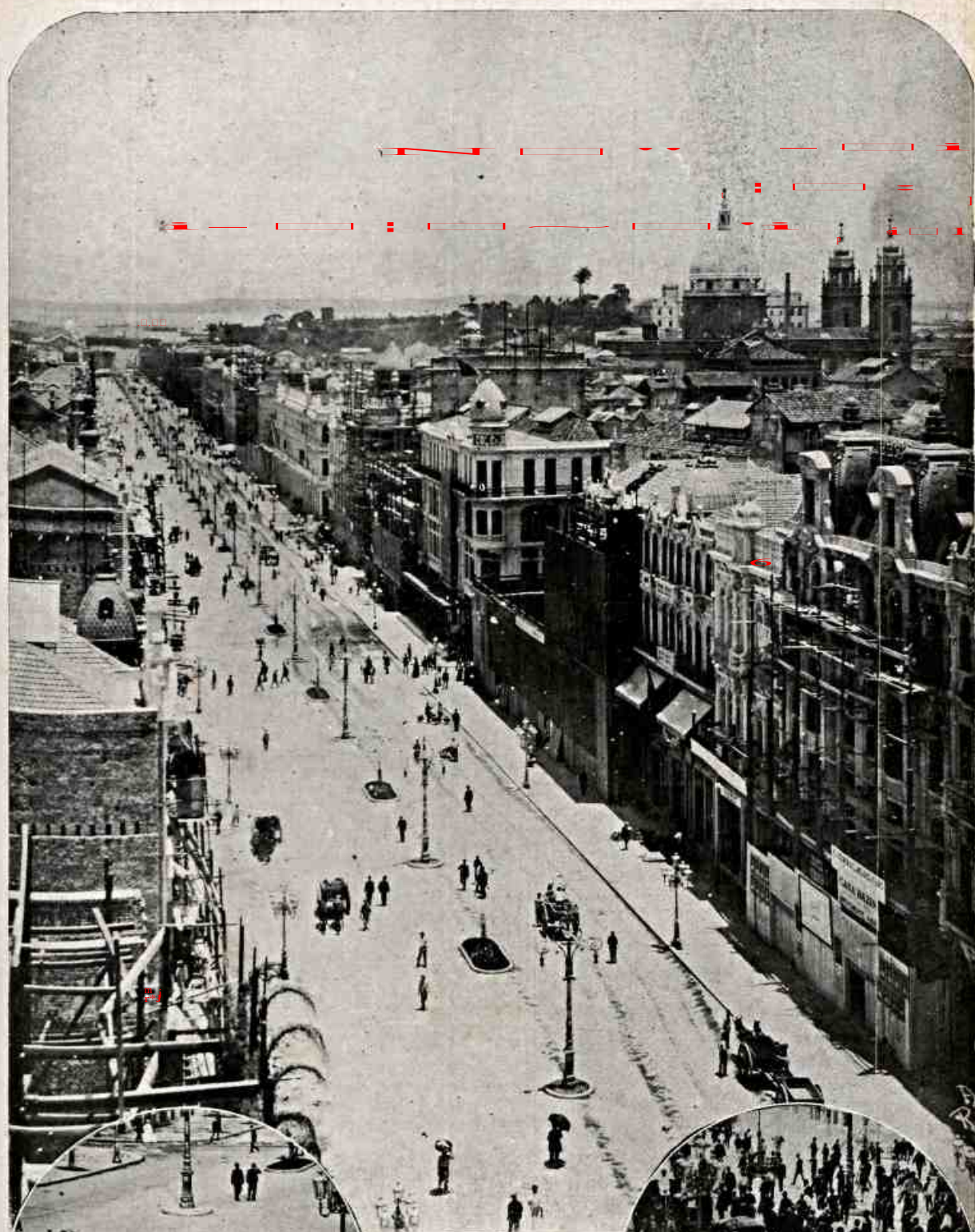
O mar, domingo passado, estava agitado, e agitado tambem foi o banho naquelle recanto de Copacabana.

Um casalzinho de noivos, que por signal parecia muito unido, estava sendo maliciosamente observado por olhos circumjacentes. Era o caso que, visto o mar estar assim forte, ella, a fragil senhorita da touca branca, pedia constantemente auxilio ao moço da camisa branca, e como esse soccorro era carinhosamente dispensado, momentos havia em que elles "iam na onda", e mal se distinguia a camisa branca da touca branca...

Mas que culpa tinha *mademoiselle*, si o mar estava terrivel? E a prova é que, dahi ha pouco, dois meninos eram soccorridos com a corda dos salva-vidas, e reanimados com uma vaia bem regular...

Mlle., que é tão recatada e acha tudo tão feio neste seculo bonito, anda fazendo cada uma de encher a gente de assombro. *Cada uma* que não seria de admirar em qualquer senhorita moderna, que vae sozinha ao cinema e não tem medo das más linguas.

Mas, afinal, que anda fazendo *mademoiselle?* Unicamente isto: deu para conversar com o seu *flirt* moreno sobre a areia da praia, ou dentro do mar, á hora do banho, naquelle posto chic de Copacabana.

E', realmente, um caso de *trepação*, esse estranho caso que fixamos aqui. Porque *mademoiselle*, que é tão recatada e acha tudo tão feio neste seculo bonito, não tem o direito de representar scenas como aquella em que apparece ao lado de seu *flirt* moreno, de roupa de banho, numa praia cheia de gente bisbilhoteira e curiosa.

A Avenida de 1904, com os seus tilburys pittorescos e os seus placidos transeuntes, que naquella época eram menos numerosos que hoje. O grande boulevard carioca apparece, ahi, ainda na sua nudez primitiva, sem as arvores que actualmente se enfileiram ao longo de seus passeios modernos.

QUANDO SURGIU A AVENIDA...

(A proposito do jubileu da nossa principal arteria)

A Avenida tem a sua biographia, está claro. Surgiu em 1904. Conta, portanto, uma breve existencia de 25 annos. Appareceu com a imponencia dos seus edificios modernos, originaes alguns, de que são exemplos o café Mourisco e o Theatro Municipal, cuja architectura por tanto tempo foi discutida pelos technicos, acabando por ser appellidado o «elephante branco». Hoje, ella possue um ar americanista, sob o dominio dos seus arranha-céos e dos seus outros aspectos de pura modernidade. Curiosa, porém, não é a sua biographia, é a sua psychologia, no que se refere á sua «vida interior»... Muito teríamos que escrever a esse respeito: desde as suas phrases correntes — «o Rio civiliza-se», «sabe com quem está falando?» e as suas gyrias expressivas, — que por ella esfusiaram. — nos seus primeiros dias — á infancia, — até ás suas modas femininas. Quem diria que, por esse mesmo «boulevard», onde, hoje, berra a impertinencia dos rádios, alternada com o pregão dos jornaes da época, dos «camelots», das victrolas e o fonfonar dos automoveis, a carioca já fez o seu «footing», ajustada em «toilettes» que mais pareciam um peplo, levando á cabeça monstruosos chapéos, semelhantes a taboleiros de flores?! Que differença da carioca actual — leve, ágil, a saia pelo joelho, chapéo «cloche», — o seu «chaperon rouge» — foxtrotando pela Avenida! Emfim, daqui a 25 annos é bem possivel que o «chic» feminino venha a ser aquelles vastos e deselegantes vestidos de 1904...

COMO EU VI CURITYBA...

Para Fon-Fon

Por Berilo Neves

A Serra do Mar... Um grande sonho de pedra envôlto em brumas côr de cinza. Um trem-saltimbanco que escala, numa aposta temeraria, o dorso bruto da montanha. A estrada de ferro Paranaguá-Curityba é um desafio blasphemo da engenharia humana á eternidade temerosa das leis physicas que regem o Cosmos...

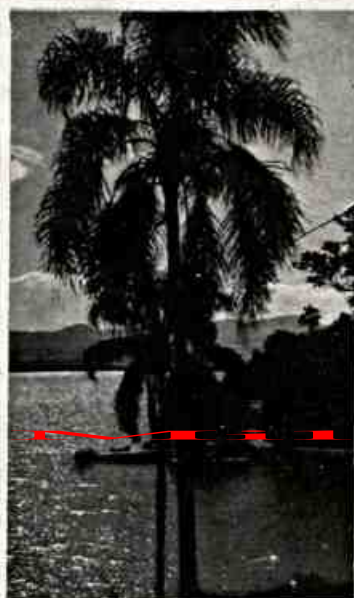
* * *

Estes scenarios lembram a grandeza esmagadora dos primeiros dias da Creação. A pedra, alcantilada e rude, parece ter sahido, naquelle momento, das officinas cyclopicas de Jehovah. Os abysmos lembram as perspectivas satanicas do Averno. Os cumes são desafios graniticos á temeridade humana das aguias. A montanha, aqui, é um convite aos homens para imitarem a vida aventureira das aguias...

* * *

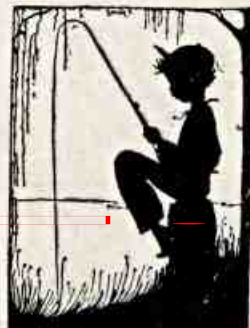
Como todo triumpho allucinante, a escalada destas pedras tem o seu premio magnifico... Depois da epilepsia das rochas de granito, vem Curityba — um immenso jardim, onde os paranaenses construiram, alegremente, uma cidade...

* * *

A harmonia immortal dos contrastes... Entre os despenhadeiros, que dão vertigens, ha cachoeiras brancas que fazem sonhar... Os Titans, que construiram estas montanhas, deviam descansar, aqui, á beira dos regatos, amando as nymphas fugitivas das aguas claras. Se é que estas pedras talhadas a pique não nasceram das convulsões terriveis com que os Titans infieis e humanos pagaram o crime universal do amôr...

* * *

Cercada de pinheiros e de cedros, Curityba parece um presepio onde se celebrasse um Natal eterno... Ha bois pastando na relva verde das cercanias. Ha um céo muito azul que parece ter sido a cupula da mangedoira onde Jesus nasceu... E ha mulheres tão lindas cujo sorriso nos faz lembrar Nossa Senhora...

* * *

As mulheres do Paraná... Ellas têm o orgulho olympico da montanha, a elegancia aristocratica do pinheiro, e a alma limpida e pura destas cascatas rumorosas que nos fazem esquecer, com o cantico eterno das suas aguas, as vertigens mortaes dos despenhadeiros...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

— Psiu! Psiu!...

Volto-me, instinctivamente, a vêr se seria commigo aquelle psiu, pressuroso, solicito, sibilado tão doce e tão suavemente.

E era. No momento em que me voltava, uma mãozinha leve e delicada, fina e aristocratica, descia sobre o meu hombro esquerdo, como que a dizer-me — *stop!* E eu parei, prestes, com o coração em alvoroço, aos pulos, doido de alegria com a surpreza que lhe era offerecida.

Boneca! Boneca ás 9 horas da manhã, já na rua, a flanar, quando eu a fazia em Petropolis, dormindo o somno tranquillo do seu *dolce farniente* de veranista rica e elegante!

Mas, não havia duvida, era ella mesma, a espalhar uma fragrancia de manhã fresca e luminosa, de manhã feita de rosas e de doçura, como só a linda cidade das hortensias sabe proporcionar ás suas queridas *Poupées* da terra carioca.

Entontecido e deslumbrado deante daquelle symbolo vivo de uma primavera em flôr, quasi perco a linha, tamanha foi a vontade que tive de sorver Boneca, pelos olhos, pelos seus lindos olhos côr de cinza, numa inspiração profunda, com todas as forças dos pulmões de minha alma, de todo o meu ser, cheio da sua graça e da sua belleza.

— Estás admirado de me vêr aqui, agora, e a hora tão matinal?

— Sim, Boneca. Fazia-te tão longe, em Petropolis, de onde, segundo me disseste, tão cedo não regressarias...

— Mas, sabes... A gente vae a Petropolis, primeiro pelo calor, depois porque é *chic*. Vae-se, porém, sómente com o corpo e para attender ás conveniencias da elegancia, ás exigencias do *grand monde*. A alma, porém, essa fica aqui, a passear pela Avenida.

A alma, e, não raro, o coração...

— O coração, Boneca! E terás, porventura, coração?...

— Duvidas, então? Será porque te disse, um dia destes, que não acreditava no amor? Se foi, saberás tu, Polichinello, se tenho ou não motivos bem intimos, razões bem profundas e dolorosas para, quando delle não descrêr inteiramente, considerar o amor antes um mal do que um bem?...

— Para assim falares, Boneca, é preciso que tenhas amado, um dia...

— Sim. Confesso. Amei, amei louca e extremamente. E aprendi com vocês, os homens, as pri-

Sra. Raul Pinto de Miranda e seu galante filhinho Joaquim, que ahi apparece travestido de «cow-boy», como bom folião e admirador de Tom Mix...

meiras desillusões do amor... E amo ainda, Polichinello. E, por amar, é que me vês aqui, a esta hora, a mim que vim tão só para me aconselhar comtigo... Um dia disseste que só as almas que muito soffreram comprehendem a felicidade de amar, de se darem a alguem. Polichinello, meu amigo, dize-me: acreditas no amor?...

— Sim, Boneca. Creio no amor, mas não creio nas... mulheres...

— E eu tambem; creio nelle, mas não creio nos homens... Bem te disse que nós — homens e mulheres — não eramos feitos dos sonhos que sonhamos...

— Escuta, minha filha: a perola de uma lagrima treme, palpita e deslisa pela tua face. Meu amor, por que choras?

— Porque tu não me comprehendeste...

— Não te comprehendi? E tu, porventura me terás comprehendido?

— Não. Não te comprehendo. Tu falas, ás vezes, como um sceptico. Mas, teus olhos, Polichinello, teus olhos...

— Meus olhos?...

— Parece que são... meus, como teus, sinto, são os meus.

— Minha filha, minha querida, o amor é todo feito de incomprehensões. O amor falado, bem entendido. Porque o que brilha e scintilla na janella silenciosa dos nossos olhos, esse trahe o segredo de nossas almas, e eterniza o rythmo da canção de nossos corações...

— Como é linda e suave a mentira do amor, Polichinello! Amemo-nos...

— Sim. Amemo-nos, Boneca, porque toda fugaz felicidade na vida ha de sempre expandir-se nessa flôr de illusão.

— Polichinello, eu vim para dizer-te que tu és o meu amor...

— Boneca, eu te buscava para dizer-te que tu és o meu coração...

BONECA NA AVENIDA

OS dias desta semana, sempre a ameaçarem chuva, e, talvez, mais do que a ameaça de chuva, o excessivo calor, têm afastado Boneca da feira da Avenida.

As praias, essas, sim, são, agora, o reducto da elegancia e da bizarria, onde Boneca, fugindo aos rigores da canicula, póde, por sua vez, exhibir-se mais a *son gré*.

E, do Flamengo a Copacabana, a Ipanema, ao Leblon, é um formigar doido de *Poupées*... aquaticas, a encherem de alegria, de festa e de encanto as lindas praias cariocas e tambem os olhos extasiados da gente.

O banho de mar, com ser hygienico, é elegante, distincto, e, sómente nas praias, Boneca póde melhor ostentar aos olhos deste, onde scintilla um ponto de interrogação, ou daquelle, onde chispa, malicioso, um outro de admiração, o que *n'est pas permis* no mostruario galante da Avenida que, na proxima sexta-feira (hoje é quarta) vae commemorar as suas bodas de prata. Vinte e cinco annos!

E, neste quarto de seculo de vida, de movimento, de agitação e de progresso, quantos romances de amor, quantas tragedias passionaes, não tiveram a sua origem ali, entre a malicia de um sorriso tentador e a faisca electrizante dos olhos de Boneca, tambem a sorrirem e a prometterem coisas!...

E a moda e suas transformações? A moda e os costumes.

Da saia-vassoura, pesada, a velar, zelosa e casmurramente, o que hoje se vê, abertamente, sem pedir licença, ao saiote, fino, transparente, esvoaçante dos nossos dias, a transição se fez um tanto lenta, a principio.

A galante menina Margarida Maria, filhinha do dr. Pedro Teixeira Soares. Uma linda bonequinha de verão...

Agora, porém, tudo marcha a vapor, a electricidade, para não desmentir o espirito do seculo, deste febril e encantador seculo do triumphal resurgimento de Eva Paradisiaca, de *La Femme nue*.

Foram-se as tranças, as bastas cabelleiras cantadas pelos poetas. Veiu o cabello *á la garçonne*, *á la homme*; e o palmo de saia acima dos joelhos; e o *rouge* mais o *baton*, e um sem numero de pequenas coisas phantasticas, em materia de armar effeito, de artificio e de tentação...

Quanto ao que falta vir, nem é bom pensar.

O amor, tambem esse soffreu a influencia desses 25 annos da vida vertiginosa da Avenida. Não é mais o amor discreto, tomado de susto, ás furtadellas, de outrora. E' atrevido, audacioso, truculento, desenvolto, de uma volubilidade de fazer mal.... á cabeça da gente.

Emfim, vae tudo muito bem e a Avenida, que é o registro vivo de tanta coisa, terá um dia cheio, de grande gala, ao commemorar o seu jubileu...

Boneca encarregar-se-á de lhe fazer as honras, rendendo-lhe as homenagens da sua graça e do seu encanto.

ESTRELLAS CADENTES

L'*HOMME Nouveau*, é o titulo, bem suggestivo, de um livro, já annunciado, de Lucien Romier, a ser publicado por estes dias.

Algumas paginas dessa nova obra, dadas á publicidade, em Paris, dão bem uma idéa do que ella tem de interessante e de intensamente moderno. Estudando a physionomia especial do homem de hoje, dentro da sociedade nova em cujo ambiente se formou, sob a pressão e a influencia dos varios phenomenos de ordem material e espiritual, de natureza economica e scientifica, o autor affirma que elle, o homem moderno, assim como as cidades e os campos, perdem, cada vez mais, sua individualidade distincta. "Les hommes de plus en plus, forment des *agglomerations*, se rapprochent les uns des autres, communiquent entre eux et s'imitent mutuellement quant a leurs gestes." Os homens, as cidades, os campos... A cidade isolada é virtualmente uma cidade morta, tenha embora todo o prestigio do passado...

E a victima resignada da nossa civilização... *c'est l'homme solitaire, ou qui aime encore la solitude*...

Aliás, já Aristoteles dizia que *pour vivre seul il faut être une bête ou bien un dieu*, phrase que Nietzsche, modernamente, accrescentou o seguinte: *il manque le troisième cas — il faut*

l'un et l'autre, il faut être... philosophe...

Prefiro ficar por aqui, com a minha tristeza e a minha solidão, *en homme hors de son siécle.*

Serei, porventura, um philosopho ou... *une bête*, já que nunca tive prurido de divindade?...

POMBO-CORREIO

MINHA encantadora amiga — Sua carta chegou-me ás mãos no momento mesmo em que, entregue á sua recordação, eu evocava o seu vulto querido e sempre lembrado.

Abri-a com essa natural soffreguidão de quem, na sua solidão, anseia por um pouco de sonho, de illusão, de felicidade. E você, minha doce amiga, sabe, como bem poucas mulheres, semear o balsamo de uma illusão em derredor dos que teem a ventura do seu convivio. E o faz com tanta delicadeza e com tanta prodigalidade, que, ás vezes, fico a pensar que o seu Eu, todo o seu ser bizarro e pequenino, é uma fonte inesgotavel, inexhaurivel de bondade, de dedicação, de carinho e de solicitude. E nenhum dos seus amigos, que são tantos, poderá dizer que você dá preferencia a este ou áquelle. A todos, indistinctamente, você leva o raio de sol da sua alegria expansiva e communicativa, ou a suavidade de luar de sua alma cheia dessa infinita e mysteriosa ternura que suaviza todas as agruras e alheios soffrimentos. E' o que acontece commigo sempre que a tenho proxima de mim, sob a caricia despreoccupada e dadivosa de seus lindos olhos feitos de céo e de infinito. E' o que me está acontecendo, agora mesmo, ao abrir a carta que me dirigiu e de que se evola o doce perfume de sua alma de eleição que, sinto, está, neste instante, bem junto de mim. Tão junto de mim que parece minha, só e exclusivamente minha, como eu tanto desejava. Perdôe este impulso do meu egoismo.

Nós, os homens, somos sempre assim, exclusivistas, fundamentalmente egoistas.

Escute, minha bonissima "Santa Therezinha": não dê ouvidos ao que lhe digo. Vá, porém, fazendo o seu "céo" aqui na terra mesma, a espalhar as rosas da sua bondade e da sua meiguice entre os que, como eu, vivem do perfume de sua alma e de seu coração. Entre tantos, se um hou-

UM lindo sorriso do carnaval que se foi... E' da senhorita Irene Tavares Vieira.

vesse de ser eleito e preferido por você, certo esse feliz mortal não seria eu, que me contento em estar incluido no numero dos seus amigos, dando-me, assim, por muito feliz ainda.

Pois não é?... Adeus, e *forget me not*. Beijo suas mãos pequeninas de fada, da linda e encantadora fada que é você, que me conforta com a esperança do impossivel e do irrealizavel, porque uma mulher assim tão pura e tão perfeita como você só existe na minha phantasia, meu Amor...

SEARA ALHEIA

De Stuart Merrill:

J'ai vu ce matin trois colombes
Passer dans le ciel violet.
Beaux enfants, portez sur trois tombes,
La rose, le lys et l'oeillet.

Toi qui seras le plus beau, donne
Le lys a celle qui fut bonne,
L'oeillet a l'amante d'un jour,
Et la rose a mon seul amour.

Puis retourne danser la ronde
Sur la route, et ne reviens pas.
Aucun bonheur ne dure au monde
Plus que la trace de tes pas.

PETIT-BLEU

FAÇO um retrospecto do nosso amor, desse pobre sonho de amor ainda de hontem, e que já tem uma longa historia de soffrimento, de tristeza, de desillusões e de angustias.

E, a evocar todos os seus instantes, todas as suas esperanças e todos os seus anseios, fico, ás vezes, sem saber se realmente me amas, ou não. E, a duvida — esse travesseiro de espinhos, de que falava um escriptor — assalta-me, não raro, dolorosamente. Porque tuas attitudes, teus gestos, tuas proprias palavras nem sempre exprimem e revelam o mysterio de teu coração, desse pequenino e caprichoso coração que dizes ser meu, unicamente meu.

Diante do enigma de tua alma, que não consegui ainda decifrar, não sei como me conduzir.

Se, solicito e carinhoso, estou a teu lado, bem juntinho de ti, parece que, a proposito, buscas alheiar-te de mim, e tão longe, tão longe te sinto, ás vezes, tendo-te tão perto, que tenho a impressão de que nunca foste minha. Se, porem, apprehensivo, me afasto, logo te revoltas e me censuras e te queixas de que não te amo, que te quero esquecer!

Como te comprehender, dize-me?

E fazes-me recordar aquelles lindos e singelos versos de *La Didone abbandonata*:

Se resto sul lido,
Se sciolgo le vele,
Infido, crudele,
Mi sento chiamar:
E intanto, confuso
Nel dubbio funesto,
Non parto, non resto,
Ma provo il martire
Che avrei nel partire,
Che avrei nel restar.

Mil · historias · sem · fim...

Por Malba Tahan

106ª NARRATIVA

Os 99 dinares

Hoje, antes da prece, achava-me, como de costume, junto á porta da mesquita de Ullah, valendo-me da caridade dos bons mussulmanos, quando de mim se acercou um cheik ricamente trajado, que eu soube depois ser o poderoso Habib Karmala, terceiro vizir do nosso rei.

Esse nobre mahometano, depois de presentear-me delicadamente com uma bolsa cheia de ouro, disse-me, em tom confidencial:

— O nosso querido soberano (que Allah sempre proteja!) tem ouvido as mais elogiosas referencias á inquebrantavel honestidade de um escriba chamado Ali Durrani. E' intenção de Sua Majestade nomear esse homem para o ambicionado cargo de thesoureiro real. Tal escolha, porém, não me agrada nem póde convir aos outros vizires. Sei egualmente que o escriba tem o costume de vir todos os dias a esta mesquita, e nunca deixa de soccorrer, com um dinar de cobre, a todos os mendigos que encontra. Conto, meu velho, com o teu discreto auxilio para desmentir por completo a fama de probidade de que goza Ali Durrani.

— Que devo fazer para auxilial-o, ó cheik poderoso? — perguntei.

— E' simples — continuou o prestigioso vizir. — Logo que o escriba appareça, irás ao encontro delle e procurarás convencel-o de que elle, hontem, sem querer, te deu, por engano, um damassin de ouro e que, portanto, tem direito a um troco de 99 dinares. Se conseguires fazer com que o escriba — quebrando os seus principios de pura honestidade — guarde indevidamente o troco, receberás de mim, como recompensa, duas mil peças de ouro!

Só Allah, o Incomparavel, poderia avaliar a intensa alegria que de mim se apoderou ao ouvir tal proposta. Eu estava convencido de que o escriba, por mais honesto que fosse, não deixaria de acceitar um simples troco de 99 dinares. E já me acreditava possuidor do rico peculio que o vizir me offerecera, quando esbarrei na recusa inabalavel do escriba. Fiquei por isto exaltado e, perdendo a calma e a serenidade tão necessarias, não pude conter um accesso de furor e tentei maltratar o homem bondoso e honesto que tantas vezes de mim se apiedára ao trazer-me o seu obulo generoso.

Ao ouvir a narrativa do mendigo, disse-lhe o juiz:

— Não encontro como justificar o teu infame proceder, ó servo de Cheitan! E' duplo o teu crime: procuraste illudir um bemfeitor e tentaste induzil-o á pratica de uma acção indigna! Vou, pois, buscar no Livro Sagrado a sentença inexoravel e castigar-te como mereces. Quero, porém, ouvir antes as testemunhas que comtigo foram trazidas até aqui!

Um velho tecelão chiita, que fôra o primeiro a soccorrer o escriba, approximando-se do integro juiz, disse-lhe, depois de um respeitoso "salam":

Peço-vos humildemente perdão, ó Emir! Penso, porém, que não deveis lavrar sentença contra esse infeliz mendigo! O escriba é o culpado unico!

— Por que ousas affirmar tal absurdo, ó irmão dos arabes? — indagou, surpreso, o juiz.

— Porventura não conheceis — continuou o tecelão, com segurança — o caso extraordinario occorrido com um joven bagdaly que recusou uma caravana carregada de ouro e pedrarias?

— Que caso foi esse? — perguntou, curioso, o juiz.

— Conta-nos, ó tecelão, esse caso tão singular, que deve, segundo creio, encerrar grandes verdades e profundos ensinamentos!

— A vossa ordem, ó Emir! — respondeu o tecelão — está sobre meus olhos e sobre meu coração! Escuto-vos e obedeço-vos.

E narrou o seguinte:

— Em Bagdad vivia, outr'ora...

A' frente dos destinos da grande republica norte-americana encontra-se, desde quatro do corrente, o eminente estadista sr. Herbert Clark Hoover. Homem publico de accentuado e expressivo relevo na sua Patria e no scenario da politica mundial, o novo presidente dos Estados Unidos da America do Norte, — que o Brasil, ainda ha pouco, teve a honra de hospedar, — é uma das figuras mais prestigiosas deste momento da vida internacional.

PAINEL DE AZULEJOS

CAPRICHOS DA NATUREZA

Os tres dias de carnaval fôram implacavelmente perseguidos pela chuva. Insistente, incansavel, a agua do céo não deu uma tregua aos foliões da cidade. Embora estes procurassem lutar contra o aguaceiro, reapparecendo a cada melhora do tempo, divertindo-se mesmo sob o fustigar da chuva, a natureza não se impressionou com essa valentia e não cedeu um passo. Foi agua a fartar.

Mas passou o carnaval e, como podia chover á vontade sem fazer mal a ninguem, não choveu mais. Os dias são lindos, de sol, de céo azul turqueza, com poentes magnificos e calor insupportavel.

Que perversidade! Só depois do carnaval.

Quantos carnavalêscos por ahi não amaldiçôam esses caprichos da natureza...

NOTAS POLITICAS

DESEMBARGADOR dr. Antonio G. P. Sá Peixoto, ex-senador federal, actual presidente do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas, figura de acatamento e respeito da magistratura brasileira. Por esses titulos, acaba de ser justamente lembrado para a successão amazonense.

* * *

VEHICULOS DA URUCUBACA

A urucubaca anda em fluidos pelo espaço e projecta-se sobre os mortaes, encafifando-lhes a vida. E' essa pelo menos a explicação de certas infelicidades ou cafifas dadas pelos que acreditam nas taes influencias do astral.

Como a urucubaca é fluida, só se póde manifestar atravez de intermediarios physicos. Por isso de vez em quando os espiritos maus que a manejam fazem a sua corrente convergir para uma classe de objectos e eis como certas coisas dão urucubaca. Felizmente, os attingidos pela bicha procuram defender-se e descobrem logo qual o vehiculo da má sorte. Ella, então, muda e a luta continúa...

Presentemente, está verificado de modo absoluto que as seguintes coisas dão a mais terrivel urucubaca deste mundo: phosphoros de céra, goiabada, gravata de tricot e roupa marron...

Cuidado, portanto!

UMA HOMENAGEM DE SAUDADE

Com a quantia que lhe coube como premio ao seu bello livro Fim de Primavera, *laureado pela Academia Brasileira, o joven e brilhante escriptor Edvard Carmilo prestou uma homenagem de saudade ao seu querido amigo Duque Estrada, o illustre critico e notavel homem de lettras: erigio o seu tumulo no cemiterio de São João Baptista.*

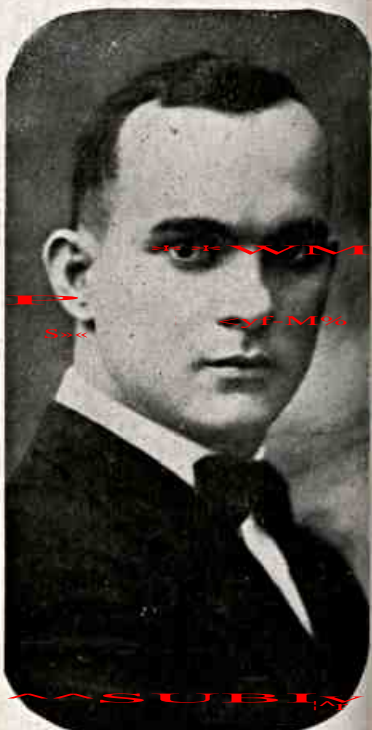
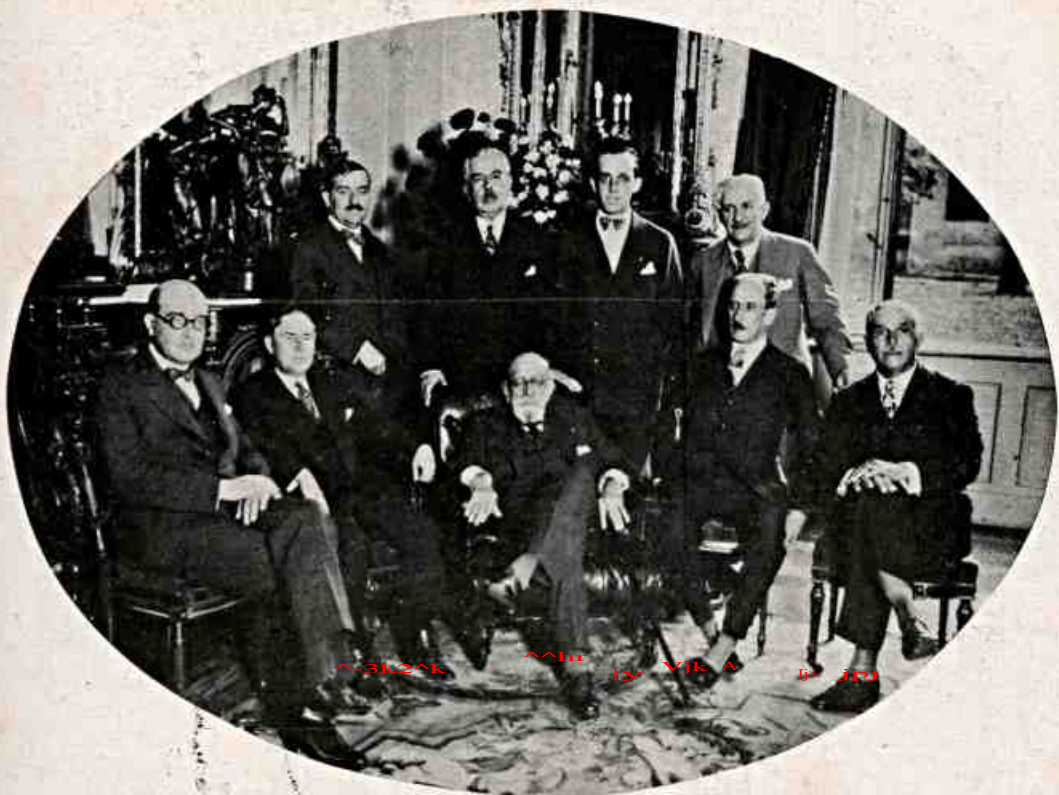
Um escriptor vivo glorificou o escriptor morto com o producto de sua penna amestrada. E' um exemplo lindo de amizade pessoal e de fraternidade litteraria, um exemplo que merece o louvor de todos quantos estimam a arte e amam os artistas.

CANTO DA MINHA TERRA

Uma nova edição do luminoso livro do grande Olegario Marianno. Uma nova edição que é um novo successo, porque o poeta a recheiou com muitas poesias ineditas ou que somente tinham sido publicadas esparsamente. Canto da minha terra *é uma das mais bellas obras de arte da poesia brasileira e agora ainda mais ataviado de emoção e de rythmos se nos apresenta, mostrando que a immortalidade não diminuio o estro do poeta, antes o augmentou de modo inconfundivel. Olegario Immortal é bem maior do que Olegario quando era simples mortal, o que, de certo, não é a regra...*

Saudando-o ao entrar na Academia, um prosador moço disse que elle começara a curvar-se para a terra mãe, procurando ouvir as vozes da sua alma e os murmurios do seu passado. E' verdade. Canto da minha terra *bem mostra isso. E cada vez que Olegario se ergue duma dessas meditações, em que lavrava o terreno patrio, traz as mãos cheias de pepitas de oiro...*

DOM CARLOS

IMPRENSA DO CEARA'

O dr. Walter Pompeu, advogado, professor e jornalista cearense, é o redactor-chefe da «Revista das Industrias», o novo orgam da imprensa de Fortaleza, que surgiu ha pouco mais de um mez, com um programma de ampla finalidade, «cheio das mais sadias esperanças e das mais solidas convicções».

O venerando conselheiro Antonio Prado cercado de amigos e correligionarios, em sua residencia de São Paulo, no dia em que festejou o seu 90º anniversario natalicio.

ESQUECIMENTO

Um individuo é preso sob a accusação de ter injuriado gravemente um vizinho. Na delegacia, o commissario o interroga:

— E' verdade que chamou seu vizinho de canalha e cachorro?

— Sim, senhor commissario: é verdade.

— E' verdade que o chamou de bebado?

— Tambem é verdade.

— E é, igualmente, verdade que o chamou de ladrão?

— Não, senhor commisario. Esqueci-me.

Professores, medicos e estudantes de medicina que tomaram parte nos trabalhos da «Semana Dermatologica», quando visitavam a Santa Casa de São Paulo.

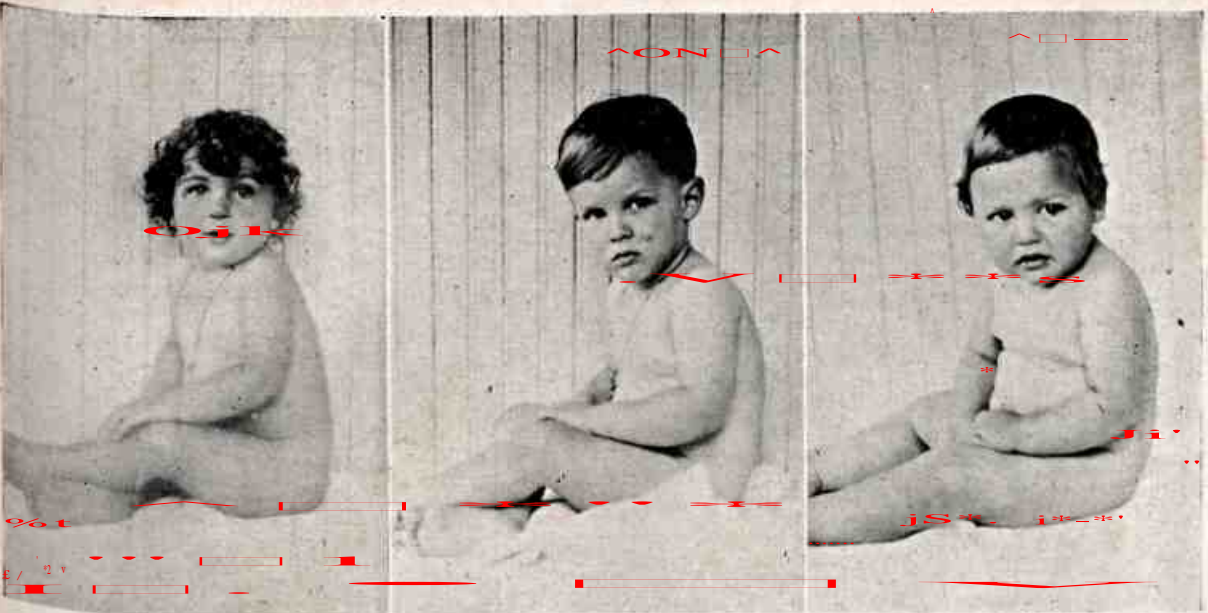
SEIXOS

Meu sonho, feito de claridades, de deslumbramentos feito — lantejoulas da Illusão — que por tanto tempo acariciei no recondito de minh'alma, tornou-se, agora, em tuas mãos, simples brinco de criança...

Não sei se exagéro. A gente, quando magoado, é susceptivel de exageros. E até de outras cousas... Mas, seja como fôr, attitude é attitude, e eu ainda te vejo, sublime de ironia, sorrindo á confissão da grande dôr que eu espiritualizára para viver, talvez, longe do mundo e perto do ideal sonhado para minha ventura interior...

Teu sorriso se transmudará em flôres no meu jardim de saudades, e tua imagem me ficará, para sempre, naquella mesma attitude, vivendo na memoria visual cansada e dolorida...

CRIANÇAS que tomaram parte no segundo concurso de robustez infantil e no primeiro de eugenia, que a Inspectoria de Educação Sanitaria de São Paulo ultimamente promoveu naquella capital.

Os tres primeiros premios do concurso de eugenia: meninas Adenir Ferreira de Carvalho, Ruth Lopes e Rachel Celeste Bonora.

DE SÃO PAULO

O SEGUNDO CONCURSO DE ROBUSTEZ INFANTIL

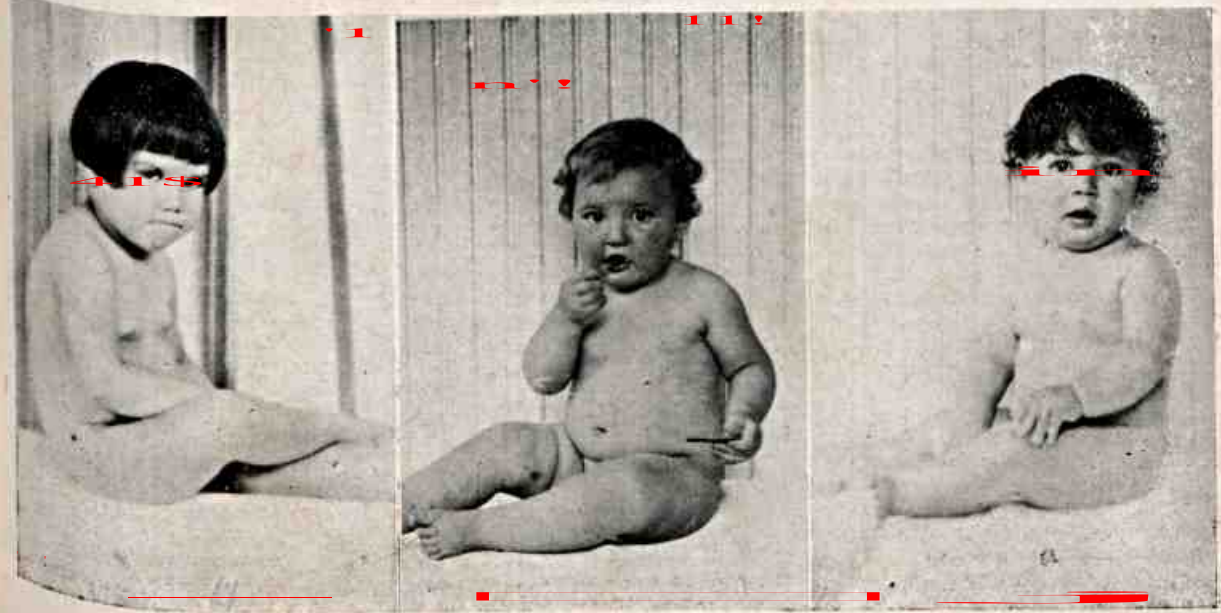
PROMOVIDO pela Inspectoria de Educação Sanitaria e Centros de Saúde, realizou-se em São Paulo o segundo concurso de robustez infantil, no qual foram premiadas as crianças cujas photographias publicamos nesta pagina.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

SEM qualquer falsa presumpção, sinto que sou um sujeito fundamentalmente bom. Bom e tólo, ou idiota, porque essas duas qualidades, nos dias de hoje, quasi que se confundem. E, por isso mesmo, é que não tenho chance, na vida, no amor, em tudo. Hoje, dizer de alguem que elle é um bom homem é reduzil-o á sua expressão mais simples como coisa sem valor, senão prejudicial, nociva, e aberrante de todo senso commum.

Aliás, em todos os tempos o individuo incapaz de fazer o mal foi sempre um sujeito talhado a não ser coisa alguma en ce bas monde. No outro é possivel que elle venha a entrar no reino dos céos. Mas, isso mesmo é tão problematico, que não dá a ninguem desejo de morrer para tentar a experiencia. A passagem, para lá, é só de ida. Com uma "voltazinha", garantida, em caso de não querer esquentar o logar, ainda vá. Sem ella, vou ficando por aqui, até quando o bom Deus fôr servido...

•

A proposito de que semelhante preambulo? Esaú andará aluado?

E' possivel que sim, minha gente — vou eu adiantando com os meus botões. Porque, desde que comecei a andar ás voltas com Melindrosa, dei de andar tambem ás voltas com a minha cabeça. E, dada a estreita ligação que dizem haver — que eu não sei — entre a lua e a mulher, conforme seja maior ou menor a influencia daquelle apparentemente inoffensivo planeta sobre Melindrosa, eu, mesmo sem querer vou marchando tambem nas "complicações", pela via dos effeitos indirectos.

Isso dito assim parece uma coisa um tanto of side e rebarbativa. Mas não é. Explico-me, exemplificando, essa influencia dos "reflexos" na vida de um homem: Melindrosa, supponhamos, tem um chilique. Ou porque a lua fosse minguante ou crescente, ou nova ou cheia, ella — a lua — de qualquer maneira, foi a causadora do chilique. Mas, quem aguenta com as consequencias do dito é o "coronel" honorario de Melindrosa, porque toda Melindrosa gosta de armar cavalheiro de sua bizarra personalidade a alguem capaz de ostentar nos... bolsos das calças o brilho daquelles providenciaes e desejados galões.

•

ORA, como disse acima, eu sou um cidadão desses que ainda têm a rara e corajosa franqueza de se considerar, e o declarar, em publico, um typo bom. Pelo menos cheio de bôa vontade. E

O dr. Oliveira Flores, delegado do Tribunal de Contas, e advogado em nosso fôro, é um temperamento combativo, e que muito vem trabalhando pelo 1º districto federal. Da sua acção politica muito é de esperar, pois, moço e intelligente como é, o dr. Oliveira Flores é um elemento prestigioso. Aproveitando a passagem de seu anniversario, o conhecido advogado se passou para o 2º districto desta capital, onde já vem actuando, fortemente, com os seus amigos politicos.

• • •

um homem de boa vontade não poderá ser, por sua vez, senão um individuo bem intencionado, direito, leal, e camarada á bessa.

E' o que se dá commigo, sempre que estou ao lado de qualquer Melindrosa. O meu instincto de paternidade — porque sinto que nasci para ser o homem da familia, compenetrado da sua nobre e santa missão de dar filhos á Patria — brada logo "ás armas", e lá vem filhinha pr'aqui, queridinha pr'ali, toda essa longa e interminavel série de coisas assucaradas e suaves com que a gente vae destillando, no alambique do coração, o hydromel do carinho.

POIS bem: Melindrosa conheceu o meu fraco, o meu ponto vulneravel, e, de certo tempo a esta parte, quando viu que eu não tinha geito para... marchar como "coronel", vive a alimentar e a atiçar, maneirosa e solicita, a chamma sagrada dos meus pruridos parternaes.

Um dia destes, ao dar-lhe um saquinho de bonbons, depois de lhe pagar o sorvete e os doces, ella, virando-se para mim, de bocca cheia, a chupar um "marron glacé", foi-me dizendo:

— Esaúzinho, quando tu fores meu maridinho, serei eu quem te darei bonbon todos os dias.

— Tu me darás bonbons todos os dias? Que especie de bombons, Melindrosa?

— Não sei, "seu" curioso! Depois tu me dirás se gostaste, si não.

— E por que não me darás agora, uma "provinha", para experimentar?

— Agora? Vá lá! Só se serve na occasião... bem quentinho...

Bonbons á minuta, servidos na occasião, bem quentinhos! Que diabo será isso?

— E só quando tu fores meu rico maridinho, quando tivermos o nosso lar, que será um lindo "menage", não é, Esaúzinho?

•

NUNCA achei Melindrosa tão tolinha e antipathica, como nesse dia. E' uma especie de creatura com quem a gente não se póde abrir e expandir um pouco mais, que não venha logo com idéas sinistras de casamento e outros que taes.

Certo que sou um homem que nasci par o lar, para o ambiente feliz e puro da vida domestica, agitada alacremente por meia duzia ou mesmo duzia e meia de pimpolhos. Isso, porém, se eu o tivesse realizado ha vinte annos atraz.

Hoje, porém, na minha idade, para ser pae honorario... só mesmo de Melindrosa, de todas as Melindrosas bonitas, já se vê, e, ainda assim, por muito amor á arte e para não desmentir a verdadeira vocação com que cada um vem a este mundo...

ESAÚ E JACOB

DA TERRA DO HOMEM PLANTADOR DE "ARRANHA-CÉOS"...

De S. Paulo levou-se muito tempo a falar da garôa — no tempo em que os homens andavam pela terra a sonhar maravilhas.

As gerações succederam-se. Outra gente veio — o homem que começou a plantar café.

Depois, não se sabe, de subito veiu uma geração de gigantes, que, após as fazendas, começou a plantar uma cidade de arranha-céos.

Tudo de accordo com o seculo, com a hora nervosa, com os homens praticos.

* * *

E os poetas deixaram de cantar a garôa para contar a historia, em seus versos modernistas.

Appareceram os "Martim Cereré", exaltando as figuras centraes da raça de "violadores do deserto e plantadores de cidades", nas rimas verde e amarello de Cassiano Ricardo.

* * *

Uma *élite* maior formou-se, uma *élite* intellectual, creando em derredor de si, ou em seu seio, uma colmeia doirada, cheia de abelhas a produzir...

Os monumentos do espirito a correr com os "Martinellis" plantados no coração do Triangulo.

E esta colmeia é fecunda. Todo o dia ella nos dá uma nota interessante dos valores que nella vivem. S. Paulo tem, sempre, uma exposição, afinando pelo espirito excentrico dos revolucionarios que pretendiam arrazar o mundo, com sua arte allucinada (futurismo), ou affirmando as excellencias de um pincel cheio de tons e de belleza.

Neste caso se encontra um nome que S. Paulo, agora, cerca de toda a sua admiração: Antonio Rocco, que, mantendo uma exposição na galeria da Casa das Arcadas, se nos affirma um dos mais aristocraticos temperamentos da pintura, na terra fundada por Anchieta.

E' um fascinado pelos assumptos que reclamam entrar em funcção valores além dos interpretativos, porque dá a todos os seus quadros um merito de emoção. Não pinta somente o que os olhos divisam: vae alem...

Quer compôr . E compõe, para dar-nos uma bagagem como a que estamos a admirar, marcada de talento, quer em "Mineiros", trabalho com capacidade a crear consagração a todo o artista que o seja, quer nas figuras, nos retratos, que os envolve com um admiravel e esplendido poder de fascinação.

Ja se disse que Antonio Rocco veio iniciar, brilhantemente, o anno artistico de 1929. Não foi excesso... Foi uma sonóra verdade.

P. DE M.

«Princeza de Princezas» e «Os Mineiros», dois quadros de Antonio Rocco.

Sonhos do Haschich

RECOSTADA no meu amplo leito de bronze com pés de oiro, de cujo docel pende desdobrado um véu maravilhoso bordado a prata e perolas, recostada no meu leito luxuoso de princeza oriental, eu aguardo a tua vinda...

As horas luminosas do dia deslisam no quadrante solar. Da varanda de marmore que circunda os aposentos, sobem os trinos doirados de um canario côr de luz... E no grande relogio do salão nobre vibra de quando em quando o carrilhão sonoro, a voz clara e musical do velho tempo...

Todo meu ser, attento e desperto, aguarda a tua vinda. E a alegria mais pura que jamais senti, põe uma aureola de risos na minha fronte soffredora.

Tu virás, querido — emfim — para nunca mais te ires.

E quando a doçura vespertina houver entrado pelas janellas largas abertas, e quando a macia penumbra crepuscular se tiver enrolado no zaimpho azul que vela meu leito, tu, meu rei, estarás para sempre a meu lado...

E a noite ha de desdobrar a benção das estrellas sobre o silencioso abysmo da minha felicidade.

Porque, quando houver sôado a ultima hora da minha espera, tu virás para o meu amor...

Tu virás para a minha vida...

O Centro Gaúcho, de São Paulo, organizou uma noite de arte para homenagear o dr. Oscar Tollens, que ahi apparece entre as pessoas que deram brilho a essa festa.

...eixos

— «A Inspiração... Que é a Inspiração?» — perguntou-me você. E eu, no momento, absorto que estava, não te pude responder. Assim aconteceu, muita vez...

Hoje, porém, recordando tua voz, teu gesto, teu olhar, cheios de encanto e cheios de harmonia, digo, simplesmente, que a Inspiração é qualquer cousa assim como você... você, que é o verso mais lindo do poema doloroso do destino que me coube na partilha universal de todos os destinos... você, que tornou minha amargura em doce felicidade abençoada e contente...

Grupo das pessoas que tomaram parte no almoço offerecido, sabbado ultimo, por algumas figuras do alto commercio, ao industrial Arnaldo Voigt, por motivo de sua partida para a Europa.

SECVLO XX...

A SUPREMA COBARDIA

NÃO ha duvida nenhuma que o suicidio, em qualquer circumstancia e seja por que motivo fôr, não passa do acto mais cobarde e mais deprimente que o homem póde commetter.

Aquelles que procuram dar alguns suicidios como sendo um desfecho honroso para o suicida, esquecem-se de que o homem que busca a morte para rehabilitar a honra foi o primeiro a achar-se incapaz de encarar com desassombro e com coragem os tropeços da vida, os embaraços que não resolveu facilmente e que lhe mettem maior medo do que a morte.

Fugir deante do inimigo ou procurar fugir á lucta da vida, são cobardias iguaes.

Não ha, pois, justificativa para o suicidio.

A pequena Yvone dos Santos Loureiro, que se divertiu como gente grande no ultimo carnaval.

Encarar a morte é muito mais facil do que encarar a vida.

O suicida é um sujeito que se mata e commette o mesmo crime do soldado que deserta deante do inimigo, abandonando as armas destinadas a combatel-o.

Ninguem poderá apontar com segurança uma causa de suicidio justificado.

Tudo tem remedio neste mundo.

Não ha quem não possa rehabilitar-se perante a sociedade, não ha quem não possa restabelecer a honra abalada, não ha quem não encontre um novo amor para substituir o perdido; emfim, não ha motivo que seja tão irremediavel, tão forte que só se encontre o suicidio como remedio para elle.

Não ter coragem para morrer é uma prova de ter coragem para viver, e vice-versa.

Além de tudo, o suicida é, ordinariamente, um individuo egoista, um mau sujeito.

O homem que, tendo mulher e filhos, se mata por difficuldades de vida, se esquece de que vae deixar em maior miseria ainda a familia que elle criou e infelicitou.

Pouco lhe importa que os filhos morram á fome; elle mata-se porque espera na morte o descanso, o socego, o bem-estar, o termo da lucta, a irresponsabilidade.

Não considerar crime esse acto, será o cumulo do optimismo.

Quem duvidará que esse homem, melhor orientado e armado de força de vontade, venceria a adversidade e afastaria a miseria?

E se fosse só isso...

E aquelles que procuram a morte prejudicando a outrem, como sejam os que se atiram sob vehiculos?

No emtanto, está por demais sabido que o suicidio é uma molestia contagiosa, que age por influencia nos espiritos fracos, nos portadores da tara do suicidio, nos alcoolatras, nos syphiliticos, nos toxicomanos, nos idiotas.

O suicida é, pois, um typo anormal, que, ás vezes, só pelo acto que leva a cabo, demonstra que o era.

Ordinariamente, a quéda do individuo para a destruição de si proprio reside nelle em estado de lethargia; o exemplo dado por outro maluco acorda a mania e ella começa a trabalhar.

Todo o suicidio é seguido de perto por outros.

Os chamados suicidios duplos, tão ao sabor dos namorados de hoje, representam sempre um assassinato.

No emtanto, a lei que diz: "E' crime induzir-se alguem ao suicidio", ordinariamente não pune como devia aquelle que escapa ao duplo suicidio.

Para esses deveria haver a "prisão perpetua" independente de julgamento, fosse elle o proponente ou o proposto.

O maior productor, porém, do suicidio é a divulgação do acto.

A' imprensa cabia o melhor papel na guerra ao suicidio.

O silencio profundo em torno do cadaver do auto-assassino será a primeira cousa a se fazer.

A prohibição formal das egrejas catholicas, protestantes e de outros credos, com o fim de evitar que pelos suicidas sejam rezadas missas e feitos outros officios funebres.

Pena de prisão egual á de tentativa de assassinato para o suicida "manqué".

Multa pesada nos responsaveis por jornaes, revistas ou outras publicações que trouxessem á luz da publicidade noticias de suicidios.

O meio usado em Mileto para evitar o suicidio-epidemia que alli grassou entre as mulheres, hoje não produziria effeito.

O pudor "post-mortem" das miletenses é, hoje, completamente desconhecido e prometter-se expôr nú na praça publica o cadaver de uma suicida será talvez de effeito contraproducente...

Evitemos que os cinemas exhibam "films" onde haja suicidios, persigamos os romances, folhetins, etc., onde se encontrem descripções de

Deodocilia Werneck, uma sizuda «bahianinha» carnavalesca...

suicidios "heroicos", eritemos o commentario sobre acto tão repellente, e teremos feito um grande bem á nossa terra.

O suicida é um individuo que nos abandona, que nos nega cooperação, que não confia na bondade nem nos nossos sentimentos altruisticos; é um profugo da sociedade, que morre ordinariamente maldizendo a todos nós, que nada fizemos para a sua perda.

Piedade, lagrimas, commentarios, será que elles o mereçam? Não.

Se o merecem, por que não o merecerão tambem aquelles que, com premeditação, se tornam assassinos?

O unico animal que se mata é o homem.

O suicidio é, pois, a maior nodoa que existe na Criação, nodoa que sómente cabe sobre o mais apurado dos viventes — o homem.

ASTAROTH.

Como nos seduz e encanta um rosto perfeito e lindo de juventude em flor...

POLLAH, o Creme scientifico da American Beauty Academy, dará a seu rosto o poder irresistivel duma eterna primavera...

As espinhas, manchas, rugas e muitas outras imperfeições, serão eliminadas dando logar a uma pelle umida, fina e lisa, debaixo da qual como se verá circular a vida.

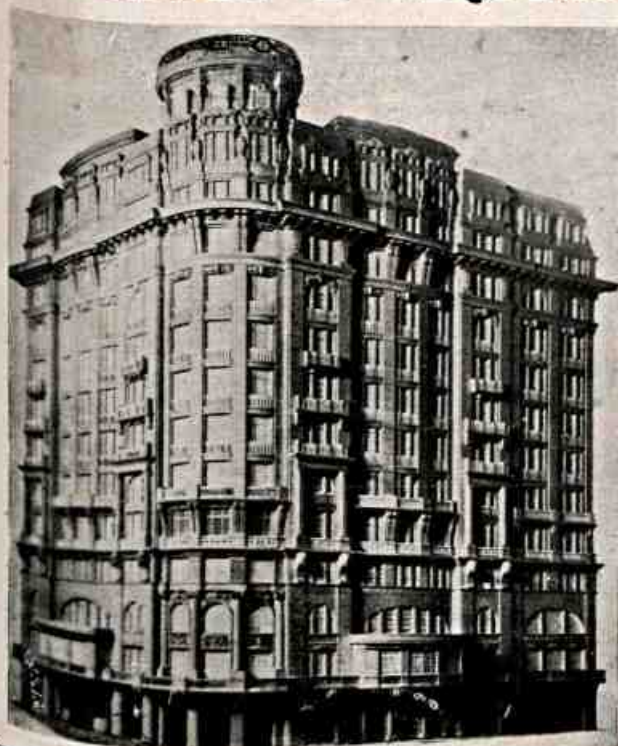
Para maior efficacia do emprego do CREME POLLAH, enviamos gratuitamente a quem nos enviar o endereço, o livrinho A ARTE DE BELLEZA; nelle se encontram todos os conselhos para a hygiene e embellezamento da cutis e cabellos. Corte este «coupon» e remetta aos Srs. Representantes da American Beauty Academy — Rua Riachuelo, 114 — Rio de Janeiro.

Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

F. F.

EM TODAS AS PERFUMARIAS E PHARMACIAS DO BRASIL.

GRANDES E PEQUENOS ESCRIPTORIOS

De 350$ a 1:200$000

Alugam-se, no novo e grande edificio do cinema ODEON servido por 4 elevadores, salas pequenas e grandes, proprias para profissionaes (medicos, advogados, dentistas, etc.) e para GRANDES COMPANHIAS adaptando-se como for necessario. Todas as salas com agua corrente e quarto de banho completo. Não se alugam salas e nem quartos para morada.

Entrada pelos elevadores da rua do Passeio e da travessa da Sorveteria Americana.

INFORMAÇÕES COM OS MOTORISTAS DOS ELEVADORES

UM CONSELHO

DE PIERRE VALDAGNE

COMO de costume, Hermelina Davilon entrou em casa de sua amiga, mme. Falouze, com um ar altivo e decidido.

A joven e a senhora eram muito intimas; o casamento de Bertha Falouze não havia modificado nada nessa grande amizade.

No emtanto, a attitude desenvolta de mlle. Davilon não conseguiu enganar, por muito tempo, a mme. Falouze. Hermelina lhe appareceu muito nervosa: as suas palavras gaguejadas surprehenderam-n'a. Não menos que a extraordinaria banalidade dos seus propositos, que se eternizavam sobre a belleza do tempo e a duração da guerra. Ella devia ter outra coisa a dizer-lhe.

E, com effeito, de repente, Hermelina se decidiu e entrou abertamente no caminho das confidencias.

— Eu já te falei do sr. Bernard Labry, não é verdade?

Palavra de honra, sim! Hermelina já havia falado á mme. Falouze do sr. Bernard Labry. Madame Falouze se recordava disso perfeitamente.

— Não só me falaste delle, mas eu tambem o conheço.

E' um joven que me parece muito intelligente.... Um joven engenheiro, não é? E' bem isso. Creio mesmo que tu o suppunhas apaixonado por ti.

— Elle o foi, disse Hermelina, elle o foi ha dois annos, com muita reserva e muito respeito, o respeito que devia a uma senhorita como eu.

— E, si não me engano.... tu não lhe deste grande importancia...

— Como querias que eu me apaixonasse tambem por elle? Eu tinha dezesete annos. Era uma criança. Não pensava senão no tennis e no boston. Não! Mas vês? agora o Bernard vem pedir a minha mão ao papae. E continúa ainda a vêr-me de vestido curto e cabellos soltos!

— Eu tinha dezenove annos quando me casei.

— Sim, mas tens sido sempre muito razoavel.

— E agora? Que é feito de Bernard Labry?

A physionomia de mlle. Davilon se tornou grave.

— Que é feito delle, minha querida? O que é feito delle é que elle se bate, naturalmente. Está na Alsacia e já conseguiu duas citações.

— Bravos!

Hermelina sacudiu a cabeça.

— Tu dizes "bravos!"

— Ora essa? E por que não?

— Dizes "bravos" quando o teu marido está em Argonne e corre perigo todos os dias?

Bertha Falouze se poz a rir.

— Primeiramente, minha querida, o meu marido não corre perigo todos os dias. Tu bem sabes que elle foi mobilizado como medico militar.

De mais, si elle está de facto na Argonne, não está no *front* propriamente dito. Eu estou tranquilla. E, emfim.... deixa-me te dizer que eu poderia estar muito inquieta, a respeito da sorte de meu marido, sem que, necessariamente, tu te devesses inquietar, do mesmo modo, pela de Bernard Labry.

— Por que então?

— Mas, minha querida, porque

o meu marido é meu marido, e sr. Bernard não é mesmo teu noivo.

— Nós já o somos!

Mlle. Davilon acabava de atirar essas tres palavras com uma voz clara e, ao mesmo tempo, se levantou.

— Olá! Que é isso? continuou mme. Falouze. Elle é teu noivo?

— Não... não... Apenas, Bertha.... E' necessario que eu te diga alguma coisa.... Eu tenho visto Bernard, novamente.

— Tens visto Bernard?

— Duas vezes seguidas, e sem ser a proposito, eu t'o asseguro.

— Elle não está mais na Alsacia?

— Está aqui, com licença de oito dias. Ante-hontem encontrei-o, de manhã, no Trocadéro.

— Vocês se falaram?

— Naturalmente. E, hontem, elle almoçou com os paes e nós em casa dos Robiac.

— Então? perguntou Bertha Falouze, a quem a historia começava a interessar vivamente.

— Então... então, é que hoje experimento uma grande emoção ao pensar que esse rapaz vá voltar para a fronteira.

— Que me dizes?

— A verdade. Durante dois dias senti que poderia gostar de Bernard.... e vim pedir-te um conselho.

Mme. Falouze estava um pouco embaraçada.

A confissão de sua amiga a surprehendeu. Ella a deteve com um simples gesto.

— Espera!... Espera!... Deixa conciliar as idéas. Que? Então estás apaixonada tambem?

Mas Hermelina, sem dar attenção, continuou com vehemencia:

— Sim, eu creio bem que gosto de Bernard. Si tu o visses... Ha dois annos, elle não me causava a menor impressão.

— Eu te asseguro que era uma criança e que não pensava senão em brincar. Mas depois, eu me tornei grave.

— Grave, tu?

— Mas sim, mas sim. A guerra faz meditar. Mesmo ás "Jeunes filles".... e quando encontrei novamente Bernard, com os seus galões de sargento, a sua cruz, quando vi o seu rosto queimado, masculo, viril, e os seus olhos que haviam visto a batalha, senti que seria feliz em ser sua esposa...

— Pois bem, respondeu tranquillamente mme. Falouze, eis um lindo sonho que poderás realizar depois da guerra. Bernard é de excellente familia.

— Sim, sim! Mas a questão não é essa.

— Qual é então? Crês então que, depois de dois annos, quando elle estava apaixonado da garota ali

eras, tenha mudado de sentimento?

Hermelina olhou a sua amiga bem de frente.

— Estou certa de que elle não mudou de sentimento.

— Elle t'o disse?

— Elle nada me disse, mas eu o notei. Estou convencida de que Bernard sempre me ama. Mas tambem estou certa de que elle não me dirá nada.

— Por timidez?

— Talvez... e depois tambem porque estamos em guerra e não é bôa a occasião para se tratar de noivado. Adivinho que esse bravo rapaz terá dito comsigo: "Si me declaro, si a pequena Hermelina me acceita e si sou morto em combate, deixarei uma semi-viuva, cuja situação será falsa e deploravel. Si eu nada lhe digo, ella me lamentará talvez um pouco, mas me esquecerá mais depressa."

— Si Bernard Labry pensou isso, elle tem razão, e é necessario felicital-o pelo seu silencio. Será essa a questão?

— Não disse mlle. Davilon, a questão é esta: Bernard me ama e, por muitas razões nobres, pre-

UM CONSELHO — (Conclusão)

* * *

fére se calar nesse momento. Mas eu tambem o amo, e me pergunto si não devo, por outras razões, embora oppostas ás suas, provocar a sua declaração.

— Tu?

— Eu! Comprehende, minha Bertha? Bernard retorna ao *front*, onde se arrisca á morte ou a terriveis feridas. Ora, elle ama desde tres annos uma garota que, segundo pensa, não se lembra delle. Não é meu dever lhe dizer que a "jeune fille" pensa nelle e que o ama sempre?

— Hermelina!

— E que o seu pensamento o acompanha por toda parte, e que si elle fôr ferido, será a pequena Hermelina que ha de ficar a sua cabeceira, e que si elle deve morrer... si elle deve morrer, é preciso que tenha a consolação de saber que a mulher que elle prefería o chorará sempre, e guardará, piedosamente, a sua saudade. Parece Bertha, parece que devo agir desse modo. Que me aconselhas tu?

Mme. Falouze se concentrou um instante. Tomou nas suas mãos as de Hermelina, e perguntou:

— Estás certa de que amas Bernard?

— Certissima!... affirmou Hermelina com uma voz tremula.

Então Bertha Falouze attrahiu sua amiga contra o peito e lhe disse:

— Fala a Bernard, minha querida. Força-o a descobrir seu coração. Será para elle uma grande felicidade.

— Ah!, exclamou Hermelina em um grito de alegria. Tu pensas como eu!

— Sim, mas reflecte ainda. Si vocês são noivos e deve acontecer uma desgraça... quanto te arriscas soffrer!

Mlle. Davilon levantou a sua pequena cabeça energica e altiva e lhe disse:

— Eu o sei bem! Mas esse soffrimento... Acaso eu não lh'o devo? Acaso, desde agora, eu não lh'o devo, uma vez que o vejo claramente em mim?

Bertha baixou a cabeça e exclamou:

— Tens razão!

Cinzas

QUANDO meu pae me mandou para Valença estudar num collegio interno, fiquei com raiva.

Carioca genuino, muito me custou habituar-me á reclusão do internato.

Só sahiamos a passear aos domingos, mas, na cidade, nada havia que vêr, além de meia duzia de garotos que passeavam a sua formosura provinciana no Jardim de Baixo.

Depois me habituei. Fiz-me *sportman*. Era o *full-back* do *team* infantil e *half* direito do primeiro *team*.

Mais tarde, arranjei uma namorada. Chamava-se Maria e trabalhava na fabrica de tecidos...

Muito pito do director levei por causa della.

Ella nem lêr sabia.

E eu, que nunca havia tido amôres, enchia-me de orgulho com a pequena que, por signal, era feia.

Quando chegaram as ferias, tivemos uma despedida em lagrimas e ella me deu como recordação um punhado dos seus cabellos amarrado num nastro de fita côr-de-rosa.

Naquelle tempo, as mulheres tinham cabello para dar e vender.

Hoje, tenho saudades daquelle bom tempo.

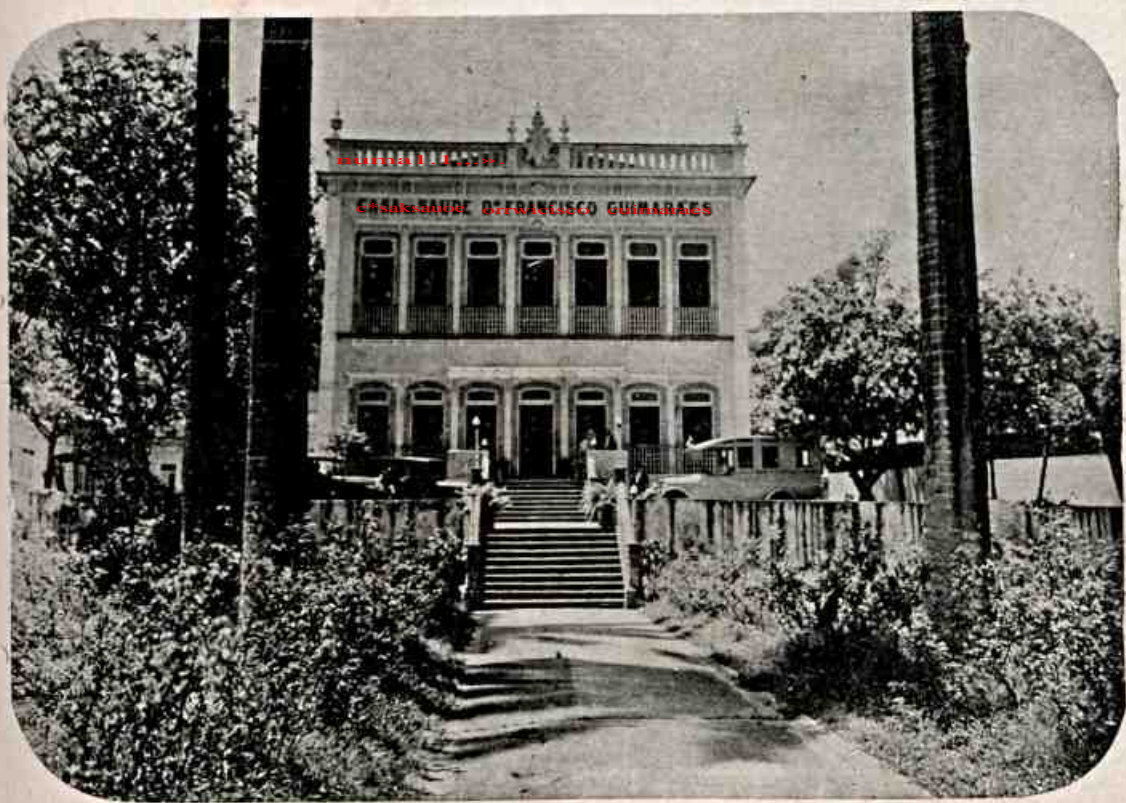
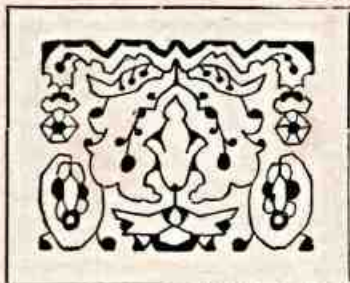
As sahidas furtivas, á calada d anoite, rumo ás jaboticabeiras carregadinhas... As pandegas nos dormitorios para a dôr de cabeça do bedel... Os banhos no rio das Flôres...

Quanta cousa ingenua e bôa!...

Depois, a gente ganha juizo e perde o gosto pelos divertimentos. E vem a dôr e o soffrimento. E a vida começa a parecer pesada e má.

E surge sempre uma mulher em nossa vida.

E' o fundo da taça da amargura.

MATTOS-ALÉM.

Varinha de Condão

A MESA DE CHÁ'

SE para os almoços e jantares de cerimonia, a toalha, rendada ou não, deve sempre ser impeccavelmente branca, a fantasia mais ousada preside, hoje em dia, ao arranjo das mesas de chá.

As figuras 1 e 2 mostram uns modelos parisienses de toalhas para chá, bordadas ou pintadas em côres vivas.

Ha tambem quem não use toalha, porém apenas pequenos guardanapos postos sob cada chicara. Estas são, ás vezes, cada qual de uma côr, emprestando maior originalidade ao conjuncto da mesa.

Fomos ha dias visitar uma nossa amiga, moça elegante e culta. A's cinco horas, ella nos fez passar para sua alegre e fresca salinha de jantar. A mesa estava coberta por uma graciosa toalha de fundo creme, sobre o qual surgiam uns desenhos de flôres azues e côr de oiro. As chicaras eram desiguaes, não apenas quanto ás côres, como succede nos modernos

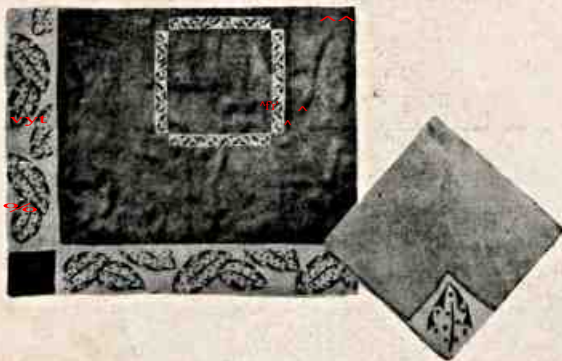



Fig. 1

apparelhos para chá; eram completamente deseguaes. Mas que pequeninas maravilhas! Uma era de Sèvres legitima, de fundo branco e delicadissimos arabescos azues com uma barra na borda da taça e do pires; outra, de uma preciosa porcellana com uns tons transparentes de ambar; a terceira, de um rosa muito desmaiado, trazendo umas silhuetas pinceladas a nankin, parecia ter vindo directamente da terra dos mandarins... A quarta, emfim, dir-se-ia haver sido talhada num pedaço de jade verde. Estavam postas sobre a mesa alternadamente, uma lisa, outra desenhada.

Do bule de prata, se evolava o perfume do chá, e ao lado, numa jarra de crystal, um liquido côr de oiro, gelado, dentro do qual boiavam umas rodelas de limão, chamou nossa attenção. Era o chá gelado, com assucar e limão, tão usado no estrangeiro.

Nossa amiga chegara ha pouco do seu primeiro contacto com as terras européas, e dava preferencia áquella fórma de beber chá nestes dias de barbaro calor. Entretanto, respeitando o habito brasileiro, mandára tambem fazer o chá quente. Em torno da mesa, porém, nenhuma das tres senhoras que lá estavam de

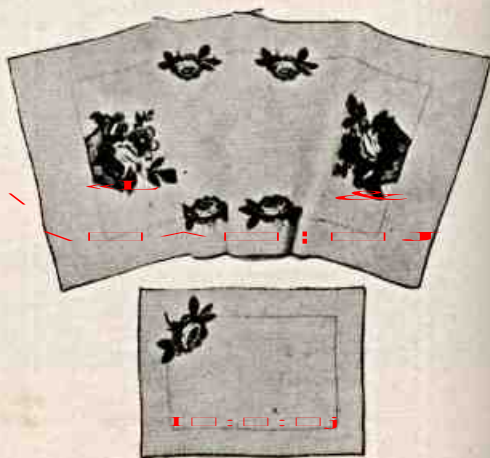



Fig. 2

visita, deixou de concordar com a predilecção da dona da casa, e meio impellidas pela curiosidade, outro tanto pela séde, todas estenderam os copos em vez das chicaras.

TRAJES DE VERÃO

FELIZ de quem, neste tempo, se acha longe do Rio, nas cidades serranas, nas estações de aguas, nas praias de banho. O asphalto das ruas ferve, e a reverberação intoleravel do calor parece que se desdobra em faiscas cegantes dentro dos cerebros esgotados.

Feliz de quem, ao menos, goza, em Copacabana, das bellas noites banhadas de luar, do sopro vivificante do mar, pelos crepusculos doirados...

E na magia da Avenida Atlantica, é um continuo perpassar de silhuetas elegantes, de rostinhos brejeiros, adornados por frescas "toilettes".

Eis dois vestidinhos de verão (figs. 3 e 4), proprios para as horas de conversa ou de "footing" á beira-mar. São graciosos, simples, leves, e de facil execução. Podem servir tambem para o "tennis" ou o "golf".

SUGGESTÕES NOVAS

OS pequenos detalhes são para a "toilette" o que é a pontuação no estylo. Bem sabemos que os dos poetas modernos o escrever sem virgulas nem

Figs. 3 e 4

bonitos; mas, exactamente, elles nos dão a impressão de vestidos sem uma flôr nem uma joia. Podem ser bellos... falta-lhes graça, sabor, ás vezes mesmo tornam-se incomprehensiveis.

Longe de os imitar, o modernismo da "toilette", cuida cada vez com maior carinho dos pequeninos nadas, que são tudo em gentileza e faceirice.

Eis uma pagina de suggestões novas, firmadas por grandes nomes parisienses. (Fig. 5).

M. 1 — Banda asymetrica branca sobre um vestido de "soirée" negro.

M. 2 — Punho bordado em pedrarias, ajustando a manga muito larga de uma capa de noite, de veludo de seda.

M. 3 — Cache-col de seda ou de veludo escuro com pontas recortadas presas em talhos praticados em tres estreitas bandas de pelle clara.

M. 4 — Gola de fita abotoada com um "bouquet" de flores miúdas.

M. 5 — Echarpe de tulle negro, para um vestido de jantar, originalmente presa nas costas por uma fivella de "strass".

M. 6 — Collarinho e punhos duros de linho desenhado directamente, côr sobre côr, para um traje de sport.

M. 7 — Luvas de "peau de Suéde" bordadas de preto e oiro;

M. 8 — Collarinho e punhos de perolas graduadas para um vestido de seda preta.

ALGUMAS RECEITAS

Já se foram os bons tempos em que, qualquer festa familiar, era pretexto para que se transformasse uma casa em verdadeira fabrica de doces... Eram bolos e "puddings", cabellos de anjo e babas de moça, e beijinhos e suspiros e compotas de todas as especies.

Hoje, a confeitaria é proxima, e basta estender a mão para o phone...

Mas ninguem dirá que os doces comprados têm o mesmo sabor dos feitos em casa.

Fig. 5

Eia, pois, elegantes mamãs, e de vez em quando, ao menos, satisfaçam a gulodice dos filhinhos... e do maridinho...

Querem tentar umas receitas novas? Eil-as:

Bolo de nozes (Fig. 6):

1/3 de chicara de manteiga.
1 chicara de assucar.
3 gemmas de ovos.
1 1/3 chicaras de farinha de trigo.
2 3/4 colheres de chá de pó Royal.

Fig. 6

1/2 colher de chá de sal.
1/2 chicara de leite.
3/4 de chicaras de nozes.
2 claras de ovos.

Bater a manteiga até ficar em ponto de creme; addicionar 1/2 chicara de assucar, mexer até misturar bem. Juntar as gemmas, bater até ficar espessa a massa. Misturar a farinha, o pó Royal e o sal successivamente. Addicionar então o leite aos poucos, e depois as nozes partidas em pedacinhos; bater bem. Bater as claras até ponto de neve, misturar nellas a restante meia chicara de assucar, e despejar na massa. Pôr numa fôrma untada de manteiga, cujo fundo foi forrado com um papel. Cozinhar 45 minutos em fogo regular. Retirar da fôrma depois de se cobrir com "glacé", sobre o qual se espalham alguns pedaços de nozes.

Bolo de chocolate:

6 gemmas de ovos.
1/2 chicara de assucar.
2 colheres de sopa de chocolate em pó.
1/2 chicara de agua.
6 claras de ovos.
1/2 colher de chá de fermento Royal.
1 colher de chá de baunilha.
1 chicara de farinha de trigo.

Bater as gemmas até ficarem espessas e claras; aquecer o chocolate, o assucar e a agua juntos até formarem uma pasta (experimentar n'agua fria), deixar esfriar um pouco e addicionar essa pasta, correndo-a em fios, ás claras batidas em ponto de neve, juntamente com o fermento. Juntar a baunilha, as gemmas, e a farinha bem peneirada. Cozinhar em uma fôrma não untada, durante 10 minutos em forno moderado, e durante 40 minutos em forno brando.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

MARUJO SEM PAVOR

DA PARAMOUNT

Cinema — IMPERIO — Richard Dix, para fazer graça, é um caso serio. Nem mesmo ajudado pelas situações. E' o artista da energia, da masculinidade sem affectações, do *homem*, no bom sentido do termo. D'aqui resulta que sempre que o põem em situações de certa comicidade, cochila. Esta comedia, em que ha uns laivos dramaticos, não desperta interesse no seu desenrolar inverosimil. Vive pela opportunidade do ambiente, pois que foi trabalhada durante a ultima convulsão chineza, em que as forças norte-americanas tiveram uma grande acção. E' para despertar patriotismo. Está bem por lá. A interpretação tem pouco a destacar, nem o argumento, por demasiado pobre, dava motivos a trabalhos notaveis.

Cotação — SOFFRIVEL

BEIJAR NÃO E' PECCADO

UFA

Cinema ODEON — Pequeno film, com idéas originaes, um tanto ousadas, no seu argumento. Xenia Desni põe n'este trabalho a sua vivacidade de sempre. Bello sorriso, uns lindos olhos, travessura, um bocadinho de peccado. Ahi é que está mesmo o merito intellectual do film. A sua direcção aproveitou essas qualidades da artista em situações de muito espirito. A interpretação é natural, sobria e animada em todas as principaes figuras. A technica é modesta. Não teve margem para grandes esforços, ficando-se n'uma grande simplicidade, pura obra vulgar de cameraman. E', emfim, um trabalho alegre, que dispõe bem.

Cotação — SOFFRIVEL

LABIOS SELLADOS

UFA

Cinema GLORIA — Uma obra de arte, seja qual fôr o campo em que se desenvolva, não póde exceder, no recurso imaginativo, o que a boa logica e o bom senso determinam, quando procura traçar um pedaço da vida real. Ora, esta pellicula foi além, muito além, do que os referidos bom senso e boa logica permittem. Aquillo escapa á mais modesta observação. Uma mulher, ou antes uma esposa, (lembrem-se todas as intimidades que semelhante situação exige) não póde ser reconhecida por um marido cego quando elle recupera a vista! A voz!... O tacto!... Esses pequeninos nadas que são na vida tudo?... Não, não é possivel. Semelhante scenario, por melhor que fôsse a sua parte technica, não daria a victoria ao melhor dos directores. O ambiente é elegante, delicado, luxuoso e de bom gosto. Mas o enredo!...

Cotação — SOFFRIVEL

VENUS A' SOLTA

DA FIRST NATIONAL

Cinema CENTRAL — Uma excellente comedia, em que o disparate do enredo está bem dentro do genero, com interpretes de primeira ordem. Seria, quanto ao argumento, um trabalho louvavel se não tivesse appellado para o cansado recurso do sonho ou visão. E' de justiça no emtanto dizer que o que mais agrada no argumento é exactamente o contraste, sempre de seguro exito comico, entre a vida classica da antiga Hellade e os costumes, instrumentos e indumentaria dos nossos dias. No "cast" está em primeiro logar Charlie Murray, vindo depois em trabalhos de merito, Thelma Todd e Louise Fazenda. Direcção excellente e technica superior, com aproveitamento de todos os processos que provocassem effeitos comicos.

Cotação — BOM

DOCAS DE NEW YORK

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Por que estava tão abandonada a sala do Capitolio quando nos sentámos apreciando este trabalho?... O calor? Não basta como razão. A verdade, a verdade que pusilanimes não se atrevem a confessar, é que o gosto do publico carioca em cinema está completamente desvirtuado, mercê d'uns pobres

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (Conclusão)

diabos, eivados de futilidade e de cretinice, a que a propria Paramount dá força e protecção, e que passam o tempo a endeusar verdadeiras monstruosidades em arte, as unicas que a sua cerebração é capaz de alcançar. D'aqui resulta que obras de arte como este film da Paramount — obra de emoção, obra de verdade, obra de technica sublime — têm o abandono do publico futil, pessimamente educado por um grupinho de patetas, que a Paramount carioca traz sob o seu manto protector — "Docas de New York", como obra de technica — o que sobretudo distingue a arte filmesca da arte de palco — é um trabalho modelar. Os grandes nomes da téla, que alli actuaram, não accrescentaram cousa alguma á sua gloria, se exceptuar Baclanova, que é, na realidade, uma mulher empolgante pela sua arte e pela sua belleza. O que supera tudo n'esta pellicula é a sua direcção e a sua technica, modelos que podem servir de exemplo.

Cotação — BOM

O ASSALTO DO EXPRESSO CORREIO

DA F. B. O.

Cinema PATHE' — Film para platéas populares, a quem agradam especialmente as situações violentas, de aventuras criminosas, em que não raro os heroes malfeitores é que lhe conquistam o applauso. Casos de psychologia social que não nos interessam. O film não tem originalidade. A especie está cansada, si é que o cansado não é o publico. O genero policial conta hoje na cinematographia norte-americana, milhares de trabalhos. E' difficil encontrar originalidade, e quasi sempre os interpretes se repetem acompanhando o scenario. N'esta pellicula ha um trabalho soffrivel que a salva, embora não dê fóros de primeiro logar: é a technica que architectou e realizou effeitos apreciaveis.

Cotação — SOFFRIVEL

O SANGUE PURO É A BASE DA SAUDE!
Defendamo-nos da Syphilis e do seu cortejo macabro:
Do Rheumatismo que inutiliza o homem tornando-o um aleijado;
Do Arthritismo sempre devastador em todas as suas manifestações;
Das Feridas chronicas, das Ulceras e das Chagas sempre nocivas.
Defendamo-nos, depurando convenientemente o sangue!
TAYUYÁ
DE SÃO JOÃO DA BARRA
depura e tonifica o sangue sem dieta e sem resguardo
MÃO SANGUE · MÁ SAUDE
LABORATORIO OLIVEIRA JUNIOR
RIO DE JANEIRO
R. 2 DE DEZEMBRO 17.
KoHOUT.

O BOLO

DE HENRI ALLORGE

O bureau de copias de Mme. Astier estava abarrotado. Além de o ter installado em pleno "quartier" Latino, onde os copistas são poucos, ella agradava pelas suas maneiras gentis, o que attrahia a clientela.

A modicidade de preços era outra razão para que os freguezes procurassem o seu estabelecimento.

Ella trabalhava muito; ella e as suas auxiliares, duas jovens, mlles. Julietta e Suzanna, e uma joven senhora, Mme. Martha. Lá, era habito designar as dactylographas pelos seus prenomes. E os clientes seguiam este uso, porque, se era permittido brincar em casa de mme. Astier, não se podiam ultrapassar esses limites.

Um joven estudante, sr. Paulo Larcher, havia feito a triste experiencia. Tendo tomado muita liberdade com mlle. Julietta, havia sido *illico*, posto porta afóra.

Mas era raro que isso acontecesse. A maioria da clientela se compunha de professores, velhos, em geral, e todos respeitaveis: sr. Remy, da Academia Franceza; Lebrun-Dancourt, da Academia de Sciencias; Langnud, professor do Collegio de França; Emilio Gravard, encarregado de curso na Sorbonne, e outros doutos senhores, a quem o riso de mlle. Suzanna deixava indifferentes.

Apenas um joven preparador da Escola de Pharmacia, sr. Gastão Sarrazin, gostava de brincar, innocentemente, com mme. Astier e as suas lindas auxiliares. Elle lhes dava a copiar certos trabalhos aridos, onde phrases pouco comprehensiveis alternavam com signaes cabalisticos. Era muito difficil decifral-os, para os profanos, e as copias estavam sempre cheias de faltas; mas elle não se aborrecia nunca.

Ora, — dizia, — vocês não são obrigadas a saber chimica. E, felizmente, para vocês. Os chimicos são os mais desafortunados dos mortaes, porque sabem que tudo quanto o nosso estomago absorve é abominavelmente falsificado. A mim, isso quasi impede de comer. Não sei o que vem a ser uma bôa refeição. Apenas os ovos frescos e os fructos colhidos na arvore me inspiram confiança.

E o sr. Sarrazin, que se havia especializado no estudo das fraudes alimentares, contava com uma gravidade desconcertante as espantosas falsificações que constatava diariamente.

— Basta! Basta! — gritava, em vão, mme. Astier. O senhor nos vae matar o appetite e nos impedir de jantar.

— Hum! Qual o que! Esse seria um meio para a senhora evitar a engenhosidade dos falsificadores.

E sahia rindo-se.

Ora, a terça-feira gorda se approximava. Para dar ás suas auxiliares um pouco de repouso e distrahil-as, mme. Astier convidou-as para virem almoçar e jantar com ella, em familia. Fariam bolo de trigo e o comeriam até á ultima.

Assim foi feito.

Um aviso, collocado á porta do escriptorio, prevenia que este seria fechado ao meio dia.

Depois do almoço, entregaram-se á confecção da massa do bolo, que, sabiamente composta, devia repousar até á noite. Como a cozinha era muito acanhada, as quatro mulheres ficaram na sala de trabalho, e uma grande sopeira, pousada, confortavelmente, sobre o bureau de mme. Astier, foi cheia de uma mistura amarella, para a elaboração da qual cada uma das assistentes deu uma receita differente.

Ficaram todas de accordo. E Julietta foi encarregada de acabar de preparar a massa e de recortal-a, emquanto as suas collegas contemplavam o conteúdo da sopeira, com asiendade.

— Creio que a massa apodreceu, observou Suzanna, vendo algumas nodoas suspeitas na substancia.

— Apodrecida? Nunca! Não é possivel, respondeu mlle. Julietta.

Estava ella no mais accesso do trabalho, quando se fez ouvir um toque de campainha.

— Quem póde vir a esta hora? murmurou mme. Astier. O *placard* indica bem que o *bureau* está fechado. Não respondamos!

Mlle. Julietta, que mantinha suspensa a massa, mergulhou-a na sopeira.

Um segundo toque de campainha, forte, decidido, autoritario, se fez ouvir. Pela vibração, as dactylographas se esconderam como nymphas perseguidas por um fauno. Só a sopeira ficou no seu logar.

No emtanto, mme. Astier interpellava as suas empregadas.

— Julietta, Suzanna, mme. Martha, é preciso ir abrir. Não vão todas a um tempo!

Ninguem se mexeu, se bem que a sineta continuasse a vibrar, sem cessar.

Emfim, mme. Martha, a contragosto, se resolveu. Abriu a porta e o sr. Gastão entrou, sorridente.

— Não ha nada de mais, exclamou elle; tenho que corrigir um erro no meu manuscripto. Foi para isso que vim aqui. Mas a senhora está só?

Mme. Astier, com effeito, confusa, como as outras, havia desapparecido.

Subito, o chimico percebeu a magestosa sopeira, collocada sobre o bureau.

— Oh! Oh!, fez elle, creio que me fazem concorrencia. [illegible]

Risos esfusiaram através de uma porta. Depois appareceu uma [illegible] bria de saia. Era Julietta. Por traz della, entrou timidamente Suzanna; depois a patrôa, collocando-se de lado.

— Ao primeiro exame, continuou Gastão, julguei que esse recipiente contivesse barro bem amassado.

— Oh! — exclamou mlle. Julietta escandalizada — não tem vergonha de calumniar, assim, a massa do bolo, que compusemos habilmente?

— Ah! é para fazer bolo? Nesse caso, retiro o que disse. Mas [illegible] que essa mistura seja excellente. Vejo pela côr que a farinha contem grande quantidade de carbonato de cal; o leite foi fabricado com cerebro de cavallo diluido em agua impura; os ovos são artificiaes. A senhora deve saber que varias usinas, na America, fabricam ovos aos milhões. Vou explicar como: para fazer [illegible] usam banha de baixa qualidade [illegible]

— Faz favor de calar-se! — exclamou mme. Astier, emquanto Martha e Suzanna ficavam sem saber o que fazer: se rir, ou tomar a serio as palavras do chimico.

— Pois bem! — disse Suzanna, para castigal-o, vamos comer o bolo sem o senhor.

— Oh, eu não quero envenenar-me. Bom proveito. Mas... o preparador bateu na testa — ia esquecer o fim da minha visita. Foi devido a essa mistura pouco appetitosa [illegible]

— Crêem, por acaso, [illegible]

OS INCOMMODOS DO ESTOMAGO

SÃO A CAUSA DA ENTERITE

COMO OS EVITAR

Muito frequentemente as pessoas soffrendo de incommodos do estomago ignoram a natureza do seu mal e desprezam-nos. Mais tarde estes incommodos podem degenerar em affecções muito graves. Uma das funcções mais importantes do estomago é de fazer passar os alimentos no intestino a um gráu invariavel d'acidez e de temperatura. Se o estomago não preenche regularmente esta funcção, graves incommodos do intestino pódem resultar. E' pois absolutamente necessario neutralisar todo e qualquer excesso de acidez do estomago, o que é facil sempre que se tome meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um pouco d'agua depois das refeições. A Magnesia Bisurada não só evita todo o excesso da acidez estomacal mas tambem evita e diminue a irritação das paredes do estomago. A Magnesia Bisurada é sem duvida alguma o remedio mais efficaz para evitar ou alliviar todos os incommodos digestivos. Não aguarde que a sua doença se torne chronica ou se complique com incommodos do intestino, tome Magnesia Bisurada hoje e sentirá allivio immediatamente. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

TRES CONSELHOS UTEIS E UMA OFFERTA GRATIS DO CALCEON

Em toda a casa deve ter sempre á mão:

1º. — Um tubo de Cessatyl, que é o melhor remedio contra a dôr e contra a grippe, podendo ser dado a velhos ou creanças, pois não faz mal ao estomago, nem deprime o coração.

2º. — Um vidro de Calceon, a salvação das creanças, fazendo passar todo o periodo da dentição sem molestias e fortificando os dentes e os ossos.

3º. — Uma bisnaga de pasta dentifricia Synorol, formula do professor Frederico Eyer e recommendada pelos mais notaveis dentistas.

ENVIAREMOS gratis uma bisnaga Synorol e Cessatyl a todos que nos mandarem uma lista de trinta nomes de senhoras da mesma localidade para — Calceon — Caixa Postal 1751 — Rio.

mme. Astier, que iamos trabalhar numa terça-feira gorda para o senhor? Para os seus bellos olhos?

— Não diga mal dos meus olhos, sobretudo deante dessas senhoritas.

— Oh! — disse Julietta — os seus olhos nos são indifferentes. Não é por nós que elles brilham.

— Que sabe a senhorita? — arriscou o sr. Gastão, deitando uma olhadella á copista. E avançou para beliscar-lhe o braço; mas ella, que havia apanhado uma colher, deu-lhe com ella nos dedos, sujando-o de massa.

O BOLO

(Conclusão)

— Ahi está como o senhor analysará uma bôa amostra!

— O senhor póde lamber os dedos, ajuntou Suzanna, emquanto Sarrazin, atrapalhado, procurava limpar-se.

— Eil-o punido das suas más palavras, disse mme. Astier. Quanto á sua copia, si o senhor quizer apparecer esta noite, depois do jantar, talvez possa ser acabada, com a respectiva correcção. E isso por um favor especial.

A' noite, o preparador voltou. Forçaram-no a comer o bolo, que elle achou excellente.

— Não é mau, não é? — disse Julietta.

Mezes depois, elle casava com a gentil dactylographia, a despeito das recriminações de mme. Astier, que se julgava lesada.

— Com effeito! — disse ella — á sua mulher que lhe servirá de copista, penso eu. Perco, de uma só vez, a minha melhor auxiliar e o meu melhor cliente.

O estado politico e social da Europa

De Herbert C. HOOVER

(Presidente dos Estados Unidos da America do Norte)

O analysar as impressões obtidas durante minha viagem á Europa, duas convicções dominam meu espirito. A primeira provém do contacto com o grande fermento de revolução, no que aquelles paizes procuram achar a solução de todos os seus males sociaes mediante experiencias praticas de socialismo. Estou convencido de que toda essa philosophia está em quebra, por seu alarmante effeito sobre a producção de artigos industriaes, a qual reduz, antes de quebrar, até o extremo de ser insufficiente para as necessidades da vida.

Minha segunda convicção não é nova, mas eu a reforcei grandemente. Cheguei a apreciar, melhor que nunca, quanto nós os americanos nos afastámos da Europa durante seculo e meio de existencia, no que se refere á perspectiva da vida, ás relações com os nossos vizinhos, e aos nossos ideaes sociaes e politicos. A grande importancia desse americanismo não nos permitte deixar que se aproveite de nossa collectividade para experiencias sobre o tratamento dos males sociaes, nem abandonar nossa direcção moral para restabelecer a ordem no mundo.

O cataclysmo europeu é o resultado de uma longa accumulação de erros, tanto sociaes como politicos. Não é uma cousa que haja surgido da conflagração. Suas forças entraram em acção pelo desmoronamento que causou a guerra, a quéda de instituições politicas que a precederam e a miseria que produziu.

A transformação geral da Europa durante o ultimo seculo, originada pela Revolução Franceza, alterou completamente toda a ordem social do mundo. Emquanto o impulso espiritual dessa revolução foi o pedido de liberdade politica, existia tambem um grande impulso economico, principalmente quanto á divisão da terra, sendo um de seus fructos a melhor distribuição da riqueza entre as populações agricultoras.

Desde então, uma enorme expansão do industrialismo mecanico se sobrepoz aos estados agricolas, com um grande augmento nas populações urbanas. O impulso economico de revolução de hoje é o pedido de uma divisão melhor da riqueza produzida pelo industrialismo, e a agitação surge agora das populações urbanas.

Essas grandes massas humanas da Europa procuraram, desorientadamente, desde ha tempos, o modo de conseguir uma egualdade de maiores vantagens e uma distribuição melhor dos resultados da producção industrial. O movimento foi denominado, nos ultimos annos, *socialismo marxiano*. Os methodos empregados tomaram duas fórmas: a bolshewiki e a mais moderada da nacionalização legislativa da industria.

A producção européa antes da guerra tinha o intenso estimulo de um alto estado de disciplina economica.

Durante a campanha, a forte organização economica e o regulamento do consumo, o incentivo patriotico para um esforço maior e o alistamento das mulheres no trabalho productivo — tudo isso equilibrou, em parte, o desvio do poder do homem para a guerra — e o fabrico de munições.

Agora, os impulsos que existiam, durante a conflagração e antes della, se perderam, e a producção diminuiu constantemente desde que se firmou o armisticio.

E' verdade que outros factores contribuiram para crear esse estado de cousas. Mas a causa principal da baixa na producção, com a consequente escassez de viveres e o alto custo da vida, deve ser procurada na diffundida agitação social.

Nessa agitação, os defensores do socialismo ou communismo dizem ser os unicos a falar pelos opprimidos, os unicos em apresentar remedios e em expressar a idéa liberal.

A Russia é um grande paiz no qual a população exceptuando uma pequena minoria, estava relativamente bem alimentada e vestida.

Da noite para o dia appareceu alli o socialismo encabeçado por uns dilettantes intellectuaes e criminaes, cuja tyrannia foi mais terrivel que a politica que existia anteriormente. Si hoje examinamos as recentes proclamações desse grupo de idealistas e assassinos, encontramos uma transformação radical em suas idéas economicas e sociaes.

Com effeito, emquanto se esforçam por sustentar que continuam sendo socialistas, procuram devolver ás pessoas o que lhes pertence.

O sacerdote mais elevado do socialismo procura em vão, hoje em dia, salvar seu povo de uma destruição completa, dirigindo um appello ás forças da producção.

A conclusão que tiro de todas as minhas observações é que o socialismo empregado como uma philosophia de possivel applicação humana, é um desastre.

Com rios de sangue e uma infinidade de soffrimentos, demonstrou ser um engano economico e espiritual.

O VOSSO DOUTOR

aconselha-vos a tomar o

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 169 em 24-3-1927

contra

as dôres do estomago

ARDORES
DYSPEPCIAS
ACIDAS

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS
A venda em todas as Pharmacias

O DENTOL (agua, pasta, pós, sabão), é um dentifricio que além de ser um excellente antiséptico é dotado de um perfume muito agradavel.

Fabricado segundo os trabalhos de Pasteur, endurece as gengivas. Em poucos dias dá aos dentes uma brancura de leite. Purifica o halito, sendo especialmente indicado para os fumadores. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.

— Moi, je voudrais un fiancé qui fume des cigarettes à bouts dorés et qui me paye du Dentol.

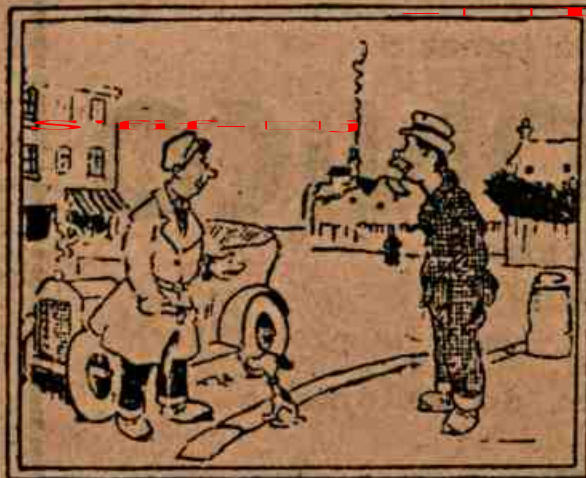
— Quem me déra um noivo que fume cigarros de ponta dourada e me compre Dentol.

O DENTOL encontra-se em todos os bons estabelecimentos que vendam perfumarias e nas Pharmacias. Approvado pela D. N. S. P. em 27 de Maio de 1918, sob os ns. 196-197-198.

DEPOSITO GERAL:

CASA L. FRERE

— 19 RUE JACOB, PARIS —

ESPIRITO ALHEIO

— Hontem, obtive um grande exito com o meu drama. Ao cahir o panno, o publico me chamou...
— Não me digas o que te chamou o publico!

— Eu tenho todas as minhas casas cobertas de telhas francezas. E você?
— Eu... tenho as minhas cobertas... de hypothecas.

AULA DE HISTORIA NATURAL

— Cite-me os ossos do corpo humano.
— Tenho-os todos na cabeça, senhor professor, mas não posso recordar-me delles neste momento.

— Mas, por que a familia della se oppõe ao casamento?
— E' que são sete na familia, e ella só tem um automovel...

— Que prefere você: champagne ou vinho?
— Conforme quem pague.

— Toda vez que vou á sua casa, com a conta da pharmacia, seu cachorro não me deixa siquer approximar-me da porta.
— Elle é um cachorro intelligente...

— Por que não trabalha? O trabalho devia ser um prazer para você.
— E o é. Mas creio que não é conveniente a gente entregar-se em excesso ao prazer.

— Um automovel matou, hontem, o Pinheiro.
— Que sorte tem esse homem! Na vespera, elle havia feito um seguro de vida!

A VISÃO

O' alcantilados do Baltico, na costa fria de Dautzig — onde a bandeira da Polonia levanta o seu direito á posse de uma porta maritima, cara aos oceanos — que differentes sois vós da costa cantabrica!

A caudal destas aguas semelha chumbo liquido em um tanque immenso. E quando a borrasca passa, rugindo, nas profundidades, movem-se as ondas largas, mas cheias do seu peso. Rompem-se em linhas de espuma — sem grandeza, sem variedade, entre um céo opaco e a rugosa negrura do [illegible]nhascal.

Ariscos, os nativos pouco ou nada têm que dizer da sua existencia. Pescadores durante a dominação allemã, conservaram o seu dialecto eslavo, e pouco sabiam da Polonia.

Cidadãos da Republica vistuliana, continuam a pescar e a tratar o pescado — *floudrar* e *sprott* — arraias e pescadinhos — como si fôssem harenques seccos; e o maior conhecimento que têm da patria chega a elles com subitas ganancias.

Buscando o seu mar, os polacos se vão aproveitando delle, as quatro ou seis semanas de bom tempo "provavel", e se hospedam nas cabanas dos pescadores (pois ha hoteis sufficientes e baratos) e desfructam a estreiteza e o primitivismo das vivendas ribeirinhas, que só têm uma qualidade acceitavel: a limpeza.

Entre a massa amorpha dessa região encontrei o melro branco, que encheu de um grande interesse os dias que durou a minha permanencia no [illegible] solitario de Karwia.

Ao creado de uns amigos meus, Franck, não [illegible] agradavel falar das suas aventuras de guerra. Mas como confiou algumas a sua esposa, resolveu attender á minha curiosidade, servindo assim, a sua narrativa, de preambulo a uma relação authentica, que me é grato não deixar sepultada na indifferença geral do homem para o homem.

* * *

HAVIA terminado a guerra e no acampamento do Cairo ainda se achavam muitos prisioneiros. Parte delles, com uma multidão civil de mulheres e creanças, embarcaram em 1.º de dezembro de [illegible] em Alexandria, no vapor turco *Artemius*, commandado pelos allemães.

Eram em numero de 2.000 os "repatriados" prisioneiros, em sua maioria ex-soldados do Kaiser. Entre estes, o polaco Franck, com mais de seiscentos patriotas.

A felicidade dos primeiros dias de liberdade, em uma bella travessia mediterranea, depois de [illegible] annos de inferno, nos *fronts* europeus, nos da Asia, no captiveiro, caiu uma tempestade, que destruiu o vapor, no golfo de Biscaia.

"— As avalanches de agua, batendo de encontro ao navio, que jogava e saltava — disse Franck — varriam a coberta, e os objectos de bordo rodavam sobre o tombadilho quebrados, dilacerados, reduzidos a frangalhos. Eu me agarrava ás cordas e aos

(DE SOPHIA CASANOVA)

leres, subindo afim de averiguar o que se passava e acalmar os meus companheiros enfermos. Mas o balanço do navio me derrubava; e sobre mim passavam os marinheiros em manobras rapidas.

E assim passamos dias.

Os marujos, quando isso se dava, pareciam loucos. Estavam desgrenhados e delles escorria a agua. Os olhos, aterrados. Ouvi um rumor nas machinas. Uma confusão enorme, um clamor rouco vieram de baixo. Corpos se atiravam uns sobre os outros, como si quizessem agarrar-se a uma taboa de salvação. A agua entrava por todos os lados, e a noite cahia, quando o commandante, um homem forte, chamado Von Muller, falou aos soldados deste modo....

— "Meus filhos. Não vos abandono, porém estamos perdidos. Não saiaes dos vossos camarotes, e esperae a morte como soldados serenos nos combates. Rezae e despedi-vos, em pensamento, das vossas familias... de todos os que amaes. Tambem tenho entes queridos e me despeço delles.... Não vos precipiteis tentando subir; não vos movaes, do contrario peorareis a nossa sorte. Não griteis e cobri as vossas cabeças com as mantas esperando a hora.... a vontade de Deus... Eu não vos bandonarei.""

Que succedeu então? O pranto de mil creaturas, querendo umas se pôrem em pé, e outras, levantando os filhos nos braços, livrando-os da agua que subia. Eu, cá no meu canto, sentia a agua nos joelhos, e não quiz esperar a morte inactivo.

Na guerra ella não demora. Vem depressa. Mas não estamos quietos, pelejamos a todo instante.

Preparei-me para ir até em cima e atirar-me ás ondas. Não pude. Desencorajou-me uma coisa que vi, algo de atroz que nunca imaginára..."

Franck silenciou, cabeça baixa, olhar no chão.

Não respeitei as suas impressões, porque desejava recolher dos seus labios a verdade de um facto que já conhecia de referencia, e roguei-lhe que continuasse a narrativa, que contasse tudo que se passára durante aquella noite tenebrosa.

— "Si é um segredo, como é que o hei de contar?" balbuciou o rapaz, perturbado. "A ninguem hei de confial-o..."

Deante, porém, da minha insistencia, elle accedeu:

— Está bem... Contarei tudo... Eu me despedia, com o pensamento, de minha irmãzinha e de alguem mais... Tinha noiva... Deixára ao partir para a guerra...". Pois no momento tragico do naufragio, ella me appareceu como em sonho. Vi-a com um traje branco e um véo negro sobre a cabeça e os hombros. Cobria o rosto como si chorasse. E me disse com a sua propria voz: "Não temas nada! Tu te salvarás!"

O homem novamente se calou. Limpou o suor que lhe escorria pela fronte, com o esforço da expansão. E logo terminou:

— Não posso falar... tocar em tal assumpto é um verdadeiro martyrio..."

— Pois até amanhã — disse eu a Franck, que ficou sentado nas pedras da riba, olhando a grossa corrente baltica, que além, muito longe, possue uma pequena linha de claridade solar, como uma barra de topazios...

Cabellos Brancos?

A LOÇÃO BRILHANTE faz voltar á côr natural primitiva em 8 dias. Não pinta, porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma formula scientifica do grande Botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis. E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do Extrangeiro, analysada e autorisada pelo Departamento de Hygiene do Brasil.

COM O USO REGULAR DA

LOÇÃO BRILHANTE:

1º.) *Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.* — 2º.) *Cessa a queda do cabello.* — 3º.) *Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos, voltam á sua côr natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.* — 4º.) *Detém o nascimento de novos cabellos brancos.* — 5º.) *Nos casos de calvicie, faz brotar novos cabellos.* — 6º.) *Os cabellos ganham vitalidade, tornando-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.*

Usada pela Alta Sociedade

Cessionarios para a America do Sul:

ALVIM & FREITAS

RUA WENCESLAU BRAZ, 22, Sob. — S. PAULO.

Primeira conjugação

(de Henry Duvernois)

A sua mão direita Maud sustinha uma carta, cuja leitura havia terminado. Abandonára a sua mão esquerda aos cuidados da manicure, que lhe friccionava as unhas com um dedo agil.

— Eu gosto mais do polidor natural, madame Maud.

Durante esse tempo, o *coiffeur* preparava a sua obra prima, ao mesmo tempo correcta e desleixada, passando um pente furtivo nos cabellos muito louros para serem honestos...

— Madame, é o professor, annunciou a creada de quarto.

— Que elle entre.

E Miguel Granupeux entrou.

Era um joven hesitante e abotoado, desses sobre os quaes todos os *pardessus* se transformam em *houppelandes*, todos os chapéos em *casquettes* e todos os calçados em *savates*. Uma barba parasita ornava o seu rosto, que parecia se retrancar por traz dos vidros scintillantes dos oculos enquadrados em tartaruga. A' guisa de saudação elle apresentou o seu guarda-chuva. Sorriu á manicura. Sorriu ao barbeiro, e perguntou vagamente:

— Mme. Maud Protin, faz favor?

— Sou eu, senhor, respondeu humildemente Maud. Desculpe-me. Tomo já um *peignoir* e fico ao seu dispôr.

E desappareceu. E a manicure interrogou:

— O senhor veiu para ensinar o que?

— A grammatica e o estylo, respondeu Miguel Granupeux.

— Será que ella deseja se fazer senhora de letras? galhofou o cabelleireiro.

— Cuidado! murmurou Melania, ella escuta por traz da porta e diz que somos nós. Vou preparar uma mesa com tinta, papel, mata-borrão... Que noite! Era só o que faltava!

Esse acolhimento desconcertou o recem-chegado. Curvou a cabeça, fechou o guarda-chuva entre os joelhos e fez pequenino, esmagado por tanto desdém e remoque.

— Por hoje, não se incommode não, gaguejou elle. Farei apenas um curso...

E permaneceu sozinho.

Pousou o seu guarda-chuva, abriu uma toalha de moleskine que cheirava a manteiga rançosa, tirou um pequeno livro cartonado, onde as manchas de oleo alternavam com as de tinta e procurou ler. Em vão. Fluctuavam, no gabinete de *toilette*, perfumes que distrahiam estranhamente: eram o iris, que Maud usava e o cheiro do chocolate que fumegava sobre a mesa.

Miguel sentiu acordar nelle uma fome dupla, que reprovou a si como um erro grave, porque era um joven casto e frugal. De mais, elle lamentava ter respondido ás perguntas das pessôas, o que creava entre elle e os outros, uma cumplicidade humilhante.

"D'ora avante, pensava elle, a minha attitude altiva, o som breve da minha voz, a minha impolidez mesmo, mostrarão a essa sirigaita que devo ser tratado com distincção."

Nesse momento, a creada de quarto vinha chegando.

— O senhor não está vendo —

disse a serva — que está sentado sobre as meias e a calça de madame? Levante-se dahi!

Elle assustou-se:

— Perdão! Queira perdoar-me!

— A que horas posso arrumar o gabinete de vestir?

— Não se incommode com isso.

Mas essas palavras escondiam um odio vehemente, o surdo rancor dos timidos que não chegam a exprimir os seus resentimentos.

— Será preciso requentar o chocolate? — perguntou Melania.

— Deixa-nos em paz — retorquiu Maud, simplesmente, apparecendo disfarçada em japoneza, em um kimono azul e verde. Os seus pés estavam nus, dentro das sandalias côr de rosa... "Eis o que é dar uma bôa resposta", pensou Miguel.

Levantou-se, tomou o seu guarda-chuva, deixou-o cair, apanhou-o de novo, acertou os seus oculos que escorregavam do nariz molhado por um suor de angustia e rasgou o seu lenço, ao tentar abril-o. E guardou, no meio dessas catastrophes, o sorriso contrafeito do athleta que ergue formidaveis hatéres, um sorriso pallido de agonia.

— Vamos começar, professor?

— Sim, madame. Agora mesmo. Ha nos verbos tres tempos principaes: o passado, o presente e o futuro. Exemplo do presente: "A creada de quarto Melania é grosseira."

— Comprehendi.

— Ella era grosseira hontem: eis o passado. "Será grosseira amanhã", eis o futuro.

— Amanhã eu porei porta fóra. Ella manda...

— Presente.

— Ella irá mandar onde entender.

— Futuro. Vamos passar á primeira conjugação: amar. Radical: am... Excusa empregar termos barbativos, mas o começo é sempre demasiado penoso.

— A quem o diz, o senhor! Em seguida, a gente se diverte algumas vezes...

— Modo indicativo, presente: eu amo, tu amas...

— Não — disse Maud. Para que negal-o? O senhor deve ter notado a minha tristeza, quando vim á minha primeira lição. Não, senhor Granupeux, eu não amo. Não tenho vinte e cinco annos, ainda, e é preciso dizer que o meu marido não dá grande importancia ás coisas do sentimento.

Elle ama por atacado. Conheci-o no ultimo verão... Era a primeira vez que eu via o mar. Primeiramente, tive uma grande illusão. E ahi está como certas pessôas pelas quaes fazemos grandes loucuras: logo de inicio, a gente não vê bem as coisas. Não tendo grande enthusiasmo para contemplar o oceano, eu jogava o baccará na sala do casino. "Permitte que a tome na minha mão?" perguntou aquelle que devia tornar-se

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

(Continuação)

meu amigo. Eu não sabia o que isso queria dizer. Respondi: "Sim", ao acaso, e ganhei cincoenta mil réis. Em seguida, elle me levou para o terraço. Conversámos. Explicou-me a differença que ha entre o Atlantico e o Mediterraneo, que é tepido no mez de dezembro. Quando a sua esposa chegou, elle me mandou para Paris, afim de esperal-o lá. Escrevi-lhe... E' exactamente para isso que recorro aos seus conhecimentos, em relação á orthographia e ao estylo. Elle quer que seja alguma coisa. Como si não fossemos, sempre, alguma coisa! Assim, eu sou alguem que se apaixona.

— Imperfeito: eu amava, tu amavas.

— Sim, e eu não o nego... Mas eu converso muito, não é?

— E', Mas isso a auxilia a comprehender as coisas. E' o que chamamos um meio mnemotechnico.

— Eu não me havia apercebido de tal. Amava... E isso ainda me acontecerá, talvez... Vê, meu caro sr. Granupeux, quanto mais avanço em edade, mais difficil me torno. Quanto mais difficil ficamos, mais occasiões se nos deparam, bem entendido. Elle se chamava Gastão... E nada conseguiria de mim, si acaso não me escrevesse sempre. Havia adquirido o habito de ler as suas cartas. Eis porque o conservava no meu affecto. Não podia passar sem aquellas quatro paginas. Como achava difficil decifrar a letra delle, lia um trecho no banho e outro no almoço... Isso fazia com que a manhã passasse mais depressa. Um ponto, é tudo.

— Concluiu?

— Sim, sim. Termino.

Ella se calou no "Tu terias amado", do condicional.

— Certamente, notou ella, teria amado. Vou dizer a quem teria amado: alguem que fosse intelligente e delicado, que me tivesse enlevado a alma, sem m'o fazer sentir. O que me desgosta nos homens é que elles têm o ar dos vossos inferiores, antes, e dos vossos superiores depois. São como os mendigos: supplicam, imploram, e quando recebem, é de admirar que não vos insultem.

Na segunda pessôa (singular) do imperativo: ama, ella murmurou, enrolando, com um gesto garoto, uma mecha do cabello do professor.

— Eu não desejaria mais nada senão ensaiar.

— Mais-que-perfeito: que tivesse amado. Ah, sim, madame, si eu tivesse amado...

Ella deixou cahir dos seus labios este commentario:

— Não me chame mais de madame, grande idiota. Deixa de lado o teu guarda-chuva. Tu me agradas, porque tu és serio e me impões a seriedade, juro! No emtanto, tu és mais ladino que pareces. Tu sabias bem o que fazias quando escolheste o verbo *amar*, meu pirata!...

— Absolutamente, não! — protestou Miguel Granupeux. — E' sempre o verbo *amar* que se toma para exemplo...

— Pensas tu? Para abrir as idéas das crianças?

— Eu lh'o asseguro...

— Isso não tem importancia, meu amor. As palavras são loucas. Deixa o teu guarda-chuva.

— Modo indefinido: presente futuro...

— Fecha o livro. Tu tens uns olhos lindos.

Hora encantadora! Miguel Granupeux iria contar agora, pela primeira vez da sua vida. Dentro em pouco, a grammatica era velada pela espuma das rendas. A lição mudou. Houve um silencio mysterioso, e tão longo, que Melania, a creada de quarto, concebeu suspeitas e collocou o ouvido á fechadura. E ouviu a voz do professor, uma voz fremente de reconhecimento, uma voz terna que continuava como através do mais doce dos sonhos.

— Participio: passado... amado... amada... tendo amado...

COLLABORAÇÃO

SUPPLICIO

MARILDA DALINIA

Lá fóra, os espaços são de ardosia. Pelo céo sombrio se alastra rapidamente a tinta negra da noite tempestuosa.

Vae chover. O vento furioso ramalha as arvores, fustiga-as, levantando nuvens de poeira, arrastando tudo numa dança doida e convulsa.

Aqui, na minha sala fechada e quente, entre livros e quadros, aspirando o aroma penetrante das rosas que se estiolam nos ergastulos das jarras, neste ambiente familiar, resguardada da tempestade, vejo através os vidros da janella, a paizagem sinistra, que o vendaval açoita furiosamente.

E' quasi noite. E meus olhos tentam em vão penetrar as sombras, que me envolvem, e já não distinguem senão manchas confusas e escuras, amontoadas desordenadamente.

E, emquanto me sinto resguardada da tempestade e uma luz rosada e quente anima a sala, penso em ti... Penso em ti, que a estas horas, talvez só e talvez triste, palmilhas longas estradas solitarias neste duro labôr, que é a tua vida, para que não me falte paz e conforto no lar que tuas mãos me criaram.

Como te enganas! Nem a mais leve tranquillidade ameniza a solidão inquieta dos meus dias, longe de ti!

E onde quér que te vás, te segue meu pensamento, ansioso e afflicto, creando males imaginarios, sonhando phantasticas torturas, para meu tormento.

Comtigo a alegria de quem sabe com desvelado amôr cumprir o dever.

Soffres e te alegras na doce illusão de que, longe de ti, meu espirito adormece embotado, neste caricioso ninho, que é o nosso lar.

No emtanto, a mim tudo é negado. Não tenho a satisfação que te conforta, nem alegrias, nem tranquillidade!

E as paredes desta casa como os negros muros de um carcere: opprimem, esmagam, desesperam, pois são na verdade as invisiveis grades que me segregam de ti.

Fere-me como a mais cruel das torturas o receio de que te venha acontecer algum mal. E meu coração insensato se debate angustiado na dolorosa incerteza das horas que passam com o seu mysterio e as suas surprezas!

E a saudade tua é como a loucura: não deixa um instante de allivio e a sua garra adunca rasga-me o coração!

Cousa estranha:

Porque me amas, porque me extremeces, infliges-me, sem o quereres e sem o saberes, com requintes de perversidade, o mais angustioso supplicio!

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade, bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: *Hors Concours.*

A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

FABRICA

FERREIRA SOUTO & C.

Rua Fonseca Telles, 18 a 30.

— RIO DE JANEIRO —

O GRANDE REMEDIO DAS SENHORAS

PARA COMBATER AS CAUSAS QUE ALTERAM O SEU ESTADO DE SAUDE E PARA ELIMINAR OS DISTURBIOS NERVOSOS AS CRISES DOLOROSAS E A CONSEQUENTE DECADENCIA PHYSICA

TOSSES
CATARRHOS
BRONCHITES
CHRONICAS

GOUTTES LIVONIENNES

Laboratoires TROUETTE-PERRET
15, Rue des Immeubles-Industriels, PARIS (XI°)

ENCONTRA-SE EM TODAS Drogarias e Pharmacias

TINTAS PARA IMPRESSÃO AS MELHORES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL

CAPPUCCINI & C.

RUA DA CONCEIÇÃO, 16 - Rio de Janeiro - Tel. N. 3347

"FON-FON" é sempre impresso com as TINTAS HUBER

Dame Française

ENSEIGNE SON IDIOME AVEC METHODE TRÈS FACILE, AU DOMICILE DES ÉLÈVES.

Telephone B. M. 2338

anti-EPILEPTICO de Liége

Combate todas as Affecções nervosas.

E nos mais graves casos que elle alcança mais exito.

JULIEN & ROUSSEAU, Caixa 484, RIO DE JANEIRO

Appr. D.N.S.P. N° 1091, 5/12/1922

COMBATER A SYPHILIS COM O USO DE depurativos é o methodo menos dispendioso. Sendo menos dispendioso do que os outros methodos e não menos efficaz que estes, segue-se que deverá ser o preferido, como realmente o é. O successo dependerá apenas da escolha boa ou má. O

LUESOL

de SOUZA SOARES

por exemplo, é um depurativo de 1ª ordem, que offerece todas as garantias.

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

Flores da França e de além-mar

De Edmond Pilon

ERA nos bellos tempos dos nossos bisavós, no seculo em que as "jeunes filles" viviam no encanto das flores.

Mme. de Mortsanf era um lirio do valle, Eugenia Grandet, a preoccupação dos campos e Modesta Mignon, uma violeta á sombra.

Todas tinham corações frágeis e apaixonados, frontes pallidas de amantes. A ancia do amor batia nas suas veias.

Eram noivas ardentes e castas; e, quando pela primeira vez, se desfazia o laço da sua cintura, as rosas de Saadi se escapavam das suas mãos crispadas de amorosas, caiam a seus pés, e davam, ao ar em que ellas se espalhavam, um perfume embriagador.

Todas ellas conheciam a linguagem mysteriosa das plantas, e sabiam lêr , no *Relogio de Flora*, segundo se abriam as petalas da papoula, as da rosa, ou de qualquer outra flôr, a alguns instantes do dia, ou da noite; eram corações semelhantes aos dellas, que batiam n'uma esperança viva e desabrochavam ás mesmas aspirações que os dellas...

•

... Hoje, as jovens senhoras amam sempre as flores tão semelhantes a si mesmas... Mas não penetram tão intimamente o seu encanto, nem conhecem tambem os seus segredos. Não se apercebem tampouco de allusões tão suaves...

A flora não é a mesma; e, no velho *bouquet* de França, onde os *coquelicots* e os *bluets* se casam com o lirio real, novas floras, muitas e novas, têm misturado, desde longo tempo, o seu perfume estranho ao daquellas.

A eclosão das suas petalas, no quadrante do velho relogio das nossas avós, não marcam mais os mesmos minutos de felicidade.

Essas bellas estrangeiras do jardim francez são — entre as mais antigas flores — opulentas *créoles* languorosas. Vieram com os navios, no bolso das vestes de um velho botanico, no bastão ôco de um religioso das missões. A maioria se impregnou do ôdor dos mares largos e azues, do reflexo dos céos ardentes que não conhecemos. Nasceram ao canto dos colibris; as aves das ilhas lhes emprestaram as bellas côres das suas azas.

VERSOS

MOINHO

As tuas pás, soltas ao vento,
Moinho!
girando, noite e dia,
sem parar,
com seu rumor
alacre e singular,
são para mim
um symbolo e um tormento

E a contemplal-as,
muita vez,
attento,
vejo tambem um moinho
em meu solar;
mas o trigo que móe
é o sentimento:
é o Remorso
que vive a triturar...

BENEDICTO CESAR.

Christovam Colombo foi quem primeiro trouxe das Antilhas, na sua caravella, hervas luminosas, que não havia em França.

Muitos navegadores — entre elles, Bougainville — importaram com elles, para os bellos archipelagos, o trigo, a cevada e o milho. As ilhas, em troca, lhes davam as suas flores, as suas plantas, de espigas raras, as suas arvores odoriferas.

Tivemos, assim, os mais bellos intrusos em nosso solo.

Os jardins de Le Nôtre e de la Quintinie, adorados de rampas, de lilazes e junquilhos se esmaltaram de especies exoticas. Um dia, as lobelias chegaram do Cabo, as balsaminas das Indias; uma outra vez, os texas enviaram os seus phlox; a dhalia veio do Mexique.

Foi uma invasão tyrannica de plantas.

As mais brilhantemente adornadas, as mais odorantes, as de petalas de nácar, de pollen adulado com que se embriagam as abelhas, conquistaram o logar onde o amarantho elevava a sua crista, onde pendia a orelha de urso, onde, ao puro brilho dos "espelhos de Venus", se reflectiam os amores perfeitos dos jardins.

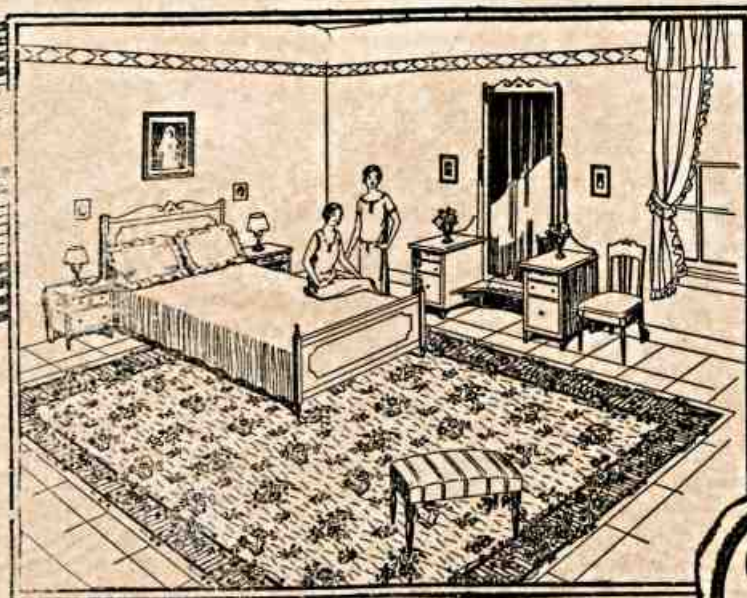
Os amadores do tempo de La Bruyére acolheram as tulipas e os jacinthos que os mercadores de Haarlem e de Constantinopla acclimataram, em toda parte, na velha Europa.

No seculo seguinte, nos bellos jardim de compartimentos, ao longo das alamedas curvas e recantos que as sultanas de Montesquieu teriam amado, onde Candido e Pangloss erravam, appareceram os lilazes da Persia, os cravos da India, as roseiras de Bengala.

A accacia da America que ... pou os pomares, proxima das arvores da Judéa, dos vergeis do Japão, — á sombra extensa que faziam o cedros, o jasmim de Virginia, os *zinnias* se abriam.

Pela primeira vez, do coração dos resedás, subiu um tépido aroma. As *créoles*, as mestiças e as mulatas abundavam.

Dentro em pouco, em Malmaison, toda ornada de rosas, cujo nome ficou, no canto das sarças — a imperatriz Josephina ... que desabrochassem, semelhantes a algum *sachet* da sua infancia — ellas, as magnificas flores da Martinica...

CONGOLEUM
SELLO-OURO
GARANTIA
SATISFACÇÃO GARANTIDA OU DEVOLUÇÃO DO SEU DINHEIRO

Por que é o Congoleum Sello de Ouro o tapete preferido?

É realmente notavel que haja muito maior numero de Tapetes Congoleum em uso do que qualquer outro tapete. E não se pode negar que, para que um tapete continue tendo uma crescente procura, elle precisa ter qualidades excepcionaes e ser superior a todos os outros.

O Congoleum é fabricado pelas maiores fabricas do mundo, e em quantidades muito maiores do que qualquer outro tapete; isto para attender a enorme procura assegurada pelas suas insuperaveis qualidades. Uma tão grande producção reduz muito o custo da fabricação, o que permitte que o Congoleum seja vendido a um preço ao alcance de todos.

Lindos desenhos para cada quarto

O padronagem e colorido dos Tapetes Congoleum são de rarissima belleza. Os desenhos são creações de artistas celebres de Paris, Londres e Nova York. São sempre o que ha de mais moderno e distincto.

O Congoleum adapta-se ao soalho sem ser pregado. Pode ser limpo num instante com um panno molhado. É sanitario e impermeavel. Não se deixa manchar por liquidos nem gorduras.

Note os preços baixos

2m75 x 4m58	210$000	2m75 x 3m66	173$000
2m75 x 3m20	155$000	2m75 x 2m75	133$000
2m29 x 2m75	111$000	1m83 x 2m75	87$000
0m92 x 1m83	30$000	0m92 x 1m37	22$500
0m46 x 0m92	7$500		

Nos Estados, os preços são ligeiramente mais altos devido ao frete.

Exija sempre o "Sello de Ouro"

Só ha um Congoleum verdadeiro, que se conhece pelo Sello de Ouro que reproduzimos acima, o que lhe garante "Satisfacção ou devolução do seu dinheiro."

A venda em todas as bôas casas

Vendas por atacado:

Congoleum Company of Delaware
Caixa Postal 1605, Rio de Janeiro
Rua José Bonifacio 12, São Paulo

TAPETES ARTISTICOS
CONGOLEUM
Sello de Ouro

Mande-nos este "coupon" e lhe enviaremos um folheto com reproducções a côres dos bellissimos padrões destes famosos tapetes.

GRATIS — Lindo Folheto Colorido

Congoleum Company of Delaware, Caixa Postal 1605, Rio de Janeiro.

Nome ______________________

Rua e No. ______________________

Cidade e Estado ______________________

ESCREVA CLARAMENTE

O TONICO DE EFFEITO RAPIDO

PARA

CASOS DE NEURASTHENIA, MELANCOLIA, EXGOTTAMENTO PHYSICO E MENTAL.

TONICO DE REAL VALOR NAS CONVALESCENÇAS, RESTABELECE AS FORÇAS PERDIDAS E TORNA POSSIVEL A RECUPERAÇÃO DA SAUDE.

CONTÉM OS VALIOSOS PRINCIPIOS VITAES DA NOZ DE KOLA (COLA ACUMINATA) E AS PROPRIEDADES TONICAS E ANTIPYRETICAS DA QUINA, COMBINADOS COM AS VITAMINAS DOS CEREAES, E A ACÇÃO FORTALECEDORA DA NOZ VOMICA

Unicos Concessionarios:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua do Ouvidor, 93—Rio de Janeiro — S. Bento, 33—S. Paulo